

LUIZ NASCIMENTO

# Memórias do Bairro Alto



**RUAS**

**INDÚSTRIA**

**ESCOLAS**

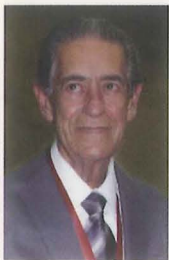
**HÁBITOS-&  
TRADICOES**

**COMÉRCIO**

**FAMÍLIAS**

**ESPORTES**

**TIPOS POPULARES**



**Luiz Nascimento,** funcionário público federal, aposentado, nascido em Piracicaba, no dia 29 de março de 1932, filho de Francisco Nascimento e Lucilla Nascimento, residente à rua Moraes

Barros, 1921, Bairro Alto, Piracicaba, CEP: 13416-745.

Cursos realizados: Curso de Aperfeiçoamento de Desenho Mecânico, Curso Elementar de Legislação Trabalhista, Curso Sobre Aspectos Humanos da Racionalização do Trabalho, Curso de Racionalização do Trabalho, Curso de Simplificação do Trabalho, Curso de Noções de Produtividade, Curso Sobre Aspectos Psicológicos das Técnicas de Chefia, pelo Serviço Social da Indústria (SESI - Departamento Regional de São Paulo, divisão de Orientação Social); Curso de língua japonesa, pelo Instituto Cultural Jinjo, Escola de Língua Japonesa de Piracicaba, no período de 1998 a 2002.

Publicou diversos artigos no Jornal de Piracicaba.

É sócio do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba).

LUIZ NASCIMENTO

*Memórias do Bairro Alto*

RUAS — COMÉRCIOS — INDÚSTRIAS — ESCOLAS  
TIPOS POPULARES — FAMÍLIAS — HÁBITOS E TRADIÇÕES

## **INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA**

*Rua do Rosário, 781 - 13.400 - 180*

*Telefone - (19) 3434-8811*

*E-mail - ihgp@ihgp.org.br*

DIRETORIA (2008 – 2010)

*Presidente – Pedro Caldari*

*Vice-presidente – Marly Therezinha Germano Perecin*

*1o. Secretário – Waldemar Romano*

*2o. Secretário – Toshio Iczuca*

*1o. Tesoureiro – Vitor Pires Vencovsky*

*2o. Tesoureiro – João Umberto Nassif*

*Orador – Gustavo Jacques Dias Alvim*

*Diretora de Acervo – Francisco de Assis Ferraz de Mello*

SUPLENTES

*Elias Salim*

*Noedi Monteiro*

*Renato Leme Ferrari*

CONSELHO FISCAL

*Antônio Altafin*

*Antônio Carlos Neder*

*Geraldo Claret de Mello Ayres*

SUPLENTES

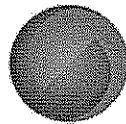
*Flávio Rizzollo*

*Timótheo Jardim*

LUIZ NASCIMENTO

# *Memórias do Bairro Alto*

RUAS — COMÉRCIOS — INDÚSTRIAS — ESCOLAS  
TIPOS POPULARES — FAMÍLIAS — HÁBITOS E TRADIÇÕES



**EQUILIBRIO**  
e d i t o r a

**Apoio:**



**PIRACICABA**  
Prefeitura do Município  
**Ação Cultural**  
Secretaria Municipal

**Secretaria de Ação Cultural**  
**Prefeitura Municipal de Piracicaba**

N244m

Nascimento, Luiz.

Memórias do Bairro Alto: ruas, comércios, indústrias, escolas, tipos populares, famílias, hábitos e tradições/Luiz Nascimento. – Piracicaba, SP: Instituto Histórico e Geográfico - IHPG, 2009

162p. 21cm.

Publicado com apoio da Secretaria de Ação Cultural de Piracicaba.

ISBN: 978-85-61237-12-7

CDU: 981.612PI

---



**Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**  
**Piracicaba - SP**  
**2009**

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
*Equilíbrio Editora Sociedade Ltda*

DIREÇÃO  
*Carlos Terra*  
*Gustavo Alvim*

CAPA E  
EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA  
Marcel Yamauti

FICHA CATALOGRÁFICA  
*Rosângela Aparecida Lobo*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
Printfit Soluções

# *Prefácio*

O piracicabano Luiz Nascimento, em inúmeros artigos publicados na imprensa da cidade, tem nos brindado com suas oportunas considerações sobre a comunidade, em especial as relacionadas à região denominada bairro Alto ou Cidade Alta. Muito embora preferamos o carinhoso prenome “bairro” em vez de “cidade”, a referida área urbana é de fato parte central de Piracicaba. Não chega a surpreender ao apresentar o seu livro, detalhando fatos importantes da evolução urbana e social de seu querido torrão natal. Tocante porém, foi o pedido que me fez para prefaciá-lo, certamente por desejar homenagear o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, do qual sou presidente.

Honrado, pessoal e funcionalmente, tenho a grata satisfação de apresentá-lo na condição de leitor privilegiado, certificando-me da excelência do trabalho original. Nascimento, na maturidade literária, resgata importantes informações sobre acontecimentos que devem ficar devidamente registrados e incorporados à memória histórica da cidade, graças às lembranças e pesquisas que efetuou, à dedicação e responsabilidade, entrevistando personalidades intimamente ligadas ao bairro e indo à busca de documentos capazes de esclarecer os fatos mencionados para passá-los para o livro.

Vim a conhecer o Luiz Nascimento nos arquivos do IHGP, ao folhear as coleções de jornais de Piracicaba. Homem de uma simplicidade tocante, dono de fala mansa, pausada e clara, cativa-nos de imediato. E é exatamente isso o que encontramos nos seus escritos – clareza, ponderação, simplicidade e o gostoso palavreado do escritor que se identifica com aquilo que escreve.

O IHGP, ao cancelar este livro, presta também a merecida homenagem aos cidadãos que construíram e engrandeceram o Bairro Alto, não tão somente como moradores mas, também, como empresários da indústria e do comércio, das atividades liberais e grandes nomes da música, da literatura, da educação e dos esportes. Do topo de sua colina, contempla-se o belo quadro que é a cidade de Piracicaba, solidamente sustentada pelos pilares que são os seus bairros.

Piracicaba, agosto de 2009

*Pedro Caldari*

**PRESIDENTE DO IHGP – 2008/2010**

# *Agradecimentos*

*Ao Senhor meu Deus,  
Obrigado Senhor pela vida,  
Obrigado Senhor pela minha família,  
Obrigado Senhor pelos sentidos que permitem ver, ouvir,  
sentir e admirar as maravilhas feitas por vós,  
Obrigado Senhor, por permitir que eu continue ao usar os bens  
materiais,  
que embora estejam em meu nome, a vós pertencem,  
Obrigado Senhor por aumentar a minha fé,  
Obrigado Senhor por tornar-me um homem feliz,  
Obrigado Espírito Santo.*

*Obrigado  
À minha esposa Madeleine.*

## **Agradecimento especial**

Os meus agradecimentos, a minha admiração e elevada consideração a todos os historiadores, pessoas especiais que contribuem para a divulgação e perpetuação da história.



## Obrigado

A todos que colaboraram com esta singela obra, - revelando um elevado espírito de compreensão e cooperação:

Adolfo Lavorenti  
Amiris Cobra Rodrigues  
André Luiz Fonseca  
Andréa Siqueira Russi (Projeto Memória – Instituto Pão de Açúcar – São Paulo)  
Antonio José Maria  
Aparecida S. Barata  
Aparecido Antonio dos Santos  
Arthur José Maria  
Carlo Piccaluga  
Cesar Augusto Pexe  
Clairce P. Diniz Souza  
Claudio Admir Marcondes  
Clésio Ronald Lopes  
Daisy Isabel Louvadino Casseb  
Divaldo Ângelo Pizzinatto  
Dorival Leonel Beduschi  
Elias Salum  
Elisabeth A. Monteiro  
Elisabeth Ferrari Saigh  
Stefano Ferry  
Francisco Munhoz  
Funcionários e estagiários da Biblioteca Pública Municipal “Ricardo F. A. Pinto”  
Funcionário e estagiários do Colégio Piracicabano – Arquivo “Rocha Netto”  
Funcionários do Spavieri – Studio e Fotografia  
Gabriela Frasson Nascimento  
Geraldo Conceição Belucco  
Heros Dayan Jayme  
Ivo Matiello  
João Bernardino  
José Peres Romero – Editora Agronômica Ceres Ltda. – São Paulo  
José Roberto de Brito Leite  
Joseli Regina Ortiz Malacarne  
Josete S. Baggi  
Jurandir Beccari  
Laurindo Pontin  
Leda Geralda Silveira Pinheiro  
Lélia S. Ferrari Vessani  
Lilian Sbrissa  
Lúcia Gomes Silva  
Ludovina Sátolo Silveira  
Lucas Frasson Nascimento  
Luis Ernesto Nascimento  
Luiz Totti Filho  
Marcos Antonio Vanceto

Maria Júlia Coimbra Vendemiatti  
Maria de Lourdes Olitta Morato do Amaral  
Maria de Loures Silva  
Mariza A. da Silva Passeri  
Marta Vieira Pereira  
Neusa Maria de Paiva Vitti  
Nilma de Oliveira Moratori  
Odila A. Françoso Rodrigues de Souza  
Ophir Figueiredo Júnior  
Oscar Negretti  
Oscar Pereira Cardoso  
Oswaldo Cesar Dedini Capellari  
Paulo Caviolli  
Pedro Caldari  
Plínio Monteiro Piedade  
Renato Elias  
Roque Valdemir Caetano  
Rubens Santana de Arruda Leme  
Ruth Martins de Souza

# Introdução

Quando me propus a escrever sobre o nosso antigo e querido Bairro Alto, não tinha a idéia da repercussão que isso teria dentro e fora do bairro.

Fui apoiado e incentivado a levar adiante o meu propósito, por amigos e conhecidos, que colocaram à minha disposição o pouco que possuíam, como algumas fotos e documentos raros. Quando isso não era possível, indicavam outras pessoas que poderiam me ajudar, entusiasmados que estavam para que o meu projeto se tornasse realidade.

Como se pode observar nas páginas de agradecimentos, foram muitos os que me auxiliaram. Este livro também pertence a eles. São co-autores.

Apesar da boa vontade dos que colaboraram, não foi tão fácil coletar fotos, documentos e obter informações, ou mesmo me valer de depoimentos de pessoas mais vividas, contemporâneas dos personagens referidos ou dos fatos que ocorreram no antigo Bairro Alto.

A pesquisa foi demorada e, seguidamente, tive de apelar para a minha própria memória. Ainda assim, foi impossível obter certas informações, principalmente quanto a datas, parte importante em todo trabalho histórico ou de rememoração.

É preciso esclarecer, que a matéria de que trata este livro não está limitada a um tempo determinado, ou seja, entre duas datas. Quanto à cronologia, não foi obedecida rigorosamente a ordem seqüencial de datas, isto é, um fato mais antigo pode ter sido comentado após um mais recente.

Os leitores não devem atentar para a ausência de nomes, até expressivos, de estabelecimentos que existem atualmente no Bairro Alto. Foram citados apenas os mais antigos, ainda existentes ou não, mas que fazem ou fizeram parte da história do Bairro, de outro modo, poderia ser interpretado como uma edição publicitária, o que não é o caso.

Embora a Lei Municipal Complementar nº 165, de 27 de Setembro de 2004, tenha alterado os limites do Bairro Alto, que passou a ser um bairro ainda maior, pois incorporou o Bairro dos Alemães, hoje denominado de "loteamento", a minha exposição se concentrou nos limites compreendidos pelas ruas Regente Feijó, avenidas Independência, José Micheleti e Armando de Salles Oliveira. Estão incluídos o Cemitério Municipal da Saudade e a praça frente ao mesmo, ainda que não pertençam mais ao Bairro Alto – desde o ano de 2004. O cemitério pertence à Vila Monteiro e a Praça ao Bairro Nova América.

Aos leitores mais idosos, o que foi rememorado servirá como a "hora da saudade", e os leitores mais jovens conhecerão um pouco do passado de um dos mais antigos e importantes bairros de Piracicaba.

Poderá haver falhas e até omissões neste trabalho, pois, além das dificuldades em obter informações, não me vejo como escritor ou historiador: quiçá... memorialista. Por outro lado, mesmo a contragosto, não é demais registrar e lamentar o total desinteresse de pessoas que deixaram de passar dados importantes, fazendo com que a minha busca pela completude e perfeição não tenha atingido o ponto desejado.

Como bairroaltense que ama o seu bairro, procurei apenas fazer um resgate da memória do Bairro Alto, apresentando um trabalho sério, modesto, numa linguagem simples, totalmente isento de qualquer pretensão ou reconhecimento.

# Sumário

Prefácio .....	5
Agradecimentos .....	7
Introdução .....	11
O Bairro Alto .....	15
Mapas.....	16
A Sapucaia .....	19
Ruas do Bairro Alto .....	21
Largos do Bairro Alto .....	31
Comércios e Indústrias .....	41
A Doçura do Bairro Alto .....	57
Escolas .....	65
A Música no Bairro Alto .....	103
Tipos Populares .....	111
Famílias .....	115
O Carnaval no Bairro Alto .....	119
Costumes e Curiosidades do Passado .....	127
Esportes .....	133
Fundação da Cidade de Piracicaba .....	153
Referências Bibliográficas .....	157
Índice Remissivo .....	159

## O Bairro Alto

Também chamado de Cidade Alta, o Bairro Alto é um dos mais antigos da cidade de Piracicaba, tendo surgido no início do século 19.

Já no século 18, o Picadão de Mato Grosso (hoje Rua Moraes Barros) cortava a região onde hoje é o Bairro Alto. Por esse Picadão é que os sertanistas, vindos de Itu, desciam até as proximidades do salto do Rio Piracicaba, para depois continuarem a viagem até as minas de ouro Cuiabá.

Segundo a historiadora Marly Therezinha Germano Parecim, com o desenvolvimento de Piracicaba (Vila Nova da Constituição), a cidade começou a expandir-se além do Ribeirão Itapeva, ocupando primeiramente o Picadão, transformado em estrada e depois em rua (Rua Direita e Moraes Barros). Ficou conhecido como Altos dos Itapeva.

Logo após o Ribeirão Itapeva, na antiga Rua Direita, foi construída uma forca, que segundo a história, nunca foi “inaugurada”. Em 1853, a forca foi demolida pelo sapateiro Daniel Franco de Oliveira, que fez o serviço em troca do material.

O Bairro Alto está localizado na Região Centro (Sub – Região Central 1) da cidade. Em 2001, a Prefeitura implantou nova regionalização em Piracicaba, dividindo a cidade em cinco setores: Norte, Sul, Leste, Oeste e Centro.

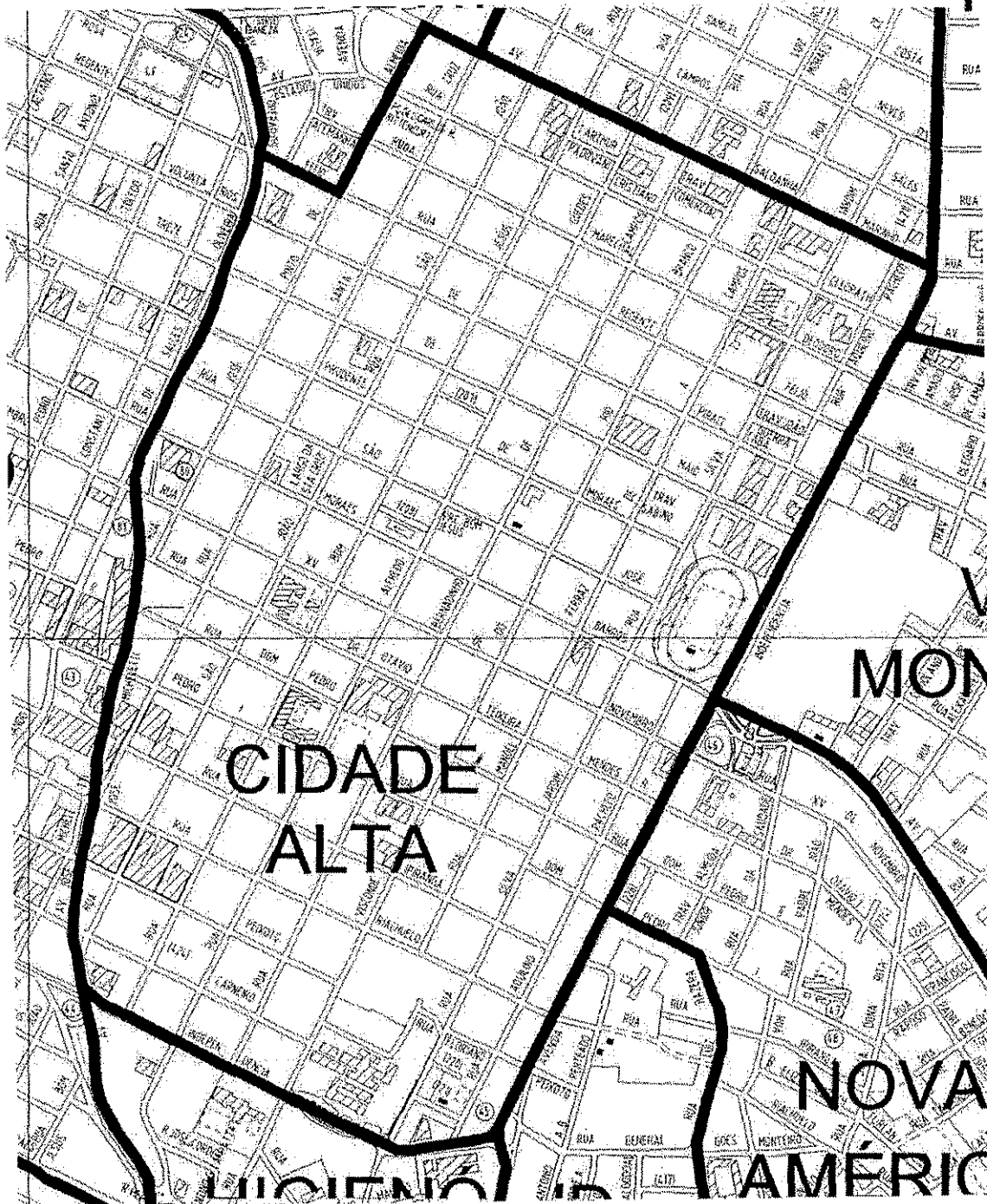
Com a nova regionalização, passaram a pertencer à Região Centro, além do Bairro Alto, os seguintes bairros: São Judas, Cidade Jardim, São Dimas, Nova Piracicaba, Jardim Monumento, Vila Rezende, Nhô Quim, Clube de Campo e o Parque da Rua do Porto.

### *O “ser” e o “estar”*

Deve-se entender, então, que o Bairro Alto está numa região chamada centro, mas não é aquele conhecido centro da cidade, onde predominam as lojas comerciais e as agências bancárias. Portanto, no endereçamento postal, deve constar o nome próprio do bairro (Bairro Alto) e não Bairro Centro como se tem observado.

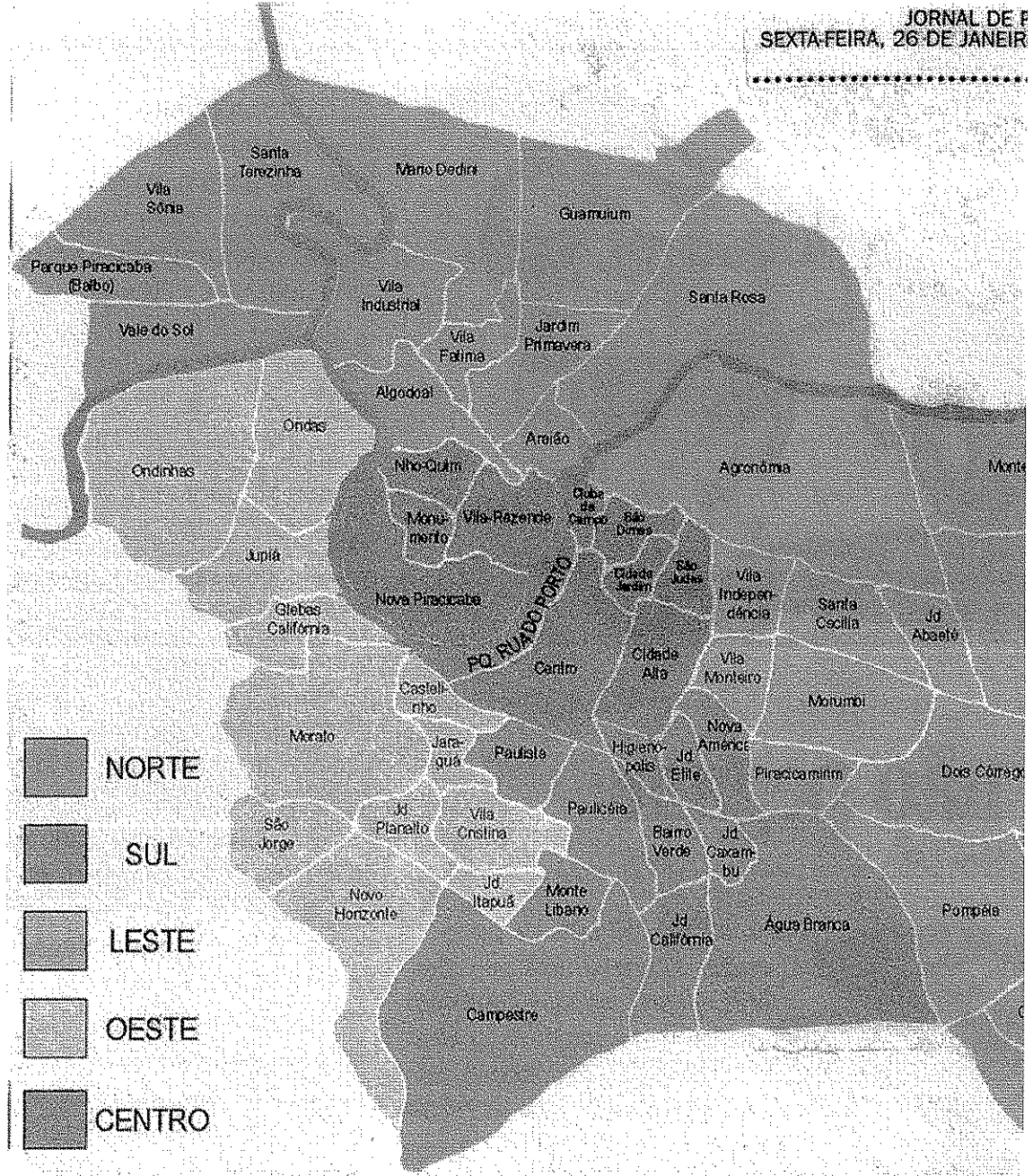
O Bairro Alto tem aproximadamente 14.000 habitantes e, conforme o IPPLAP – Instituto de Pesquisa e Planejamento, ocupa uma área de 178,1 hectares.

*Mapa do bairro Alto*



# Mapa da Nova Regionalização Que Divide a Cidade em Cinco Setores

JORNAL DE F  
SEXTA-FEIRA, 26 DE JANEIR





*A sapucaia com toda a sua força e beleza*



# A Sapucaia

(*Lecythis Pisonis*)

## A Árvore Símbolo do Bairro Alto

“árvore da família das lecitidáceas, da floresta atlântica, de folhas oblongas e acuminadas, flores grandes, carnosas, violáceo – pálidas, e com muitos estames fundidos, sendo os frutos enormes cápsulas lenhosas e cilíndricas, com grandes sementes oleaginosas, muito apreciadas como alimento saboroso, e a madeira ótima para obras externas. (Sapucaieira, combuca-de-macaco, quatetê).”<sup>1</sup>

Localizada na esquina da Rua Moraes Barros com a Avenida Independência, a árvore sapucaia foi eleita como o mais importante símbolo do Bairro Alto. A idéia de se utilizar a sapucaia como símbolo do bairro, partiu do bairroaltense Antonio Claret Carraro, e foi logo apoiada pelo jornal Gazeta da Cidade Alta.

No dia 21 de outubro de 2004, a Gazeta de Piracicaba publicou:

“Sapucaia vira patrimônio natural – Piracicaba tem o seu primeiro patrimônio cultural e natural. A árvore sapucaia, plantada em 1918, na esquina da Rua Moraes Barros com a Avenida Independência, em comemoração ao fim da primeira Guerra Mundial por Antônio Caprânico, o Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Piracicaba (CODEPAC), aprovou por unanimidade o tombamento da espécie.”

A iluminação da sapucaia teve início no natal de 1996, o que vem acontecendo todos os anos, graças ao um grupo de bairroaltenses abnegados, que nunca mediram esforços para conseguir mão-de-obra especializada na parte elétrica e a aquisição das lâmpadas necessárias.

Entretanto, somente a existência pura e simples do grupo que cuidava da iluminação da sapucaia, não era suficiente. Tornava-se necessária a formação de uma associação que tivesse uma diretoria. Nascia, então, a ASAS - Associação dos Amigos da Sapucaia.

Para presidente da Associação, foi eleito Antonio Claret Carraro e para vice-presidente José Antônio do Amaral Coprânico; 1º Secretário Rubens Santana de Arruda Leme; 2º Secretário Laércio José Moretti; 1º Tesoureiro Paulo Roberto Rodrigues; 2º Tesoureiro André Luiz Fonseca; Conselho Fiscal: Ariovaldo Sérgio Signorelli, Jonas Tadeu Parisotto e Célia Signorelli. Suplentes: Paulo Afonso Gião Basso, Ricardo Santana de Arruda Leme e João Batilani.

No que se refere ao assunto “Sapucaia”, são merecedores dos maiores elogios e admiração, os bairroaltense que sempre trabalharam incansavelmente para a preservação e iluminação natalina da bela árvore-símbolo, pela organização da Banda da Sapucaia e pelas festas juninas (Arraiá da Sapucaia), onde as comidas e as bebidas típicas nunca foram cobradas.

1. Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa – 2ª edição

# Ruas do Bairro Alto

Nem todas as ruas têm o seu início ou seu término dentro dos limites do Bairro Alto. A maioria atravessa o bairro e algumas apenas os circundam, em parte.

Os nomes – antigos e atuais – das ruas estão acompanhados da biografia resumida dos homenageados que deram seus nomes a cada uma delas

## *Ruas Paralelas ao Rio Piracicaba* (A partir da Av. Armando de Salles de Oliveira)

### **Avenida Armando de Salles de Oliveira (Antiga Rua do Itapeva)**

“Foi um engenheiro e político brasileiro, interventor federal em São Paulo, entre 21 de agosto de 1933 e 11 de abril de 1935, e governador eleito pela Assembléia Constituinte, de 11 de abril de 1935 a 29 de dezembro de 1936. Seu nome está associado à criação da Universidade de São Paulo, em 1934. Nasceu em São Paulo, no dia 24 de dezembro de 1887 e morreu no dia 27 de maio de 1945.”

### **Rua José Pinto de Almeida (Antiga Rua Misericórdia)**

“José Pinto de Almeida, filho de Manoel Pinto de Almeida e de Josepha Pinto de Almeida, nasceu em Portugal, em São Miguel de Rebordosa, junto à cidade do Porto, no dia 20 de junho de 1811. Com 15 anos de idade veio para o Brasil, em busca de trabalho. Trabalhou alguns anos como caixeiro, até que pode comprar uma loja de fazendas. Casou-se com Anna Cecília de Oliveira Pinto, em 13 de outubro de 1836, tendo nascido dessa união, 12 filhos. Católico fervoroso, foi um dos principais fundadores da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba. Faleceu no dia 4 de abril de 1885.”

### **Rua Santa Cruz**

Tomou esse nome em virtude de ter existido no Largo Santa Cruz uma capela com o mesmo nome.

### **Rua São João (Antiga Rua Monte Alegre)**

Recebeu esse nome em homenagem ao Santo Batizador e também pelas festas juninas. São João Batista, anunciado pelo profeta Isaías como “A voz que clama no deserto”, era filho de Zacarias e Isabel. João pregava no deserto da Judéia e sua roupa era feita de feita de pelos de camelo; alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. Os habitantes de Jerusalém e de toda a Judéia iam ter com ele e eram batizados no rio Jordão. O mesmo aconteceu com Jesus, que foi até João para ser batizado por ele. João Batista morreu decapitado por ordem no rei Herodes. No mês de junho são homenageados três santos: Santo Antonio (13), São João Batista (24) e São Pedro (29). Nas festas juninas, sempre na véspera do dia do santo, levantam o mastro com as figuras dos três santos, acendem fogueiras, há comidas e bebidas típicas, dançam a quadrilha ao som da sanfona, principal instrumento tocado nas festas, tudo isso sob intenso foguetório. Nas festas de São João, à meia-noite, os devotos passam descalços sobre as brasas da fogueira e, em certos lugares, os fiéis ainda conservam o costume de lavar a imagem do santo.

### **Rua Bom Jesus**

Recebeu esse nome porque nessa rua está a Igreja do Senhor Bom Jesus do Monte.

### **Rua Alfredo Guedes (Antiga Rua São Pedro)**

“Alfredo Guedes se tornou nome de rua pelos bons serviços prestados a Piracicaba, entre os quais o fornecimento de grande quantidade de materiais para a rede de esgoto e a criação da Escola Prática de Agricultura, em 1899. Foi Secretário da Agricultura.”

### **Rua Bernardino de Campos (Antiga Rua Alegre)**

“Bernardino de Campos Júnior nasceu em Pouso Alegre, Minas Gerais, em 6 de setembro de 1841, e morreu em São Paulo, em 18 de janeiro de 1915. Foi diplomata, jurista, político e jornalista. Foi duas vezes Presidente de São Paulo e Ministro Plenipotenciário. Conselheiro Municipal, elegeu-se deputado à Assembléia Provincial. Foi eleito senador em 1902.”

### **Rua Visconde do Rio Branco (Antiga Rua Boa Vista)**

“José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, nasceu em Salvador, Bahia, no dia 16 de março de 1819, e morreu em 1º de novembro de 1880, no Rio de Janeiro. Foi estadista, jornalista, diplomata e parlamentar. Professor da Escola Militar, Ministro da Marinha, da Fazenda, da Guerra e dos Estrangeiros. Foi também Presidente da Província do Rio de Janeiro e senador vitalício. Dirigiu a Escola Politécnica e construiu a Estrada de Ferro D. Pedro II (Central do Brasil). Teve atuação marcante na lei do ventre livre.”

### **Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos (Antiga Rua do Hospital)**

“Foi uma figura das mais expressivas na história da filantropia em Piracicaba. Nasceu nesta cidade, no dia 15 de março de 1816 (?). Em sua época, era hábito dar alforria a escravos leprosos, que, abandonados, se embrenhavam nas matas, acabando por morrer à míngua. Esse fato amargurava o coração de Maneco Ferra, como era conhecido. Em companhia do seu escravo Eliseu, buscava os infelizes para cortar-lhes as unhas, cabelos, barba e dar-lhes alimentos; construiu um pequeno leprosário em sua chácara para melhor servir seus protegidos. Ao demolir o pequeno leprosário para construir um outro maior e melhor, uma parede ruiu matando-o. Isso aconteceu no dia 14 de junho de 1887. Esse leprosário estava situado na atual Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos, entre as ruas 13 de Maio e Voluntários de Piracicaba.”

### **Rua Silva Jardim**

“Homenagem ao escritor, jornalista e político brasileiro, Antonio da Silva Jardim. Nasceu em Capivari, estado do Rio de Janeiro, em 18 de agosto de 1860 e morreu na Itália em 1º de julho de 1891, tragado pelas lavas do vulcão Vesúvio. Descontente com certas atitudes do governo republicano, partiu para a Europa, visitando várias cidades, principalmente as italianas. Um dia, indo visitar as ruínas da cidade de Pompéia, resolveu ver de perto a boca do vulcão Vesúvio, que estava ativo. Ouviu-se um estrondo, muita fumaça e lavas começaram a sair do vulcão. Seus amigos conseguiram escapar, mas Silva Jardim foi tragado pela espessa camada de lava.”

### **Rua Aquilino Pacheco**

“Coronel Aquilino José Pacheco, figura de alta projeção no cenário político administrativo de Piracicaba, foi vereador e Intendente (Prefeito). Filho do lavrador Firmiano de Campos Pacheco e de Francisca Luiza de Campos Penteado, nasceu em Piracicaba, em 9 de fevereiro de 1839. Em 29 de setembro de 1857, casou-se com Da. Messias de Arruda Leite. Enviuvando, contraiu segundas núpcias com a irmã de sua falecida esposa, Da. Rita de Arruda Pacheco, em 1º de novembro de 1864. Exemplar chefe de família, criou 11 filhos, sendo quatro do primeiro casamento e sete do segundo. Com sua perseverança e seus métodos de trabalho e administração, valorizaram-lhe sua propriedade agrícola e trouxeram-lhe grande fortuna.”

**Avenida Independência**

Nome dado em homenagem à Independência do Brasil, ocorrida em 7 de setembro de 1822.

*Ruas perpendiculares ao Rio Piracicaba*

(A partir da Rua Regente Feijó)

**Rua Regente Feijó (Antiga Rua da Cachoeira, Rua do Salto e Rua do Conselho)**

“Diogo Antonio Feijó, também conhecido como Regente Feijó ou Padre Feijó, foi batizado em São Paulo, em 17 de agosto de 1784 e morreu no dia 10 de novembro de 1843. Foi um sacerdote católico e estadista brasileiro. Foi professor de história, geografia e francês. Foi vereador em Itu e deputado por São Paulo (1826 e 1830), Ministro da Justiça (1831-1832), senador (1833) e Regente do Império (1835-1837).”

**Travessa João Guerra**

Travessa situada entre as ruas Regente Feijó e Voluntários de Piracicaba e entre as ruas Silva Jardim e Aquilino Pacheco. Nada foi encontrado sobre o cidadão João Guerra.

**Rua Voluntários de Piracicaba (Antiga Rua Piracicaba)**

“Nome dado em homenagem aos piracicabanos que, voluntariamente, participaram da guerra do Paraguai. O Almanaque de Piracicaba de 1900 registra apenas cinco voluntários: Vieira, Belisário, João Julião, Joaquim Antonio Matoso e Fortunato de Campos Freire. São eles os “Voluntários de Piracicaba”, que tornaram nome de rua.”

**Rua 13 de Maio (Antiga Rua das Flores e Rua Cemitério)**

Chamada 13 de Maio, e 3 de junho de 1888, em reconhecimento do valor da data de abolição da escravidão pela Princesa Isabel.

**Travessa Hortência Mônica Valério**

Situada entre as ruas 13 de Maio e Prudente de Moraes e entre as ruas Alfredo Guedes e Bernardino de Campos. Não há informações sobre a homenageada.

**Travessa Sabino**

Situada entre as ruas 13 de Maio e Prudente de Moraes e entre as ruas Manoel Ferraz de Arruda Campos e Silva Jardim. Em homenagem a Fernando Tavares Sabino, escritor, Advogado e jornalista.

**Rua Prudente de Moraes (Antiga Rua dos Pescadores, Rua Ponte Velha e Rua dos Passos)**

“Prudente José de Moraes Barros foi o primeiro presidente civil da República. Filho de José Marcelino de Barros e de Catarina Maria de Moraes, nasceu em Itu, no dia 4 de outubro de 1841. Formado em direito, em 1863, estabeleceu-se como advogado em Piracicaba, tendo se casado em 1866 com Da. Adelaide de Moraes Barros. Com pendor pela causa política, entrou para a política, elegendo-se vereador em 1864. Na legislatura provincial de 1868 a 1869, foi eleito deputado pelo 3º Distrito de São Paulo. Na madrugada de 15 de novembro de 1889, um ímpeto revolucionário do Marechal Deodoro efetuou a transformação das instituições governativas do país e a Junta Provisória que administrava o Estado, nomeou o Dr. Prudente governador de São Paulo, pelo decreto de 3 de dezembro. Administrou o Estado até 18 de outubro de 1890, quando foi eleito senador para o Congresso Constituinte. Na sua casa, em Piracicaba, na madrugada de 3 de dezembro de 1902, faleceu o benemérito Dr. Prudente de Moraes. Está sepultado em Piracicaba, no Cemitério da Saudade. O Dr. Prudente de Moraes teve os seguintes filhos: Maria Almeida

de Moraes Silveira, casada com o Dr. João Baptista da Silveira Mello; Júlia Prudente de Moraes; Carlota de Moraes Barros Sampaio, casada com o Dr. João Domingues Sampaio; Paula Prudente de Moraes Dias, casada com o Dr. Oscarlino Dias; Gustavo de Moraes Barros, casado com Carolina Zanotta de Moraes Barros; Dr. Prudente de Moraes Filho, viúvo, e Dr. Antonio Prudente de Moraes, casado com Marieta Meirelles de Moraes Barros. A esposa viúva, Da. Adelaide de Moraes Barros, faleceu em Berlim, Alemanha, no dia 8 de novembro de 1911. Seu corpo foi transportado para Piracicaba e foi inumado no mausoléu que guarda os restos mortais do grande brasileiro que foi o seu estremecido esposo.”

### **Rua São José**

Homenagem ao santo do mesmo nome. “Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus...”. “Estando Maria desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo. Então José, seu marido, como era justo, e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente. E projetando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor dizendo: José, Filho de David, não temas receber a Maria tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo. E dará à luz um filho e chamarás o seu nome Jesus, porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados. E José despertando do sonho, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu sua mulher. E não a conheceu até que deu a luz seu filho, o primogênito; e pos-lhe por nome Jesus”.<sup>2</sup>

### **Travessa Da. Felisbina Monteiro**

Nome dado em homenagem à esposa de Antonio Monteiro fundador da fábrica de macarrão Aurora e Bolachas Júpiter, que esteve estabelecida naquela travessa, ao lado da Igreja Bom Jesus, entre as ruas Bom Jesus e Alfredo Guedes.

### **Rua Moraes Barros (Antiga Picadão de Mato Grosso, Estrada de Itu, Av. da Constituição e Rua Direita)**

“O nome Rua Moraes Barros foi dado em homenagem ao Dr. Manoel de Moraes Barros, nascido em Itu, em 1º de maio de 1836, filho de José Marcelino de Barros e de Catharina Maria Moraes. Em 1853, em São Paulo matriculou-se na Academia de Direito, recebendo o grau de bacharel em direito no ano de 1857, após um curso brilhante com aprovações plenas do primeiro ao quinto ano. Depois de formado, fixou residência em Piracicaba, tendo sido nomeado promotor público da comarca, cargo que exerceu até 1860, data em que foi nomeado Juiz Municipal. Exerceu o cargo até 1864. Dedicou-se à advocacia, conseguindo fortuna. Em 1884, foi eleito deputado à Assembléia Provincial pelo Partido Republicano. Foi vereador e eleito Presidente da Câmara de Piracicaba em 1887.

Foi reeleito deputado e, finalmente, eleito senador da República, em cujo exercício a morte o veio surpreender. O Dr. Manoel de Moraes Barros casou-se em 11 de agosto de 1860, com Da. Maria Ignez de Moraes Barros e teve nove filhos. O ilustre senador Moraes Barros faleceu no Rio de Janeiro, em 20 de dezembro de 1902. Seus restos mortais foram trasladados para a sua querida Piracicaba.”

A Rua Moraes Barros é uma das mais antigas e importantes ruas de Piracicaba. Ela já foi o Picadão de Mato Grosso, caminho aberto pelos bandeirantes paulistas que vinham de Itu e passavam por Piracicaba, e dali seguiam para a cidade de Araraquara, cidade que já pertenceu a Piracicaba. No início de 1877, foi inaugurada a iluminação a querosene da Rua Direita, do Largo da Matriz até o Largo da Estação da Ituana, no Bairro Alto.

2. Matheus 1:16,18 a 20, 24 e 25

Pela importância da Rua Moraes Barros, o comentário sobre ela vai ser mais longo, com o relacionamento de todas – ou quase todas – as indústrias e casas comerciais que estiveram estabelecidas em ambos os lados dos seus 11 quarteirões, a partir da Av. Armando de Salles Oliveira até a Av. Independência.

Rua Moraes Barros, onde estiveram localizadas a Casa Munhoz; a IMAN-Indústria de Móveis Artística Nacional (depois Itelpa); a Fábrica de Móveis Freidemberg; a Empresa Funerária Ferrari; o Sr. Belmiro, o bom velhinho que trabalhava com molduras; a Fábrica de Móveis Simoni; o dentista Bruno Ferraiolli; a Padaria Santa Cruz, de José Rodrigues e a Santa Casa, embora esta estivesse com a frente para a Rua José Pinto de Almeida.

Rua Moraes Barros, da Casa das Sombrinhas; da Serralheria Gevartosky; do salão de barbeiro dos negros; do Francisco Fonseca (Chiquinho Barbeiro), que vendia material para pesca (depois Chaveiro Expresso); do comércio de móveis de Nello Travaglini; do dentista Ulisses Berna; da Casa de Oração; da tinturaria de Antonio E. Tecessini; da alfaiataria do José Antedomênico (Zé Barata); da loja de fazenda e armarinhos de Chalita José e do armazém dos irmãos Stolf.

Rua Moraes Barros, da loja de Dumit Antonio; do dentista Said S. Domith; do Guido-lin ferrados de cavalos; do dentista Mário Lázaro dos Santos; da selaria de Noedyr de Oliveira (Dilo Seleiro); do Fortunato Bazanella, ex-alfaiate que também preparava material para pescarias; do Bar Cruzeiro; da quitanda do Eugênio Fuzatto; do depósito de bebidas Moranguinho e dos sorvetes Douradinho (depois restaurante do Bijeto); da torrefação de café de Lélío Ferrari (depois torrefação de café Morro Grande); da loja de tecidos de Reeze Abraão e do armazém do Fuzetti.

Rua Moraes Barros, da Farmácia Santa Cruz, de Sebastião Pires de Moraes; da loja de ferragens de Pedro Salles; do Cartório de Registro Civil de Samuel de Castro Neves Filho (Samuelzinho); da fábrica de mortadelas de José Hellmeister (depois Cantina do Zezinho), do armazém de Antonio Carnevalli, sucedido por Antonio Aggio (Gerson) e da oficina de consertos de bicicletas de Lupércio Reis; do açougue de Vitório Zambello; do armazém dos irmãos Luiz e Pedro Rosa; da casa de máquinas de costura de Pedro Hipólito; do armazém do Manoel Maquieira; do açougue de José Hellmeister, posteriormente do Perozzi e Docaneva; do bar italiano Adriano Spinozza (depois bar dos Coletti); da casa de móveis de Ely Manfrinatto (Lilica); do Bento Sapateiro; do salão de beleza de Maria Ana de Mattos; da Lavanderia Mário; da Relojoaria Novaes e da relojoaria Kinji Onishi; da selaria do Mingo seleiro; da barbearia e loja de José Ortiz Sobrinho (Zequita); da rotisseria de Diva Kraide; do Amadeu Armeiro; da Casa Palma, depois do bar do Amélio Pizzinatto e da Padaria Bom Jesus, de José Monteiro (Juca).

Rua Moraes Barros, da Farmácia Bom Jesus, de João de Deus Pitta, farmacêutico e veterinário; da Livraria Bom Jesus, de Francisca F. Canto; do bar do Santin; do salão de barbeiro de Manoelzinho Barbeiro, que tinha os espelhos do salão enfeitados com bico de tucanos; da loja de louças do Zambello; da oficina de conserto de calçados do Barbosa; da loja de tecidos de João Nicolau; da garagem onde seu José alugava bicicletas; da casa de calçados de Rafik Nassar; do Bortoletto que vendia fumo de corda; do armazém de Nicola Sciorilli e da Igreja Bom Jesus, embora estivesse com a frente para a Rua Bom Jesus.

Rua Moraes Barros, da fábrica de potes do português Antonio Maria Fernandes Gomes (Poteiro); do dentista Jechonias Ferraz de Camargo; da alfaiataria de Antonio Zambello; da alfaiataria de Victório Beduschi; do salão de barbeiro do Mauro de Camargo; da marmoraria de Jorge Leonardi; da alfaiataria de Reinaldo Bertaia; da vidraçaria de Antonio Grillo Neto; da oficina de conserto de calçados do Birau; do armazém de José de Freitas; da oficina de ferreiro de Nino Guidetti; do açougue de Adelino da Silva; do bar do Mineiro e posteriormente de Caetano Padoan e do armazém de Basílio Torres.

Rua Moraes Barros, da carpintaria de Pedro Cobra; do armazém de Orlando de Mattos; da fábrica de vassouras de Anuar Kraide, depois fábrica de artigos de vime do Diniz;

da Sapataria Bijú, de Mathias Nattone; da farmácia de Eugênio Bottene; do salão de barbeiro de Cesar Caviolli; da alfaiataria Carraro, de Mário Carraro, conhecido por Angelo Carraro; da loja de louças de Mário Carraro Filho; da alfaiataria do Zé Rato; do açougue de Hércules Travaglini; do Bar Buriol, posteriormente do japonês Abe; do bar de José Tejada, posteriormente de Pedro Paulo de Oliveira (Pedrinho Soleiro) e da casa de máquinas de costura do Sr. Alfredo.

Rua Moraes Barros, do armazém Ao Sobradinho, de Antonio Cobra Filho, posteriormente de Orlando Françoso; do açougue e posteriormente salão de barbeiro de Dante Caprânico; da farmácia de Antonio Carlet; da oficina de conserto de calçados de Aristides Beduschi; da oficina de conserto de calçados de Antonio Bertolini (Toninho Sapateiro); da fábrica de doces de Oscar Bozon e Antonio Orsi, posteriormente de Da. Maria de Godoy (Da. Maria Doceira); do armazém de Joaquim Pereira Cardoso (Juca Cardoso); do bar de Alberto Cardinalli e posteriormente de Silvio Nozella e do açougue de Martinho Hellmeister, sucedido por João Irandy Hellmeister.

Rua Moraes Barros, do Largo da estação Velha, onde existiu a estação de Estrada de Ferro Ituana, local onde hoje está o Grupo Escolar Dr. Alfredo Cardoso; do armazém de Abdala Nechar (Pedro Nechar), depois armazém de torrefação de café; do bar e sorveteria de Mário Puga Lopes, sucedido por Armando Previtalli (Manduca) e Silvio Nozella; da oficina de ferraria do alemão Schimidt e posteriormente fundição de Jamil Nechar e Fábrica de Vassouras Cruzeiro, de Antonio Kraide; da carpintaria e marcenaria de Ângelo Bacchi, depois fábrica de tinhas e corotes de Jamil Nechar; do moinho de beneficiar arroz de João Camolese, posteriormente de João Lorenzon, dos Irmãos Milani e dos Irmãos Rosolen; da escola de corte e costura de Da. Luzia H. Barreira; do comércio de alambiques de cobre dos Migliollo; da alfaiataria de Antonio Beduschi; da marcenaria Roma, de Romeu Fischer; do salão de barbeiro de Carlos Dies (Carlito Barbeiro), posteriormente bar do Caparroz, do Nelo Zambello, do Alfredo Ducatti, do Laurindo Picolli, do José Faria (Zezo), e de Da. Maria de Carvalho; do bar de Antonio Cobra, posteriormente dos Irmãos Chiquito.

Rua Moraes Barros, do bar do Chiquitão, posteriormente do Primo Chiquito e do Antonio Nascimento; da alfaiataria de Alfredo Salleri; da alfaiataria de Avary Ferraz Rizzo; do armazém e açougue de Vicente Naval, posteriormente de Elias Buchidid e Antonio Farah; da floricultura de Sany Mac Fadden; do salão de barbeiro de Ricardo Mazzieiro e do Bosque (Parque Barão de Serra Negra).

Rua Moraes Barros, da loja de tecidos de Ary Ferraz Rizzo; da casa de móveis de Hugo D. Olivetto e do bar "Último Gole".

#### **Rua XV de Novembro (Antiga Rua da Bica e Rua da Quitanda)**

Um das quatro primeiras ruas delineadas em Piracicaba, quando da mudança da povoação para a margem esquerda do Rio Piracicaba. Homenagem à data da Proclamação da República pelo Marechal Deodoro da Fonseca, em 15 de novembro de 1889.

#### **Rua Rangel Pestana (Antiga Rua da Barroca e Rua dos Ourives)**

"Rangel Pestana foi jornalista e político. Nasceu em 26 de novembro de 1839, em Iguçu, Rio de Janeiro. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1863. Fundou o Clube Radical, origem do partido Republicano. Fundou, em 1875, o jornal "A Província", que se tornou o "Estado de São Paulo". Integrou a Assembléia Constituinte que elaborou a primeira constituição da República. Foi eleito senador em 1892 e tornou-se vice-presidente do Banco da República. Eleito deputado pelo Rio de Janeiro em 1899, no ano seguinte elegeu-se presidente deste Estado e, a seguir, senador por São Paulo. Morreu em 17 de março de 1903, em São Paulo. Esta rua não atravessa mais o Bairro Alto. De acordo com a Lei Municipal nº 15, de 20 de maio de 1948, ela termina na Rua José

Pinto de Almeida. A partir desta rua, passou a chamar-se Rua Dr. Octávio Teixeira Mendes.”

#### **Rua Dr. Octávio Teixeira Mendes**

“Octávio Teixeira Mendes, filho de Antonio Teixeira Mendes e de Da. Elisa Barreto do Amaral Gurgel, nasceu em Piracicaba, no dia 21 de março de 1882<sup>3</sup>. Após concluir o curso de primeiras letras, fez os primeiros preparatórios em Piracicaba. Concluiu os preparatórios finais em São Paulo, no Curso Anexo à Faculdade de Direito. Em 1896, foi aprovado nos exames do Curso Anexo e habilitado para cursar a escola de engenharia. Cursou engenharia mecânica na Escola Politécnica de São Paulo, onde se diplomou em 1905. Casou-se com Da. Leonina Marques, em 1905, antes de se formar. Embora estivesse bem profissionalmente em São Paulo, teve de voltar para Piracicaba, para trabalhar na empresa da família. A situação financeira da firma Antonio Teixeira Mendes & Filhos, após o incêndio da serraria, estava desequilibrada e se dividia entre a fundição de ferro e bronze e oficina mecânica. Quando da morte do pai, em 1913, assumiu a direção da empresa Teixeira Mendes & Cia, em sociedade com o irmão Joaquim, e pagou todas as dívidas. Ampliou consideravelmente a oficina que passou a denominar-se Estabelecimento Industrial Teixeira Mendes, a partir desse momento como único proprietário. As oficinas estavam localizadas na Rua Rangel Pestana, ao lado da Sorocabana e eram formadas por serraria e carpintaria, fundição de ferro, bronze e alumínio e mecânica. Fabricava carroças, engenhos, grades de ferro, máquinas para desdobrar madeira, painéis e caçarolas. Com a crise econômica de 1929, sua situação financeira não era das melhores e teve de vender parte de seus bens. Trabalhou muito para a instalação da Escola Industrial e foi professor da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”- ESALQ. Projetou o prédio da Santa Casa de Misericórdia e do matadouro municipal. A Rua Dr. Octávio Teixeira Mendes é continuação da Rua Rangel Pestana, iniciando-se na Rua José Pinto de Almeida, de acordo com a Lei Municipal nº 15, de 20 de maio de 1948.”

#### **Rua D. Pedro II (Antiga Rua da Esperança)**

“Pedro de Alcântara João Carlos Salvador Bebiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Gonzaga – D. Pedro II – foi o segundo e último imperador do Brasil. Filho de D. Pedro I e da imperatriz Da. Leopoldina, nasceu no Rio de Janeiro, no dia 2 de dezembro de 1825. Foi proclamado rei em 7 de abril de 1831, com a abdicação de seu pai, ficando sob a tutela de José Bonifácio. Com sua maioridade, conseguida em 1840, foi coroado em 18 de julho de 1841. Casou-se com Da. Tereza Cristina Maria em 20 de maio de 1842 e tiveram 14 filhos. O Brasil teve grande desenvolvimento em seu reinado. Em 1850, aboliu o tráfico de escravos, construiu estrada de ferro, linhas telefônicas, incentivou a cultura, a educação e as artes. Aprovou a imigração européia. Em 1889, com a Proclamação da República, D. Pedro II foi deposto e exilado com a sua família, inclusive a Princesa Isabel que assinou a abolição da escravatura no Brasil. Morreu em Paris, dois anos depois de sua expulsão, e seu corpo permaneceu em Portugal até 1920, quando por fim seus restos mortais foram trazidos para o Brasil.”

#### **Rua D. Pedro I (Antiga Rua Municipal)**

“Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon – D. Pedro I – foi o primeiro imperador do Brasil. Era filho de D. João VI e de Da. Carlota Joaquina de Bourbon, filha do rei Carlos IV da Espanha. Nasceu no dia 12 de outubro de 1798, na sala Dom Quixote do Palácio de Queluz, perto de Lisboa, Portugal. Veio com a família real

3. Em outra fonte consta nascido em 7 de maio do mesmo ano.



para o Brasil em 1807. Casou-se com Da. Leopoldina, arquiduquesa da Áustria, ano em que se tornou príncipe real, com a elevação de seu pai a rei de Portugal. Não atendeu à ordem de regressar a Portugal, no famoso “Dia do Fico”, em 9 de janeiro de 1822. Proclamou a Independência do Brasil em 7 de setembro de 1822, em São Paulo. Em 12 de outubro, foi proclamado Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil, sendo coroado em 1º de dezembro. Sucedeu o pai no trono português abdicando, logo em seguida, a favor de sua filha Maria da Glória. Abdicou, também, do direito ao trono brasileiro, a favor de seu filho D. Pedro de Alcântara com cinco anos à época. Teve seis filhos, inclusive D. Pedro II do Brasil e Da. Maria II de Portugal. Casou-se em segundas núpcias com a princesa bávara Da. Amélia de Leuchtenberg. Consta da história, que D. Pedro I foi amante da Marquesa de Santos, com quem teria cinco filhos. D. Pedro I morreu no dia 24 de setembro de 1834, em Lisboa, Portugal. No sesquicentenário da Independência do Brasil, em 1972, seus restos mortais foram transferidos para o Brasil e sepultados definitivamente na cripta do Monumento do Ipiranga, em São Paulo. ”

### **Rua Ipiranga (Antiga Rua do Quilombo)**

“O nome ‘Ipiranga’ está ligado à Independência do Brasil, que pôs fim ao domínio português. Após o “Dia do Fico”, D. Pedro I convocou uma Assembléia Constituinte, obrigando as tropas de Portugal a voltarem para o reino e determinou que nenhuma lei de Portugal seria colocada em vigor sem sua aprovação. Na viagem de Santos para São Paulo, D. Pedro recebeu uma carta de Portugal que anulava a Assembléia Constituinte e exigia a imediata volta dele para Portugal. Ao tomar conhecimento dessa carta, D. Pedro se encontrava próximo ao Riacho Ipiranga; foi quando ele levantou a espada e gritou: “Independência ou Morte”. Esse fato ocorreu no dia 7 de setembro de 1822 e marcou a Independência do Brasil.”

### **Rua Riachuelo (Antiga Rua do Tanque)**

“Em homenagem à batalha do Riachuelo. No dia 11 de junho de 1865 travou-se uma violenta batalha naval entre as esquadras do Brasil e Paraguai. Os navios brasileiros haviam navegado rio a cima com a missão de bloquear os portos paraguaios, mas o ditador paraguaio Francisco Solano Lopes, ciente do perigo que isso representava para o seu projeto de poder, decidiu atacá-los na foz do arroio Riachuelo, situada perto da cidade argentina de Corrientes, onde numerosas ilhas e ilhotas dificultavam a passagem. Nesse lugar, os paraguaios haviam guarnecido em segredo a margem direita do rio, com uma bateria de 22 canhões. A esquadra do Almirante Francisco Manuel Barroso da Silva era composta por 5 navios, com um total de 59 bocas-de-fogo e 2287 homens embarcados, enquanto os paraguaios, comandado pelo capitão-de-fragata Pedro Inácio Meza, dispunham de 8 navios e 6 baterias flutuantes, ou chatas, com 67 bocas-de-fogo e 5 mil homens. O combate entre essas forças navais começou pela manhã e, em determinado momento, decidido a acabar de vez com a frota paraguaia, o Almirante Barroso avançou com a proa do navio a vapor “Amazonas” para cima das embarcações inimigas, numa manobra tentada pela primeira vez no mundo. Com as colisões, três navios paraguaios foram completamente inutilizados e, ao perceber isso, os comandantes dos demais fugiram rio acima, perdendo 4 barcos e todas as chatas, com 1500 homens. A batalha durou 10 horas sangrentas. Ao final, Barroso manobrou rapidamente para abalroar e por a pique 3 embarcações inimigas com seu navio “Amazonas”. Assim, segurou a vitória. As perdas brasileiras foram de um navio e 247 homens, entre mortos e feridos. Entre os atos de heroísmo, que se verificavam nessa terrível batalha, merecem destaque os dos marinheiros brasileiros Greenhalgh e Marcilio Dias, o primeiro prostrando morto um oficial paraguaio que tentava arriar a bandeira da canhoneira “Parnaíba”, mas sendo abatido a golpes

de machado pela multidão de paraguaios que o assaltou; e o segundo, lutando a sabre com numerosos atacantes de sua nave, quando ficou cobertos de ferimentos e por isso acabou falecendo o dia seguinte...”

#### **Rua Floriano Peixoto (Antiga Rua do Jardim)**

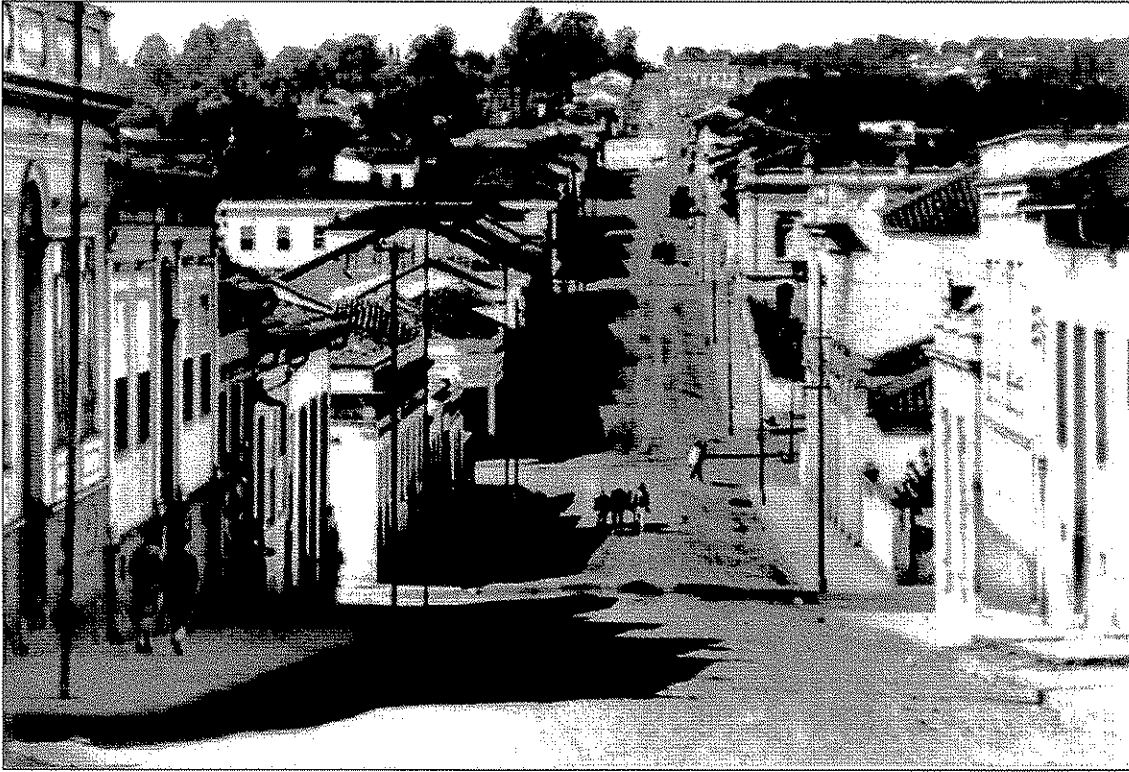
“Floriano Vieira Peixoto nasceu em Ipioca, Alagoas, no dia 30 de abril de 1839. Foi militar e estadista, conhecido como “Marechal de Ferro”, uma das maiores expressões do movimento republicano. Filho de lavrador, ficou órfão e foi criado na escola militar em 1861; passou a primeiro-tenente em 1863. Participou da guerra do Paraguai como simples tenente, mas contribuiu para retomada de Uruguaiana, com o que foi promovido a capitão e condecorado com a Ordem de Cristo. Participou de diversas batalhas e por elas recebeu diversas condecorações. Graduou-se em ciências físicas e matemática. Quando da Proclamação era Marechal-de-Campo e Ajudante-General do Exército. Com a renúncia de Deodoro da Fonseca, assumiu a Presidência em 23 de novembro de 1891. Em novembro de 1894 deixou o governo, sem comparecer à posse de Prudente de Moraes. Usou métodos violentos e extremamente repressivos a seus opositores, fazendo com que houvesse muitos fuzilamentos. Por tantas lutas, foi chamado “o Consolidador da República”. Morreu no dia 29 de junho de 1895, em Barra Mansa, no Rio de Janeiro.”

#### **Travessa Caetano Romano**

A Travessa Caetano Romano fica entre a Rua Floriano Peixoto e a Rua Gomes Carneiro e entre as Ruas São João e Bom Jesus. Não foram encontradas informações sobre o homenageado.

#### **Rua Gomes Carneiro**

“Antônio Ernesto Gomes Carneiro foi um militar brasileiro. Nasceu em Serro, Minas Gerais, no dia 28 de novembro de 1846 e faleceu em Lapa, Paraná, no dia 9 de fevereiro de 1884. Iniciou seus estudos na sua cidade natal, continuou no seminário de Diamantina e depois em Curvelo. Fazia o curso de humanidade no mosteiro dos beneditinos, no Rio de Janeiro, quando alistou-se como soldado no Corpo de Voluntários de Pátria para combater na Guerra do Paraguai. Na guerra conquistou os postos de primeiro-sargento e alferes, por bravura, sendo ferido três vezes em combate. Finda a guerra, voltou ao Brasil, matriculando-se na escola militar, em 1872. Foi promovido a tenente (1875), capitão (1877), major (1877), tenente-coronel (1890) e coronel (1892). Acompanhou D. Pedro II em sua viagem a Minas Gerais, em 1881. Chefiou a comissão construtora de linhas telegráficas na “Marcha Para o Oeste”, de 1890 e 1892, tornando-se o responsável pelo recrutamento do então temente Cândido Rondon. Convocado a partir para o sul, durante a revolução federalista, suas tropas foram cercadas na cidade de Lapa, Paraná, em um dos mais célebres episódios da vida militar brasileira. Foram 24 dias de resistência, com uma tropa oito vezes menor que a dos adversários comandados pelo rio-grandense Gumerindo Saraiva. O coronel Gomes Carneiro foi ferido, morrendo dois dias depois, em 9 de fevereiro de 1894; um dia antes, sem saber, fora promovido a general-de-brigada, por bravura.”



*Rua Moraes Barros (Antiga Rua Direita), vista da Rua Governador Pedro de Toledo - Foto sem data*

## Largos do Bairro Alto

“Na virada do século 20, Piracicaba possuía 15 largos”.<sup>4</sup> Quatro estavam situados no Bairro Alto: Largo Santa Cruz, ao lado da Rua Santa Cruz, entre as ruas São José e Moraes Barros; Largo Bom Jesus, ao lado da Igreja Bom Jesus, na Rua Moraes Barros, entre as ruas Alfredo Guedes e Bom Jesus; Largo da Estação Velha, entre as ruas Moraes Barros, XV de Novembro e Manoel Ferraz de Arruda Campos e Largo do Cemitério, ao lado do Cemitério da Saudade, no espaço formado pelas ruas Mores Barros, Silva Jardim, 13 de Maio e Av. Independência.

Os dois últimos não existem mais. O Largo da Estação Velha tinha esse nome porque no local existiu a Estação da Estrada de Ferro Ituana, que chegou a Piracicaba em 1877. O Largo da Estação Velha teve o nome mudado para Praça da Bandeira, chegou a ser emplacado com o nome de Travessa Guerino Oriani e voltou a chamar-se Praça da Bandeira. Deu lugar ao Grupo Escolar Dr. Alfredo Cardoso, construído nos anos de 1950 e 1951. O Largo do Cemitério, onde foi formado o Parque “Barão da Serra Negra”, ficou conhecido como “Bosque” e foi ocupado pelo Estádio Municipal “Barão da Serra Negra”, inaugurado em 4 de setembro de 1965.



*Largo da Estação Velha ao lado da Rua Moraes Barros (sem data)*

*Da esquerda para a direita, em pé: Antonio Bertolini (Toninho Sapateiro), Luiz Nascimento e Antonio da Silva.*

*Abaixados: (?) Cachimbo, Tote Hellmeister, Geraldo Barata (Leão) e Antonio Santana (Carneiro)*

4. Cachioni, Marcelo – Arquitetura Eclética na cidade de Piracicaba - 2002



*Largo da Estação Velha*

*Da esquerda para a direita: Geraldo Barata (Leão), Lázaro de Souza (Lazinbo Pão Duro), Antonio Bertolotti (Carioca), Jorge Hellmaister (Tote), Antonio Ferreira (Pradão), Antonio Santana (Carneiro), Antonio Franco Camargo (Careca) e Euclides Côa.*

## *O Largo Santa Cruz e a Capela*

### **O Largo**

O Largo Santa Cruz, onde havia uma pequena capela, está situado ao lado da Rua Santa Cruz, entre as ruas Moraes Barros e São José.

Com a libertação dos escravos, em 13 de maio de 1888, os negros foram deixados ao abandono, entregues à própria sorte. Sem ocupação e sofrendo todo o tipo de discriminação, viviam numa ociosidade que os levava ao alcoolismo e à mendicância.

Em Piracicaba, os negros reuniam-se em diversos lugares, entre os quais o Largo Santa Cruz, espaço que era muito utilizado para as festas populares. À luz das fogueiras e ao som de instrumentos de percussão, dançavam a umbigada e outras danças de origem africana, e o batuque ia noite adentro. As algazaras e as brigas eram constantes e muitos sofriam ferimentos por faca. Havia jogos proibidos, muita bebida alcoólica e até prostituição.

A desordem no Largo Santa Cruz era tanta que, em 12 de abril de 1891, o Sr. Ricardo Pinto de Almeida, presidente da Conferência São Vicente de Paulo, solicitou aos confrades “que não comparecessem nas festas da Capela Santa Cruz, na Rua Direita, no Bairro Alto, porque o ambiente é anticristão e porque eram realizadas longas orgias, onde transformaram um sentido respeitoso em meras bacanais de paganismo, e que o espírito das trevas prevalecendo-se de má fé de uns, da indiferença de outros e ignorância de muitos,

procuravam substituir o culto que todos os católicos devem prestar ao símbolo de sua religião, a Santa Cruz.”

Essas ocorrências começaram a ter fim com a ação enérgica das autoridades contra a vadiagem. “Pelo mês de maio de 1895, as autoridades municipais tomaram medidas que deram bons resultados: toda pessoa de cor que perambulasse pelas ruas da cidade sem ter o que fazer, era detida e recolhida na Cadeia Velha, amarela, como era conhecida pelo Zé povinho, e só podia sair com emprego arrumado.”

### **A Capela**

“No Largo Santa Cruz, durante parte do século 19 e começo do século 20, existiu uma capela, construída para abrigar uma cruz deixada por fiéis.”

Nessa capela, em 24 de setembro de 1902, o monsenhor José Rodrigues Sekler, então vigário da paróquia de Santo Antônio, fundou o primeiro Centro de Catecismo com o nome de Centro de Catecismo “Imaculado Coração de Maria”.

Durante certo tempo, a capela ficou fechada para os serviços religiosos, mas o ensino religioso, entretanto, não foi interrompido, pois senhoras piedosas continuaram o trabalho em salas cedidas pelas famílias de Ângelo Bacchi e Gaspar Fessel.

Reaberta a capela, em 1903, o monsenhor Victor da Soledade celebrou a primeira missa. Em 1910, verificando ser pequena a capela para o elevado número de crianças, o cônego Manoel Francisco Rosa, nomeado vigário da paróquia de Santo Antônio, criou novos centros de catecismo, um no bairro do Piracicamirim e outro no bairro Razera. Em 1918, a capela passou por alguns reparos internos.

Com a inauguração da capela-mor da Igreja Bom Jesus, em 1919, o cônego Rosa instalou ali um centro de catecismo só para meninos, ficando a capela Santa Cruz reservada para meninas.

As missas na capela eram celebradas no terceiro e quarto domingos, com distribuição da sagrada comunhão. Anualmente, a 3 de maio, realizava-se a festa da Santa Cruz. Em 9 de novembro de 1929, a capela recebeu a visita pastoral do bispo Conde D. Francisco de Campos Barreto, da diocese de Campinas à qual Piracicaba pertencia.

As poucas cerimônias religiosas, que ainda eram realizadas na pequena capela, foram transferidas para a nova Igreja Bom Jesus, ficando a capela fechada para os ofícios.

Nas pesquisas realizadas, não foi possível determinar a data em que a capela Santa Cruz foi demolida. Em uma fonte consultada, consta que a demolição da capela começou em 1939. Em outra, consta que a capela foi “destruída” na gestão do prefeito Dr. José Vizioli. O Dr. José Vizioli foi prefeito de Piracicaba no período de 13 de fevereiro de 1941 a 17 de agosto de 1943. As datas não combinam.

Na Cúria Diocesana de Campinas, nada foi encontrado. Na Cúria de Piracicaba, no Livro Tombo nº01 (Paróquia do Bom Jesus – 1925 a 1941), consta um requerimento do padre Martinho Salgot ao bispo de Campinas, pedindo a transferência da capela Santa Cruz da paróquia do Bom Jesus para a Vila Progresso, hoje paróquia Santa Cruz – São Dimas, onde seria construída nova capela. Padre Martinho, pede ainda que, após inventário, as imagens e demais objetos da capela Santa Cruz sejam guardados na matriz até que a nova capela esteja nas condições prescritas pela diocese. Esse requerimento (sem data) está registrado no início de 1939.

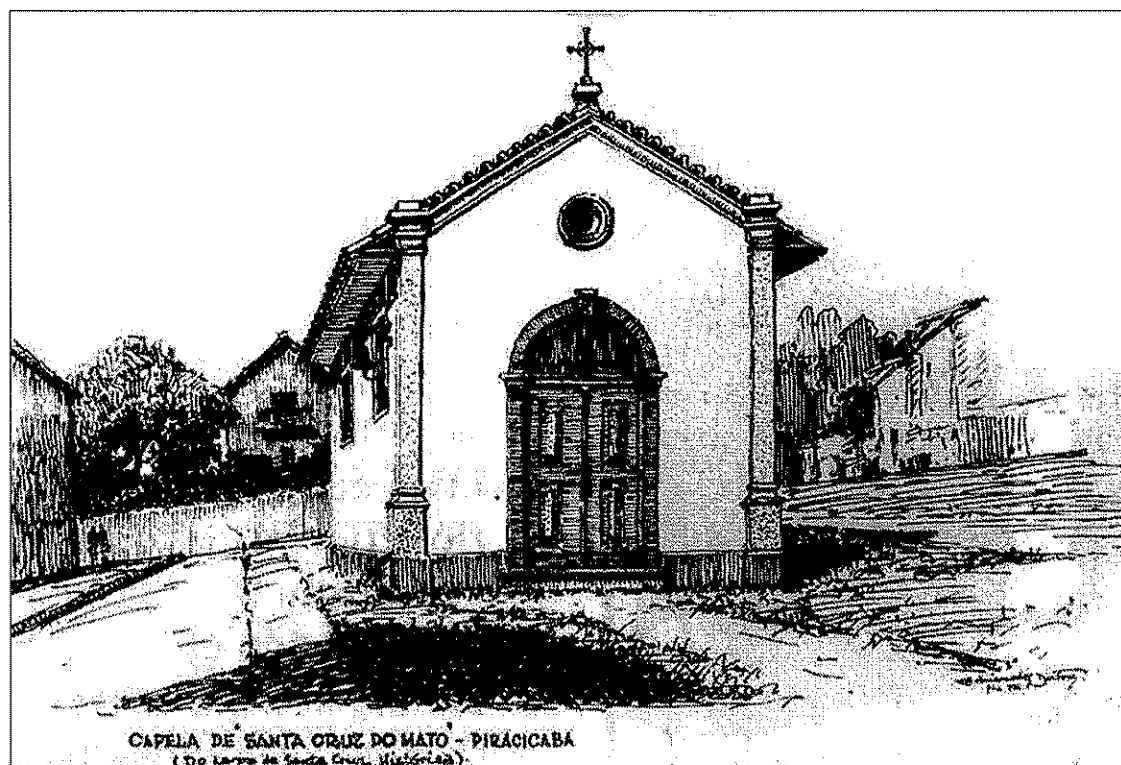
No Jornal de Piracicaba, edição de 7 de setembro de 1940, consta: “Às 16 horas e 30 minutos, com a presença das autoridades locais, representantes das nossas associações e entidades de ensino, e o povo em geral, será festejada a conclusão dos trabalhos de remodelação do Largo Santa Cruz. O velho largo solarento, empoeirado e feio, hoje é, mercê da administração do Sr. Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, uma elegante, aprazível e higiênica praça. Respeitando a tradição, o Sr. Prefeito Municipal fez erigir, onde seria a capela que dava nome ao largo, um artístico cruzeiro, em granito, linda criação de Archi-

medes Dutra. Depois da benção do cruzeiro pelo padre Martinho Salgot, pároco do Bom Jesus,..."

Se o requerimento do padre Martinho Salgot está registrado no início de 1939, e o cruzeiro colocado no lugar da capela foi inaugurado no dia 7 de setembro de 1940, a dedução lógica é que a capela foi demolida nesse intervalo de tempo.

Segundo o pesquisador Geraldo Fischer, em 1941, o cruzeiro artístico colocado no lugar da capela foi desmontado e guardado, sendo depois levado para a igreja matriz de Santa Cruz e São Dimas, onde se encontra até hoje.

Conforme conta Fischer, "a cruz que atualmente está no Largo Santa Cruz, foi erguida no ano de 1950, uma lembrança das santas missões".



*Capela de Santa Cruz – Desenho de Archimedes Dutra*

*Elias Netto, Cecílio – Almanaque 2000 – Memorial de Piracicaba – Século XX*

### *Parque “Barão da Serra Negra” – O Bosque*

O parque “Barão da Serra Negra”, depois conhecido por todos com o nome de Bosque, localizava-se no antigo Largo do Cemitério, no Bairro Alto. Foi em 1899 que a Câmara autorizou o Intendente (Prefeito) a abrir o Parque e entregá-lo ao uso público.

O Bosque ocupava uma área de mais ou menos 30.000 metros quadrados. Com um perímetro de 800 metros, ocupava os seguintes quarteirões: Rua Silva Jardim (da Rua 13 de Maio até a Rua Moraes Barros); Rua Moraes Barros (da Rua Silva Jardim até a Av. Independência); Av. Independência (da Rua Moraes Barros até a Rua 13 de Maio) e Rua 13 de Maio (da Av. Independência até a Rua Silva Jardim).

Cortado em todas as direções por largas ruas, o Bosque possuía árvores frutíferas e enormes eucaliptos. Era comum ver pessoas carentes buscando cascas de eucaliptos para alimentar fogões à lenha.

As crianças brincavam por todo o interior do bosque, mas o lugar preferido era o bambuzal, mais próximo da Av. Independência.

Era no Dia dos Finados que o Bosque tinha mais vida no lado da Rua Moraes Barros, os ambulantes vendiam toda a espécie de bugigangas. Ainda guardo na lembrança, como eram os passarinhos de brinquedo, que amarrados por um fio e uma vareta giravam com o vento, produzindo o som de um trinado. das bolinhas de papel, cheias de pó-de-serra, que pressas a um elástico eram atiradas principalmente nas moças. Havia, também, um palhacinho ou um macaquinho, que preso entre duas pequenas e finas hastes de madeira, davam cambalhotas quando as extremidades das hastes eram pressionadas.

Coroas de papel, de todas as cores, eram vendidas àqueles que se dirigiam ao cemitério. Os sorveteiros, garapeiros, vendedores de doces e salgados, anunciavam, em voz alta, o que vendiam. Caminhões de melancia estacionavam próximos ao Bosque, vendendo as frutas em pedaços.

Como nessa época só existia o Cemitério da Saudade, era grande o número de pessoas que passavam pelo Bairro Alto, vindo de todos os bairros da cidade para visitar o campo santo. O Dia dos Finados, que deveria ser um dia de respeito, na verdade, se transformava em um dia de festa.

Mais para o interior do Bosque, grupos de jovens e casais de namorados circulavam pelas alamedas. As pessoas, que vinham da zona rural com destino ao cemitério, guardavam os troles, charretes e animais nos quintais das casas de Issa Salum, de Ângelo Furlan e de Cesário Brossi, que moravam nas proximidades.

Como a Av. Independência era a passagem das boiadas, às vezes acontecia de haver um “estouro”, e os bois se espalhavam pelo Bosque, dando o maior trabalho para os peões. Nessas ocasiões os moradores ficavam alvoroçados e temerosos, e muitos se recolhiam apressadamente, fechando os portões e as portas das casas.

O Bosque sempre foi alvo dos mais variados comentários. Dizia-se que nele havia assombração e até uma mula sem cabeça, que, à noite, andava por todo o Bosque e depois, na madrugada, entrava no Cemitério pelo último portão da Av. Independência, próximo à Rua 13 de Maio. Quando se falava nessas coisas, as crianças arregalavam os olhos e quase morriam de medo, principalmente quando o urutau soltava seu canto lúgubre, que mais parecia um gemido humano. Nós, crianças que morávamos bem em frente ao Bosque, sabíamos muito bem o que era medo.

Um dos primeiros zeladores do Bosque foi Orlando Bueno, meu avô. Nhô Orlando, como era conhecido, possuía um bodoque, como um arco de flecha, que eram usados para espantar a molecada que danificava as árvores. Em seguida, vieram Pedro Barata e Agostinho Bottene, que usava um machadinho preso à cinta.

O majestoso Bosque teve o seu fim, lamentavelmente, na década de 1950, quando o prefeito, Dr. Samuel de Castro Neves, mandou cortar as árvores e limpar o terreno para dar lugar à construção do Estádio Municipal “Barão da Serra Negra”, inaugurado em 4 de setembro de 1965.





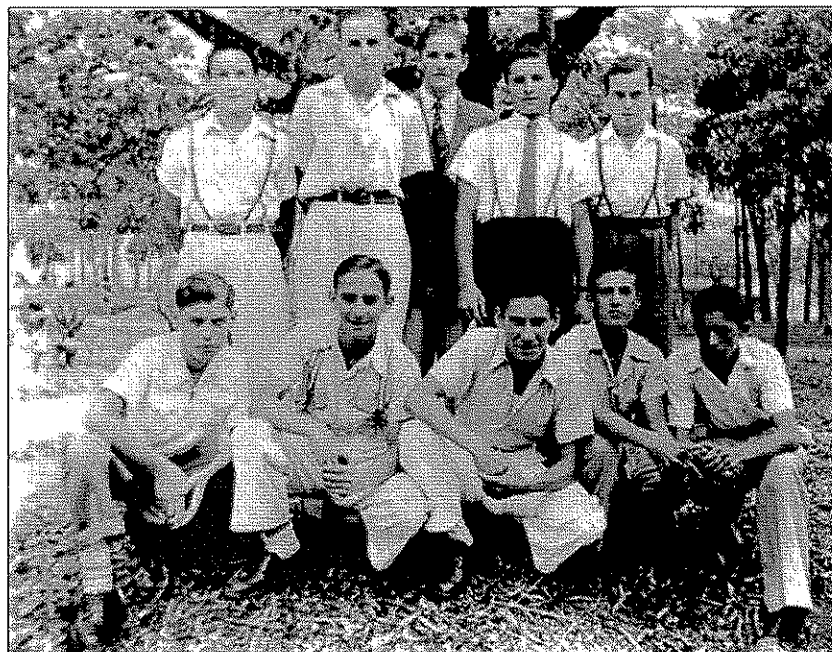
*Grupo de meninos no interior do Bosque*

*Pedro Salum (Peru) é o segundo em pé, da esquerda para a direita*

*Abaixados: o primeiro é Rosalvido Cobra, o segundo Egídio Daniel e o penúltimo Rovil Sebastião Cobra. Foto sem data.*



*O jovem Elias Salum no Bosque – esquina da Av. Independência com Moraes Barros*



*Jovens moradores do Bairro Alto, no interior do Bosque. Da esquerda para à direita, em pé: Egídio Daniel, João Yrandi Hellmeiste, Miguel Caparroz, Pedro Hipólito e Mário Carraro Filho. Abaixados: Oswaldo Pereira Cardoso (Chatão), Aristides Bertolotti, Gessio Daniel, Lúcio Fantazia Netto e Emilio Caparroz.*

## *Estádio Municipal “Barão da Serra Negra”*

A construção do Estádio Municipal “Barão da Serra Negra” ocupou a maior parte do local onde existiu o Bosque do Bairro Alto.

O estádio, ainda por terminar, foi inaugurado no dia 4 de setembro de 1965, quando era prefeito o Com. Luciano Guidotti.

No dia da inauguração, houve um jogo pelo Campeonato Paulista de Futebol, entre o Esporte Clube XV de Novembro e a Sociedade Esportiva Palmeiras, de São Paulo, jogo que terminou sem abertura de contagem.

Foi árbitro desse jogo José Ferreira Carvalho. O XV de Piracicaba formou com: Silvio, Virgílio, Pescuma e Dorival; Chiquinho e Bastos; Varner, Rodarte, Benê, Emilio e Sabino; técnico Gilson Silva.

O Palmeiras jogou com: Valdir; Djalma Santos, Djalma Dias e Ferrar; Dudu e Procópio; Gildo, Servílio, Tupãzinho, Ademir da Guia e Rinaldo. A renda foi de Cr\$ 19.825.000,00.

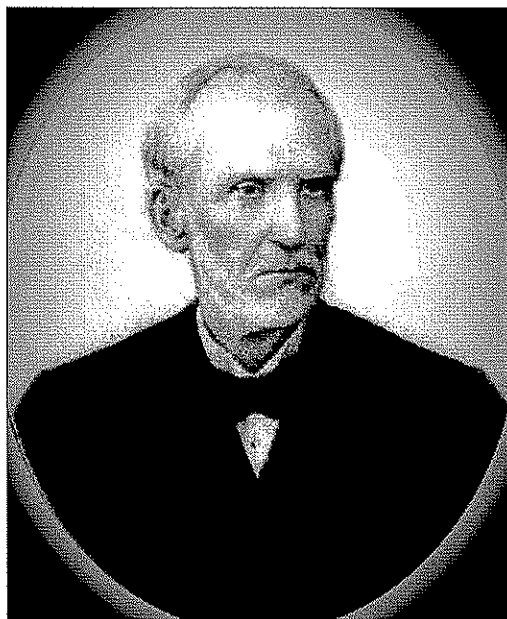
Ao lado do Estádio Municipal “Barão da Serra Negra”, na Rua 13 de Maio e em parte da Rua Silva Jardim, foram construídos o Ginásio de Esportes Valdemar Blatskauskas e um conjunto de piscinas.

### **Barão de Serra Negra**

Francisco José da Conceição, o Barão da Serra Negra, nasceu em Piracicaba, em 1835. Seus pais, Antonio José da Conceição e Rita Morato de Carvalho, descendiam de antigo tronco que teve dez filhos.

Em Piracicaba, Francisco José da Conceição foi grande lavrador de café e comerciante, e, antes de receber o título de Barão pelas mãos do Imperador D. Pedro II, já tinha o posto de Coronel da Guarda Nacional.

Dono de grande fortuna, foi um dos que fundaram a Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, à qual doou muitas ações de suas empresas. Construiu o hospício dos alienados, um dos primeiros hospícios do Brasil, inaugurado em 30 de dezembro de 1897, com o nome de Hospício São Francisco de Assis. Era anexo à antiga Santa Casa de Misericórdia, na esquina das ruas XV de Novembro e José Pinto de Almeida. Fundou, ainda, o Banco de Piracicaba.



*Francisco José da Conceição – Barão da Serra Negra*

Faleceu em Rio das Pedras, numa de suas fazendas (Fazenda Bom Jardim), em 2 de outubro de 1900, tendo sido sepultado na capela da fazenda, naquela cidade.<sup>5</sup>

Foram seus filhos: Dr. João Baptista da Rocha Conceição, casado com Da. Ária de Nazareth da Rocha Conceição; Dr. Francisco Júlio da Conceição, casado com Da. Anna Monteiro de Barros Conceição; Dr. Antônio Augusto da Conceição, casado com Da. Laura Corrêa da Conceição; Manoel Ernesto da Conceição, casado com Da. Baby de Rezende Conceição; Júlio Conceição, casado com Da. Marianna de Freitas Conceição; José Flávio da Conceição, casado com Da. Angelina Silveira da Conceição; Anna Cândida da Conceição Rezende – Baronesa de Rezende – Viúva do Barão de Rezende – Dr. Estevão Ribeiro de Souza Rezende; Da. Francisca da Conceição Corrêa Dias, casada com Dr. Adolpho Corrêa Dias; Da. Angelina da Conceição da Silva Leitão, casada com Dr. Torquato da Silva Leitão e Da. Maria da Conceição de Almeida Morato, casada com o Dr. Francisco Antonio de Almeida Morato.

---

5. Em outra fonte de informações, foi encontrado o ano de falecimento como sendo 1902.



# Comércios e Indústrias

## *Casa Munhoz*

A Casa Munhoz, com o ramo de atacadista em geral, foi fundada em 1928, pelos irmãos Munhoz: Manoel, Francisco, Antonio e João.

Esteve estabelecida por mais de 40 anos na Rua Moraes Barros 1067, ao lado do antigo leito da Estrada de Ferro Sorocabana, hoje Av. Armando de Salles Oliveira.

Com filial em São Paulo, a Casa Munhoz foi uma das maiores empresas atacadistas de Piracicaba, com importação, comércio de cereais, açúcar e benefício de arroz. Encerrou as atividades em 1971.

## **CASA MUNHOZ**

**Importação e Comércio  
CEREAIS E BENEFICIO DE  
ARROZ — AÇÚCAR**

*Irmãos Munhoz Ltda.*

**MATRIZ :**

**PIRACICABA : Rua Moraes Barros, 1.067**

— Fone, 3-0-3 —

**FILIAL :**

**SÃO PAULO : Rua Barão Duprat, 571**

— Fone, 35-2214 —

**Enderêgo Telegráfico < HERMUNUS >**

*Comercial Casa Munhoz*

## *Rações Ceres*

Fundada, em 1948, pelos Irmãos Munhoz, a fábrica de Rações Ceres teve o seu início na Rua D. Pedro II, 1305. Em 1953, a empresa foi transferida para a Rua Prudente de Moraes esquina com a Rua São João; em 1960, mudou-se para o Distrito Industrial UNILESTE.



*Prédio da Fábrica de Rações Ceres*



*Comercial*

# RETÍFICA ROMANO

Máquinário completo e moderno



Sr. Antonio Romano  
Proprietário da Retífica Romano

Retificação de  
Valvulas, Virabre-  
quim e Bielas.  
Enchimento de  
Mancais e Bielas

SERVIÇOS GARANTIDOS

Encamisamento de  
Motores  
Vendas de Peças e  
Acessorios em  
geral.

*Recondicionamento completo de Motores a Explosão*

*Antonio Romano*

Rua São José, 1122 - Tel. 740 - PIRACICABA - E. S. Paulo

Comercial - Retífica Romano



*Bar Cruzeiro*

*Foto tirada em frente ao Bar Cruzeiro – 1961*

*Em pé: Braguinha, Dilão, Carlinhos, Cornélio, Pousa, Cesar, Sotelli, Humbertinho Provenzano, Tuto Checulli e Rudney Romani. Abaixados: Geraldo da Silva, Nelson Tecessini, Cobra e Zeco.*

Instalado, atualmente, na Rua Moraes Barros, 1321, o Bar Cruzeiro tornou-se famoso, não só pelo bom atendimento que sempre dispensou aos seus fregueses, mas também pela seleta clientela.

Anteriormente, esteve localizado no outro lado da Rua Moraes Barros, no nº 1288, tendo mudado para o atual endereço no ano de 1959.

Até 1938, o Bar Cruzeiro pertenceu a Antonio Rodrigues de Almeida, conhecido por Tonico Alemão. Nesse ano, o bar foi comprado por Antonio Kraide em sociedade com o cunhado Antonio Rodrigues Coelho, conhecido por Toninho Bicanca.

Em fins de 1949, o bar passou para João Franchim, que veio com a família da cidade de Itapuú, região de Jaú; comprou o bar em nome de seu filho Alberto Franchim e do

genro Antonio Peixe. Em novembro de 2003, houve uma nova transferência para Cesar Augusto Peixe, membro da família e atual proprietário.

Nos fundos do bar havia um campo de jogo de bocha, já desativado, cujo espaço está sendo aproveitado para as noites de seresta, que acontecem em todos os finais de semana.

O Bar Cruzeiro existente há 70 anos e, destes, 60 com a mesma família, também serviu refeições por 35 anos, mas ainda mantém a tradição servindo lanches, porções e jantares. Vale lembrar que o Bar Cruzeiro teve um dos melhores times do futebol varzeano.

### *Ao Zequita*

“José Ortiz Sobrinho – Zequita – nasceu em Ipeúna, no dia 8 de abril de 1926, e passou a sua infância e parte da sua juventude na cidade de São Pedro. Em 22 de junho de 1947, casou-se com Julieta Azzini Ortiz, vindo residir em Piracicaba, acalentando um sonho de alcançar sucesso pessoal e profissional e, como consequência, dar boas condições de vida à família.

Órfão de pai aos 7 anos de idade, teve de lutar muito para ajudar sua mãe e seus quatro irmãos. Completou o quarto ano primário com muito sacrifício e aprendeu o ofício de barbeiro com o Sr. Luiz Azzini, que veio a se tornar seu cunhado.

Assim que chegou a Piracicaba, Zequita adquiriu uma barbearia na Rua Moraes Barros, 1432, no Bairro Alto, passando a residir nos fundos do salão.

O seu apelido carinhoso – Zequita –, nasceu em São Pedro, terra de tradição nos diminutivos dos nomes próprios. Com o apoio de Dona Julieta, Zequita foi aos poucos ganhando notoriedade, pela sua elegância, boa conversa, simpatia e bons tratos a seus clientes. Sempre estava preparado para atender com dedicação e empenho, em qualquer dia e horário que se fizesse necessário.

Sua filosofia de trabalho foi desempenhar a profissão com diferencial, ou seja, procurar ser o melhor em todos os aspectos da caminhada profissional escolhida. Assim sendo, sua barbearia prosperou e o seu salão tornou-se um dos melhores e mais bem frequentados do Bairro Alto. Como tutor de vários sobrinhos, teve de iniciá-los também na profissão para que o ajudassem diante de uma freguesia sempre mais exigente e companheira.

No começo da carreira profissional, Zequita abria o salão sempre mais cedo do que o horário habitual do comércio, para que seus fregueses pudessem ir ao trabalho devidamente barbeados, penteados e perfumados. Fechava as portas depois das 22 horas, ficando, às vezes, batendo papo, ouvindo serestas com o famoso Cobrinha e Pedro Alexandrino até altas horas da noite.

Prosperando a barbearia, Zequita passou a cultivar seus fregueses valendo-se de águas e cremes especiais, pós-barba e cabelo. Como a freguesia solicitava, cada vez mais, os perfumes e as colônias que ele mesmo preparava, montou uma perfumaria na parte da frente do salão, deixando-a por conta de sua esposa Julieta.

Enquanto ele conversava e cuidava dos homens, dona Julieta, igualmente esbanjando simpatia, ia vendendo outros produtos para as mulheres moradoras do bairro. Ela trouxe de São Pedro a paixão pelos bordados e foi com eles que abriu inicialmente a grande loja “Ao Zequita”, vendendo perfumes “Tabu”, brilhantina “Royal Briar” e o óleo “Palmolive”, roupas de cama, mesa e banho e, posteriormente, roupas de crianças e adultos.

Com as instalações ampliadas, foi o pioneiro em Piracicaba a vender aparelhos de televisão, outros eletrodomésticos e a fazer promoções e concursos pela Rádio Difusora de Piracicaba. Com uma velha perua Kombi, entregava os moderníssimos televisores “Empyre” aos piracicabanos, passando a vender depois para as cidades vizinhas, como

São Pedro, Santa Bárbara D'Oeste, Torrinha, Americana, Limeira, Charqueada e Santa Maria da Serra.

Mesmo aposentando da tesoura e da navalha, não deixava de cuidar de alguns clientes especiais, entre eles o Monsenhor Martinho Salgot. Aos domingos, ia sempre aos asilos ou ao Abrigo São Vicente de Paulo para cortar o cabelo das pessoas mais carentes.

Era um de seus passatempos preferidos o trabalho social voluntário e a realização de passeios junto à natureza com seus familiares e colaboradores.

#### **Ator e Escritor**

Em 1948, Zequita passou a integrar um grupo de teatro, dirigido pelo maestro Vicente Gimenez, que encenava suas peças no salão paroquial da Igreja Bom Jesus. Viveu o papel de Rubens, o filho mais moço de uma família na peça "O Filho Pródigo", de Henrique Paschoal. Trabalhou, também, na encenação "As Aventuras da Família Lero-Lero", no drama "Aluga-se Esta Casa", na "Canção de Bernadete", uma peça de três atos e quatro quadros. Atuou, igualmente, num drama sacro "O Poder da Fé", de Antonio da Silva Peixoto, interpretando o papel do Dr. Mário, o médico dos pobres, e no "Segredo do Padre Jeremias". Zequita sempre teve o espírito muito alegre e brincalhão e roubava todas as cenas, com uma presença marcante no palco.

O lado artístico de Zequita era reforçado pela sua imensa vontade de ler e escrever. Tinha apenas concluído o primário, mas tornou-se um autodidata, com uma extensa biblioteca de assuntos gerais, conseguindo um elevado grau de conhecimento por meio de leituras de todo e qualquer assunto que esclarecesse melhor os enigmas da vida. Nos últimos anos de sua vida, começou a ler muito sobre parapsicologia, temas espiritualistas e filosóficos, chegando a mostrar e comprovar o valor do pensamento positivo e o poder da mente, ajudando inúmeras pessoas que o procuravam. Foi preletor da igreja Seichon-oi e pertenceu à maçonaria.

#### **O Comerciante Estimado**

Com o seu jeito contagiante de fazer amigos, Zequita impôs-se como uma das lideranças mais expressivas do comércio do Bairro Alto, vindo a aposentar-se em 1979, deixando a loja para as suas filhas. Como todos, Zequitas teve altos e baixos em sua carreira profissional, mas sempre lutou bravamente junto à sua família e, por ela, mantendo sua força, dignidade e liderança.

A loja ficou sob o comando da filha Maria Cristina e do genro Luis Carlos Furtuoso, que lhe deu maior dinamismo, abrindo novas frentes em Piracicaba e Campinas, mantendo a tradição aguerrida do seu fundador. Zequita, em todo o decorrer de sua vida, trabalhou acima de tudo para o bem estar de seus irmãos, filhos, sobrinhos, netos, colaboradores e amigos. Faleceu em 16 de novembro de 1989.<sup>6</sup>

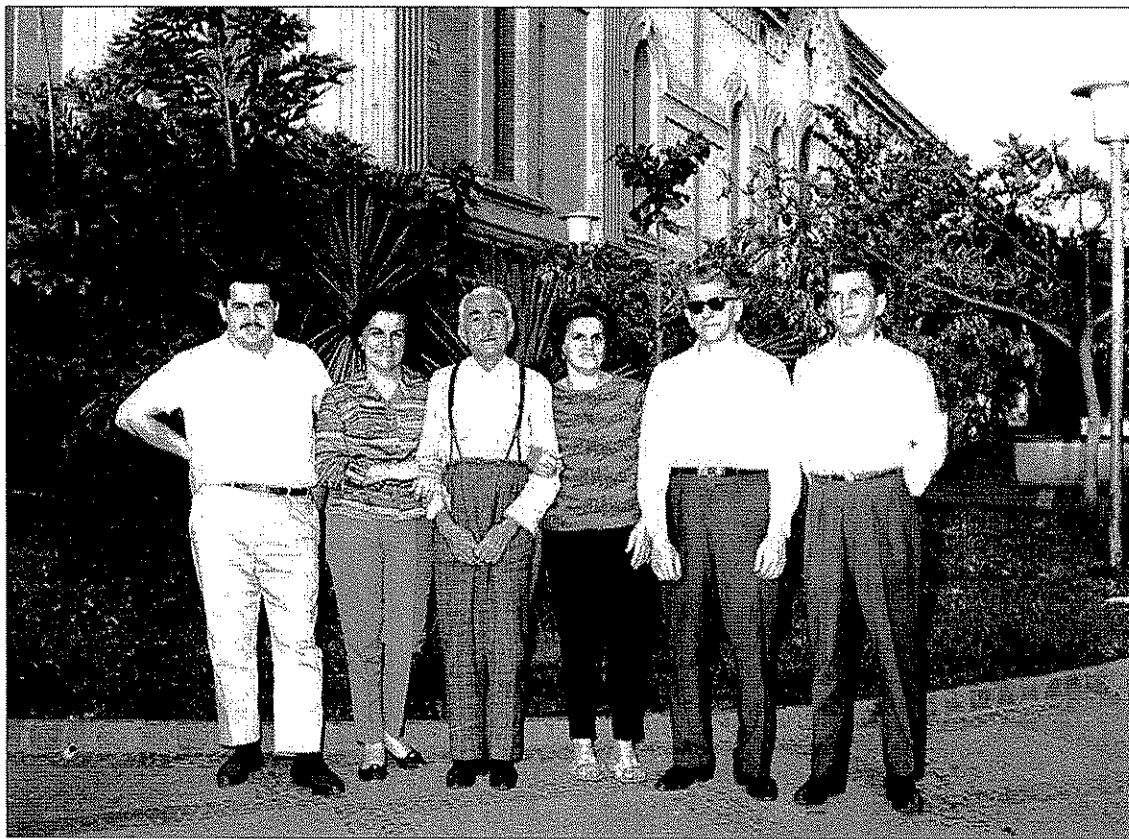


*Da. Julieta e Zequita, com amigos*

6. Texto de Sueli Regina Ortiz Malacarne.



*Padaria Bom Jesus – esquina da rua Bom Jesus com a rua Moraes Barros*

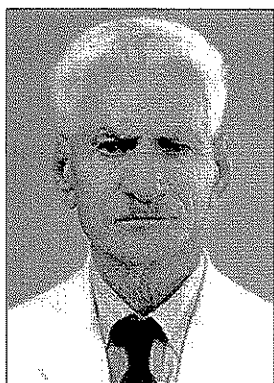


*Juca Monteiro, proprietário da Padaria Bom Jesus entre seus filhos  
Da esquerda para a direita: Benito, Nair, Juca, Yolanda, Antonio e José Jr.*

### *“Fábrica Aurora” – Antonio Monteiro & Filhos*

Foi uma indústria alimentícia que fabricava o macarrão “Aurora”, as bolachas “Júpiter”, o gelo “Polar” e também era distribuidora dos produtos “Antártica”.

Seu fundador foi Antonio Monteiro, nascido na Calábria, Itália, em 24 de junho de 1863. Com o seu falecimento, em 11 de junho de 1956, a direção da firma foi assumida pelos filhos Alcebiades (Bide) e Rafael Monteiro.



*Antonio Monteiro*

A indústria esteve estabelecida na travessa Da. Felisbina Monteiro (nome da esposa do fundador), entre as ruas Bom Jesus e Alfredo Guedes, ao lado da Igreja Bom Jesus.

O nome de Felisbina Monteiro, dado à travessa onde se localizava a fábrica, foi uma homenagem da Prefeitura de Piracicaba, conforme publicou o Jornal de Piracicaba, na edição de 26 de agosto de 1952: "A Lei Municipal nº 311 denominou Travessa Dona Felisbina Monteiro o trecho compreendido entre as ruas Bom Jesus e Alfredo Guedes, ao lado da Matriz do Senhor Bom Jesus. No dia 24 de agosto de 1952, às 9 horas, realizou-se a solenidade da inauguração da placa da nova travessa. No ato estiveram presentes o prefeito Dr. Samuel de Castro Neves, D. Ernesto de Paulo, bispo diocesano, vereadores, membros da família Monteiro e pessoas de nossa sociedade."

Em junho de 1956, a fábrica "Aurora" foi vendida para o Grupo S. L. Alves.



Legenda  
Rua Alfredo Guedes antes do calcamento de paralelepípedos e asfalto. O Caminhão furgão azul que distribui macarões e horachas da fábrica Aurora o Júpiter o motorista era o Senhor Mário Guidalini (Bigoto).

*Caminhão furgão de entregas da Fábrica "Aurora"*



*Foto da inauguração da placa da Travessa Da. Felisbina Monteiro, em frente à Fábrica "Aurora"*

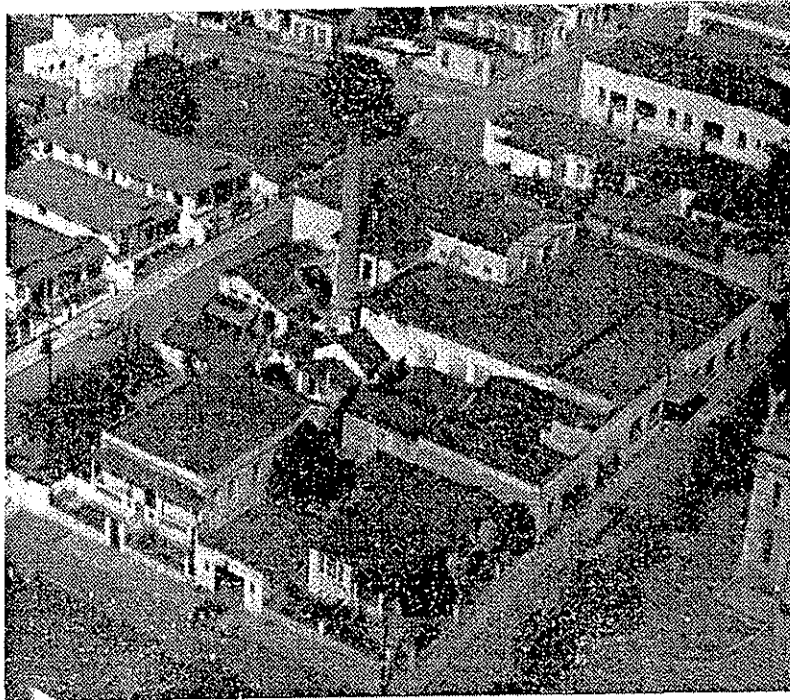
# Antonio Monteiro & Filhos

Distribuidores dos Produtos ANTARCTICA

Fabricantes das insuperáveis massas AURORA

Biscoutos, Bolachas e Pães JUPITER

Gêlo POLAR



Trav. Da. Felisbina Monteiro (Largo Bom Jesus) 1495 - 1503 - 1515

Fones : 282 e 583 :-: Caixa Postal, 16

PIRACICABA

Est. de São Paulo

*Comercial de Antonio Monteiro & Filho*

# Livraria Bom Jesus

A mais barateira da cidade

*Livros para alunos e professores*

Serviços de artigos escolares, elétricos, religiosos, musicais, de papelaria, de perfumaria e para presentes

**Preços mínimos - Seriedade máxima**

**F. F. OANTO**

Rua Morais Barros, 1484 — Largo Bom Jesus  
— Piracicaba —

(1128)

*Comercial Livraria Bom Jesus*

# Leite Ideal

Pasteurizado em aparelhos de processo momentâneo. Aparelhos de placa dos mais modernos

Experimentem o LEITE IDEAL e ganharão confiança na sua absoluta pureza e alta qualidade

**Ideal Lactínicos Ltda.**

Rua 15 de Novembro, 268 — Telephone, 478

11252

*Comercial Leite Idea*

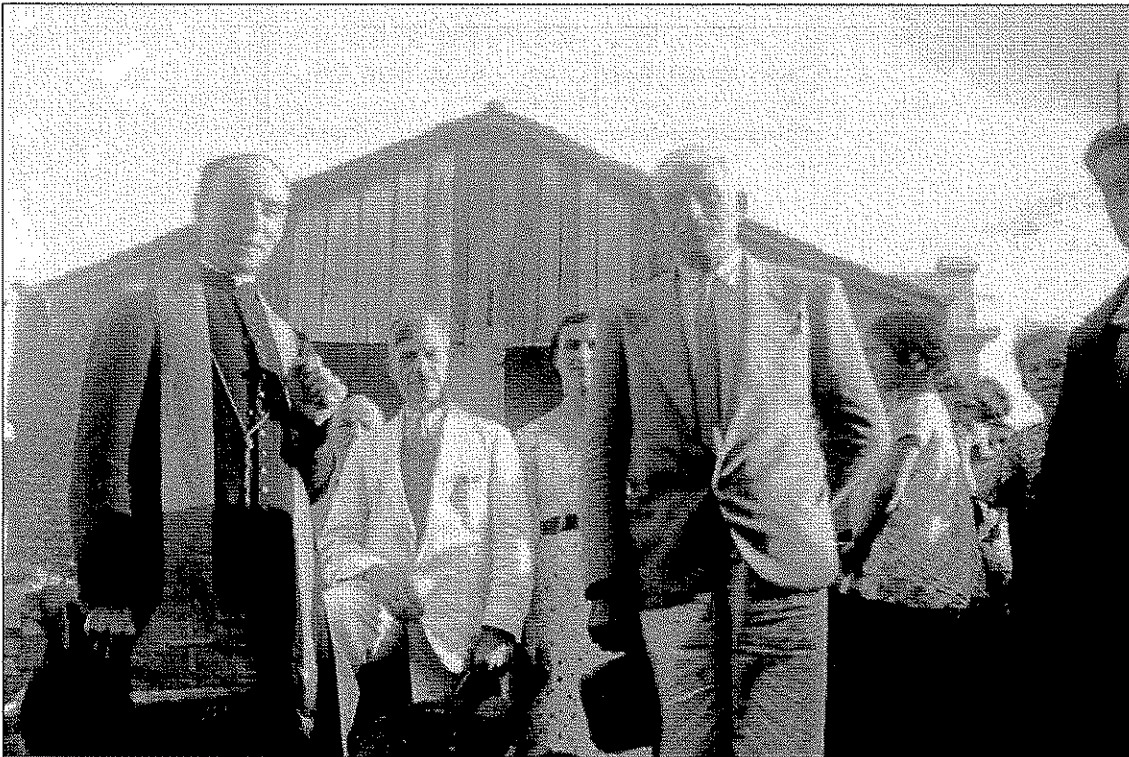


## *A Fábrica de Potes*

A fábrica de potes, vasos, bebedouros de animais, cofrinhos e outros artigos que eram feitos com argila, estava situada na esquina da Rua Moraes Barros com a Rua Alfredo Guedes.

Era de propriedade de Antonio Maria Fernandes Gomes, português nascido em Barcelos, Braga. Veio para o Brasil em 1899 e, em 1915, casou-se com Luiza Creme Gomes, com quem teve sete filhos: Maria, que tornou-se religiosa das Irmãs Franciscanas com o nome de Irmã Clarice de São José, Delfina, Lúcia, Luiz, Cecília, que também se tornou religiosa das Irmãs Franciscanas com o nome de Irmã Jacinta, Inês e José.

Antonio Maria Fernandes Gomes tomou conta da fábrica até o ano de 1944, quando assumiram a direção da indústria os genros Francisco e José, até o ano de 1963, quando encerraram as atividades.



*Lançamento da pedra fundamental da construção onde funcionou a fábrica de potes, vasos, etc.  
Rua Moraes Barros, esquina da Rua Alfredo Guedes.*

*Da esquerda para a direita: Padre Martinho Salgot, Antonio Maria Fernandes Gomes (de terno branco), a filha Delfina e o construtor Napoleão Belluco-1937*



*Trecho da Rua Moraes Barros (sentido Av. Independência), visto a partir da Rua Alfredo Guedes. Na esquina, à direita, vê-se o prédio onde funcionou a fábrica de potes – (não consta a data)*

## *Lélio Ferrari*

### *O pioneirismo em Supermercados*

Filho de Anselmo Ferrari e Elizabepa Sansígolo Ferrari, Lélio Ferrari nasceu em Piracicaba, em 19 de outubro de 1905.

Foi no ano de 1934, quando o café ainda era uma das principais culturas brasileiras, que a vida comercial e industrial de Lélio Ferrari começou: montou uma torrefação de café na Rua Moraes Barros, entre as ruas Santa Cruz e São João, no Bairro Alto. Em 1936, pensando nas modificações e na ampliação de seus negócios, transferiu a torrefação para Rua Governador Pedro de Toledo, entre as ruas Moraes Barros e XV de Novembro, no centro da cidade, onde mais tarde seria instalada a loja nº 1 dos Supermercados Brasil. Ao mesmo tempo, abriu uma mercearia no Mercado Municipal, chamada de Mercearia Brasil.

Nessa época, Lélio Ferrari já contava com a ajuda de seus irmãos Orlando, João e Oswaldo Ferrari.

Em 1955, como o box do mercado municipal se tornou pequeno para a mercearia, Lélio resolveu fechá-la. Transferiu a torrefação da Rua Governador Pedro de Toledo, para a Rua São José, pouco abaixo da Rua José Pinto de Almeida e, onde estava a torrefação, inaugurou o Empório Brasil, que na época era o mais completo e o mais importante de Piracicaba.

Ainda nesse ano, Lélio transferiu novamente a torrefação para a Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos, no Bairro Alto, entre as ruas 13 de Maio e Voluntários de Piracicaba. Nesse local, a torrefação do Café Brasil ficou por vários anos, até que se deu a união de

todas as torrefações de Piracicaba, passando a existir apenas uma. Apesar da fusão das torrefações, as diversas marcas de café que existiam foram conservadas.

Mas Lélío Ferrari achava que ainda tinha muita coisa por fazer. A sua visão de homem de negócios o impulsionava para outras grandes realizações. Seu objetivo era transformar o Empório Brasil em um supermercado, amplo, funcional, que atendesse os seus clientes de forma prática e rápida.

A primeira loja de supermercado, na Rua Governador Pedro de Toledo, onde estava o Empório Brasil, foi inaugurada no dia 26 de outubro de 1962, considerada a primeira do gênero não só em Piracicaba como no Estado de São Paulo, demonstrando o pioneirismo de Lélío Ferrari, que lançava um novo tipo de comércio – Supermercados – mais tarde seguidos por muitos.

Certo de que os bairros da cidade mereciam mais atenção e que o crescimento de Piracicaba exigia urgentemente uma descentralização do comércio, Lélío inaugura a segunda loja de supermercado em 1964, situada na Rua Voluntários de Piracicaba, 1922, no Bairro Alto. Com mais esta loja, os negócios foram ampliados e, como já foi dito, Lélío Ferrari tornou-se pioneiro em Piracicaba no ramo “pegue-e-paque”.



*Frente do Supermercado Brasil – 2a. loja, Rua Voluntários de Piracicaba*

Lélío e seus irmãos, homens dedicados ao trabalho, abriram mais três supermercados. A terceira loja do Supermercado Brasil foi inaugurada em 18 de setembro de 1969, na Rua Fernando Lopes, 211, no Bairro da Paulista. Em 1970, foi na Vila Rezende a abertura da quarta loja, instalada na Avenida Barão de Serra Negra, 454. O nascimento do quinto supermercado deu-se em 19 de novembro de 1962, na Rua Capitão Emídio, 537, no Bairro São Dimas.

Graças ao trabalho e dedicação dos irmãos Ferrari, os cinco supermercados cresciam cada vez mais e, em 25 de outubro de 1973, a razão social da firma foi alterada para Rede Brasileira de Supermercados, tendo Lélío Ferrari como Diretor-Presidente, sempre assessorados pelos seus irmãos Orlando, João e Oswaldo.

Com o falecimento de Lélío Ferrari, ocorrido em 31 de julho de 1974, sua esposa – Da. Célia – assumiu o comando da empresa como Diretora-Presidente da Rede Brasileira de Supermercados. Orlando Ferrari, irmão de Lélío, ficou com o cargo de Diretor-Superintendente; Oswaldo, outro irmão, ficou como Diretor-Comercial. Os genros de Lélío, José Faganello e Luiz Roberto Vessani, assumiram respectivamente os cargos de Diretor-Administrativo e Diretor-Financeiro.

A Rede Brasileira de Supermercados ainda esteve em atividades por alguns anos, sendo depois adquirida pela Rede Catarinense de Supermercados.

Lélío Ferrari foi um homem virtuoso e, sem dúvida, os responsáveis por grande parte do seu sucesso foram sua esposa Da. Célia Ferrari e seus filhos, que sempre o apoiaram e incentivaram.



*Irmãos Ferrari*

*Da esquerda para a direita: Lélío, Orlando, João e Oswaldo*

*Indiscutivelmente*  
*O melhor Café!*



TIPOS:  
CONSUMO  
OU  
SUPER-FINO



**OURO DO BRASIL**

**LELIO FERRARIZ & CIA. S.A.**  
ESPECIALIZADA EM CAFÉS DE QUALIDADE  
SUPER-FINO TELEFONE 454  
PIRACICABA

**TIPO**

**OURO DO BRASIL**

Comercial - Café Ouro do Brasil

LUIZ NASCIMENTO

# *A Doçura do Bairro Alto*

## *Fábrica de Doces Minerva*

Em 1928, um confeitiro com experiência adquirida nas maiores casas especializadas de São Paulo, resolveu transformar o seu sonho em realidade.

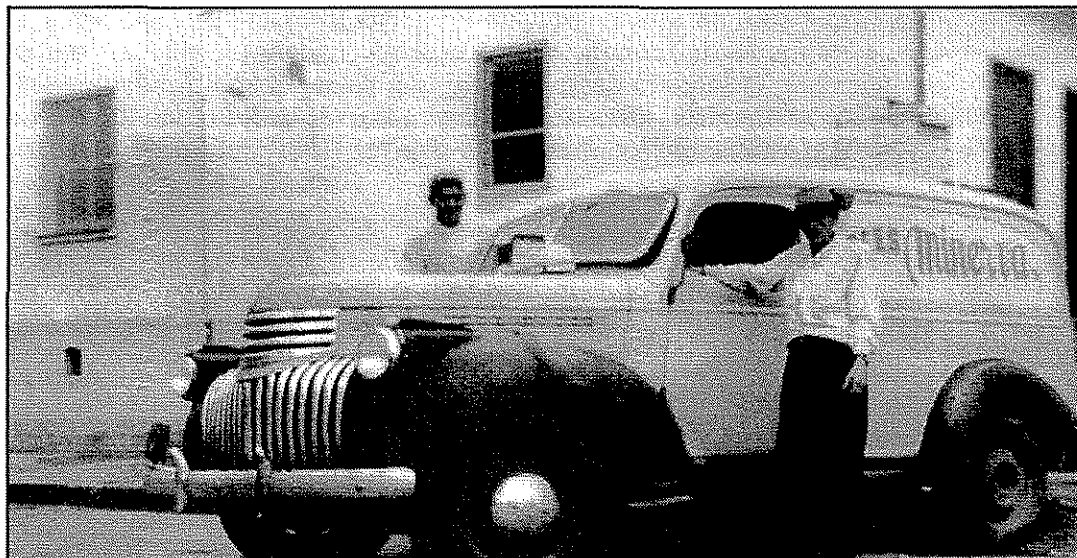
Esse confeitiro era José Bernardo de Souza, que inaugurou a Confeitaria e Sorveteria Minerva, na Rua Governador Pedro de Toledo, 1247, local onde está situada hoje a loja de calçados Cinderela, próxima ao Mercado Municipal. Funcionou naquele ponto por 15 anos.

Fabricava doces finos, que eram vendidos nos bares e cafés da cidade. Seus sorvetes de pura fruta, vendidos em seu balcão, eram conhecidos por toda a cidade. Em 1943, mudou-se para o Bairro Alto, na esquina da Rua XV de Novembro com a Rua Alfredo Guedes, passando a residir com sua família que colaborava em todas as atividades.

A Fábrica de Doces Minerva comercializava doces finos como: queijadinha, creme, bombocado de queijo e coco, canudo, rocambole, quindins, folhados, bombas, etc.. Em seguida, começou a fazer os doces de tachos: cocadas, doce de batata, abóbora, buscando sempre priorizar os seus doces com produtos de alta qualidade para agradar seus clientes.

Seu comércio de doces se estendeu por toda a Piracicaba e cidades vizinhas, até o ano de 1970, quando a fábrica foi vendida.<sup>7</sup>

José Bernardo de Souza foi casado com Catharina Martins de Souza e tiveram os filhos: Nelson, Dirce, Ruth, Noemy, Sara e Doris.



*Furgão usado na entrega de doces. José Bernardo de Souza aparece em segundo plano*

7. Texto de Ruth Martins de Souza.

## *Fábrica de Doces e Conservas Martini Ltda.*

### **Uma doce tradição**

Em 1931, o espírito empreendedor do jovem Agostinho Martini Neto fez com que a produção de doces caseiros, que aprendera com sua mãe, se tornasse um sucesso comercial na cidade de Piracicaba.

Com apenas 16 anos, Agostinho mobilizou sua família em torno da produção caseira de doces. Em sua casa, Seu Neguinho, como é conhecido, e a sua mãe faziam os confeitos de abóbora, batata e a famosa cocada, que eram vendidas por ele, a pé, em cesta. Era o início de uma tradição que começava a fazer parte da vida da cidade.

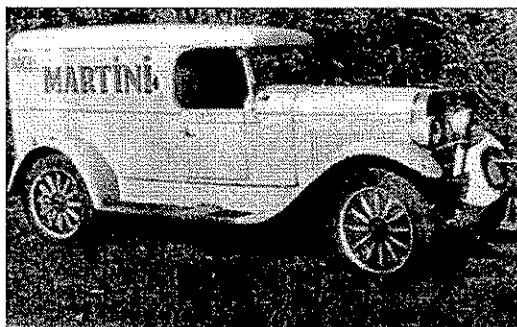
Em 1935, Seu Neguinho casou-se com Da. Joana Rocha, a qual passou a confeccionar bolos de casamento. Companheira de todos os momentos, teve parte importante nessa longa caminhada. Em pouco tempo, com a aquisição de uma charrete, os doces passaram a estar presentes em muitas comemorações locais. Casamentos e festas eram saborosamente enriquecidos com os doces e bolos da família Martini, que trabalhava diariamente para adocicar a vida das pessoas e atender com prontidão as inúmeras encomendas. Em 1938, foi adquirido o primeiro veículo, um Chevrolet 1928 e, em 19 de abril de 1940, a produção passou a ser industrial com a criação da Fábrica de Doces e Conservas Martini Ltda.

O desejo de continuar crescendo, a preocupação em manter a qualidade dos produtos e a rapidez na distribuição, dava a Doces Martini uma posição de destaque nacional. Na segunda guerra mundial, e durante parte do regime militar brasileiro, a Doces Martini enfrentou momentos de racionamento, mas com dedicação e perseverança foram transpostas todas as dificuldades.

Já passado o período de racionamento, em meados dos anos 70, a linha de produtos foi modificada. A fabricação de bolos foi substituída por uma vasta linha de doces cremosos e em conserva, totalizando mais de 50 produtos diferentes entre confeitos, compotas e doces cremosos. Manter a produção de doces cremosos e compotas com “sabor de feito em casa”, é o orgulho e a tradição dos Martini.

Hoje, a empresa, que está na quarta geração, tem seus produtos distribuídos para restaurantes, hotéis, restaurantes industriais, supermercados, padarias e diretamente ao público em âmbito nacional. O segredo desse sucesso está na seguinte fórmula: mais de 70 anos de dedicação e trabalho; frutas frescas e açúcar misturados com muito amor, sem nenhuma adição de conservantes ou corantes. Tudo isso faz da história desta indústria uma doce tradição.

A fábrica de Doces e Conservas Martini Ltda. Sempre esteve localizada na Rua Ipiranga, 1707, no Bairro Alto, em Piracicaba. Agostinho Martini Neto, que foi casado com Da. Joana Rocha, teve três filhos: Aujovil, João Augusto e Lúcio Carlos.



*Furgão usado na entrega de doces Martini*

## *Fábrica de Doces de Bozon e Orsi*

Outra fábrica de doces que existiu no Bairro Alto, nas décadas de 1930 e 1940, foi a dos sócios Oscar Bozon e Antonio Orsi, que esteve localizada na Rua Moraes Barros, entre as ruas Visconde do Rio Branco e Manoel Ferraz de Arruda Campos. Posteriormente, nesse mesmo local, esteve estabelecida Da. Maria de Godoi, conhecida no Bairro Alto como Da. Maria Doceira, que fabricava deliciosos doces caseiros.

## *Fábrica de Balas Vencedora*

Foi Heraldo Vargas o proprietário da fábrica de balas "A Vencedora".

Essa fábrica, na década de 1940, situava-se na Rua XV de Novembro esquina da Av. Independência, exatamente onde hoje está uma das Agências da Caixa Econômica Federal.

Apenas como curiosidade, pois na época parecia uma coisa perfeitamente natural, registro o fato de a fábrica fornecer as balas e os envoltórios a todas as pessoas interessadas em embrulhá-las em suas próprias casas, isto é, um trabalho manual feito por terceiros, em troca de uma pequena remuneração, que era paga por quilo de bala embrulhada.

Depois de alguns anos, a fábrica de balas mudou-se para outro bairro, tendo encerrado as atividades com o falecimento de seu proprietário.

## *Fábrica de Balas Nechar*

A fábrica de Balcãs Nechar, de propriedade de Jorge Nechar e Heribaldo Zardetto de Toledo, esteve situada na Rua 13 de Mario esquina com a Av. Armando de Salles Oliveira, em prédio que se prolongava até a Rua Voluntários de Piracicaba.

Com o falecimento de Jorge Nechar, em 12 de fevereiro de 1965, a família passou a gerir a indústria juntamente com o sócio remanescente.

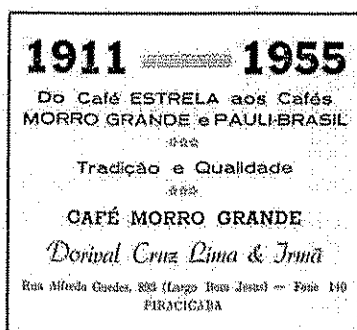
Em agosto de 1978, a fábrica de balas transferiu-se para a cidade de Rio das Pedras.

## *Fábrica de Balas Berê*

Localizada na Rua São José, entre as ruas Bernardino de Campos e Alfredo Guedes, a fábrica de balas era de propriedade dos Irmãos Rambaldo.

Funcionou nesse endereço de 1963 a 1980, quando mudou-se para o bairro Vila Independência, nesta mesma cidade.

Havia ainda, moradores do Bairro Alto, que aceitavam encomendas de balas de coco feitas em casa, como Angélica Quinhones e sua irmã Francisca Quinhones de Matto (Nena), duas senhoras conhecidas e famosas na fabricação artesanal de balas.



Comercial Café Morro Grande



Comercial MESCLI



## *Pão de Açúcar – um Pouco de História*

A atuação da empresa, na cidade de Piracicaba, começou em novembro de 1967, com a inauguração da primeira loja Pão de Açúcar, na Praça da Catedral, 1051.



*1ª Loja Pão de Açúcar localizada na Praça Catedral*

Sua segunda loja foi inaugurada por ocasião da aquisição da rede Eletro radiobraz, empresa que iniciou suas atividades em 1949. Sua primeira loja, inaugurada por Heime Taub e seu filho Carlos Taub, localizava-se na Av. Rangel Pestana, em São Paulo, comercializando apenas eletrodomésticos. Em 1971, a Eletro radiobraz, além das lojas de eletrodomésticos, possuía também supermercados e inaugurou seu primeiro hipermercado.

A aquisição pelo Pão de Açúcar ocorreu em 1976. Na época, a Eletro radiobraz era uma das maiores empresas do ramo varejista em São Paulo, com oito lojas de supermercado, 26 hipermercados e 16 magazines, na capital e no interior. No interior contava com lojas em Piracicaba, Araraquara, Ribeirão Preto, Sorocaba, dentre outras cidades.

A loja de Piracicaba respondia pela 64ª loja da Rede Eletro radiobraz, localizada na Rua Visconde do Rio Branco, 583. Esta loja foi transformada em Jumbo Eletro devido às dimensões da loja. O Jumbo foi o 1º formato de hipermercado do grupo, inaugurado na cidade de Santo André, em 1971. Eram grandes lojas, com amplo estacionamento, comercializando produtos alimentícios e não alimentícios. Os hipermercados Jumbo vendiam de “alface a helicóptero”.

Os supermercados da Eletro radiobraz passaram a ser conhecidos como Pão de Açúcar, os hipermercados como Jumbo-Eletro (Jumbo era o nome dos hipermercados do Pão de Açúcar) e os magazines, simplesmente Eletro.

A loja da Rua Visconde do Rio Branco, no Bairro Alto, operou com a bandeira Jumbo Eletro até agosto de 1995, ocasião na qual o grupo substituiu a bandeira Jumbo pela Extra; assim, a loja foi transformada em Pão de Açúcar Super-Loja.



*Logotipos*

Muitos dos antigos hipermercados Jumbo ao virar bandeira, tornaram-se Pão de Açúcar Super-Loja, funcionando como um hipermercado compacto, modelo que nasceu nos Estados Unidos e na Europa.

Em 1999, a loja Pão de Açúcar de Piracicaba, no Bairro Alto, passou por uma reforma, tendo sido implantado o atendimento 24 horas. Em 2007, houve nova repaginação da loja com um novo conceito, tendo sido reinaugurada no dia 19 de outubro. Responde pela gerência os Sr. Clésio Ronald Lopes.

### *Mausa*

Fundada em 1948, a MAUSA iniciou suas atividades fabricando e reformando equipamentos para a indústria açucareira.

Hoje, a MAUSA é uma das principais fornecedoras de equipamentos para as indústrias sucro-alcooleiras, metalúrgicas, siderúrgicas, hidrelétricas, mineradoras, papel e celulose, químicas e petroquímicas e alimentícias.

Com liderança no mercado, a MAUSA ainda atende parceiros de diversos países da América Latina, como a Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile, Bolívia, Venezuela, Colômbia, Peru e Equador.



*Sede da MAUSA*

Localizada na Rua Santa Cruz, 1482, a MAUSA tem sua sede com uma área total de 45,8 mil metros quadrados, sendo 37,4 mil metros quadrados de área construída. Conta atualmente com 500 funcionários.

**Metalgica de Acessórios**

**para Usinas S. A.**

**M A U S A**

*Fabricantes de Bombas e Válvulas de todos os tipos,  
Turbinas centrífugas, Filtros rotativos e vácuo, Purificadores,  
Clarificadores contínuo, Pontas rotante, Locomotivas,  
Redutores de velocidade e Acessórios em geral*

\* \* \*

End. Tel.: "MAUSA"      Rua Santa Cruz, 1.482  
Caixa Postal, 81      Fone: 634

**PIRACICABA**  
ESTADO DE SÃO PAULO

*Comercial da Mause*

## *Metalúrgica Piracicabana S/A - Mepir*



*Foto da inauguração da Metalúrgica Piracicabana S/A., em 1951, quando ainda era uma sociedade de responsabilidade limitada.*

A Metalúrgica Piracicabana S/A. esteve estabelecida na Rua Riachuelo, 1184, com o ramo de metalurgia e caldeiraria. Foi fundada em 1951, pelos sócios Lino Morganti, Angelo Piccaluga, Arduilio Giusti e Orestes Schiavinatto.

Fabricava peças e acessórios para usina de açúcar e álcool e para fábricas de papel. Em 1978, foi incorporada pela MAUSA.


**Metalúrgica Piracicabana S. A.**

---

**Peças e acessórios para Usinas de  
Açúcar e Alcool e Fábricas de Papel**

- ☆ Desintegradores rotativos e depuradores de pasta de celulose
- ☆ Válvulas de diafragma para água e líquidos ácidos
- ☆ Reguladores para vapor e empilhadeiras de sucarias
- ☆ Elevadores para mercadorias a granel
- ☆ Tanques de qualquer capacidade
- ☆ Válvulas para pasta de celulose

Rua Riachuelo, 1184  
Fone. 594



End. Tel. «MEPIR»  
Piracicaba

*Comercial da Metalúrgica Piracicabana S/A – MEPIR*

### *Superkaveá*

Dedini, Capellari S/A. – Transformadores

Fundada no início do 1957, pelos sócios Leopoldo Dedini, Humberto Capellari, Dovilio Ometo, Armando Dedini e Narciso Gobbin, a SUPERKAVEÁ esteve estabelecida na Rua 13 de Maio, entre a Rua Silva Jardim e Av. Independência.

Fabricava transformadores, máquinas de solda, reguladores de tensão e chaves de alta tensão. Encerrou as atividades em 1990.



*Prédio da SUPERKAVEÁ*

## *Metalúrgica Bom Jesus – Piacentini & Cia. Ltda.*

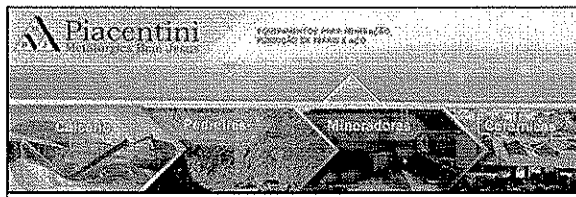
Fundada em 1955, por Antonio Bernardino e Osório Mamede Piacentini, esteve instalada na Rua Bom Jesus, entre a Rua Ipiranga e Riachuelo. Fabricava e fazia manutenção de equipamentos para a indústria sucro-alcooleira.

Com o passar do tempo, desenvolveu uma linha de equipamentos com tecnologia própria, para atender o mercado interno e externo, exportando principalmente para países latino-americanos.

Com o crescimento dos negócios, as instalações das empresas foram ampliadas e, em 1978, criou a sua fundição, passando a atender também inúmeras empresas que atuam no ramo de válvulas, turbinas e peças para a ferrovias. Busca, de uma forma determinada, cumprir metas de pontualidade e qualidade, com programas de requalificação profissional e apoiando seu processo produtivo em modernos equipamentos e profissionais das mais alta competência.

É uma empresa que se preocupa com os problemas ambientais e com a qualidade de vida do ser humano, e tem suas atividades direcionadas para o cumprimento das normas das séries NBR ISO 9000 (Sistema de Qualidade) e ISO 14000 (Meio Ambiente).

Em 1976, a Metalúrgica Bom Jesus mudou-se para o Bairro Paulista, Av. Dr. João Conceição, 1494, onde está em franca atividade.



## *A Fonte da Saúde*

Em 1945, os irmãos José, Alécio e Eduardo Sátolo, vindos da cidade de Mombuca, compraram uma velha casa em Piracicaba, na Rua Silva Jardim, entre as ruas D. Pedro I e Ipiranga, no Bairro Alto, onde havia um pequeno comércio de água mineral, cujo nome era “Água da Fonte da Saúde”.

Esse antigo comércio de água mineral pertencia ao Sr. Silvio Giusti, que o vendeu juntamente com o lote de terra aos Irmãos Sátolo, que construíram residência e continuaram comercializando a água da fonte.

Em 1947, a concorrência com outros fornecedores de água e a alegação da vigilância sanitária de que a água estava contaminada com coliformes fecais e totais fizeram com que os irmãos Sátolo perdessem o interesse de continuar com o comércio, e a empresa foi fechada.

A água, que vinha de um poço artesiano, começou, então, a escorrer livremente a céu aberto pela Rua Silva Jardim.

Em 1993, o Dr. Jairo Ribeiro de Mattos, então presidente do SEMAE – Serviço Municipal de Água e Esgoto de Piracicaba, mandou canalizar a água do poço até a rua, instalando uma bica beira da calçada.

Ludovina Sátolo Silveira, filha de José Sátolo, conta que a sua família sempre consumiu daquela água e nunca ficou doente; a fonte foi muito importante para os moradores do Bairro Alto.

Hoje, depois de mais de 60 anos que os irmãos Sátolo encerraram as atividades, a bica continua jorrando livremente, dela se servindo os moradores do bairro e pessoas que passam pela rua.

# Escolas

## *A Escolinha do Bairro Alto*

A Escola "Reunidas do Bairro Alto", situada na esquina da Rua São José com a Rua Alfredo Guedes, no Bairro Alto, era popularmente chamada de Escolinha da Bolachinha, por ficar próxima de uma fábrica de bolachas (Fábrica Aurora). Os alunos dessa escolinha eram de famílias humildes. Não era exigido, uniforme e a maioria das crianças freqüentavam as aulas descalços. Eu fui aluno dessa escolinha nos anos de 1943 e 1944.

A partir de 22 de janeiro de 1925, a escola passou a chamar-se Grupo Escolar do Bairro Alto e, em 5 de maio de 1933, o nome foi alterado para Grupo Escolar "Dr. Alfredo Cardoso", patrono da escola.

Em 1950, começou a ser construído um novo prédio para o grupo escolar, na Praça da Bandeira, esquina da Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos com a Rua Moraes Barros. Antiga-mente, essa praça era chamada de Largo da Estação Velha, por ter existido ali a estação da Estrada de Ferro Ituana. Em 22 de julho de 1950, foi assentada a pedra fundamental do novo prédio.

O prédio da escola foi construído sob a responsabilidade do município de Piracicaba pela Construtora Holland Ltda., desta cidade.

O Grupo Escolar "Dr., Alfredo Cardoso" foi inaugurado no dia 3 de setembro de 1951, sendo seu primeiro diretor o professor Messias Szimanski.



*Prédio do Grupo Escolar "Dr. Alfredo Cardoso"*

## Hino do Grupo Escolar “Dr. Alfredo Cardoso”

Letra: *Profa. Maria José Toledo Piza*  
 Música: *Maestro Egildo Pereira Rizzi*

### I

*Salve! Salve! Patrono sem par,  
 Cujo exemplo nos fala ainda agora,  
 Quão sublime é saber doar  
 Com bondade, até a última hora.*

### II

*Pioneiro do bem, da cultura  
 Teu civismo se alteou, varonil  
 Em louvor à bandeira tão pura  
 Linda imagem do nosso Brasil.*

### III

*Coro  
 Nós queremos assim te imitar  
 Na conquista do raro troféu  
 Só quem vive sabendo lutar,  
 Honra a Pátria, é feliz, tem o céu*

### IV

*Empunhando o estandarte da paz,  
 Caminhaste a semear esperanças  
 Eis porque, imortal viverás  
 No sorrir de milhões de crianças.  
 Viva sempre Alfredo Cardoso  
 Belo astro em nossa existência,  
 A lembrar: mais que ouro precioso  
 Vale o homem na sua essência.*

## *Dr. Alfredo José Cardoso*

Filho de Felisberto José Cardoso Júnior e de Antonia Leite Cardoso, o Dr. Alfredo José Cardoso nasceu em Piracicaba, aos 6 de julho de 1876 e faleceu em 30 de maio de 1910.

Filho de lavradores, formou-se com distinção na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Depois de formado, voltou a Piracicaba, sua terra natal. Quando jovem, já graduado, o Dr. Alfredo José Cardoso trouxe uma motocicleta da cidade do Rio de Janeiro e foi o primeiro jovem a pilotar uma “máquina infernal”, como era chamada. Hoje, a motocicleta restaurada está em exposição no Museu Prudente de Moraes.

Nesta cidade, foi médico cirurgião – o primeiro médico a fazer cirurgia cardíaca – médico da Santa Casa de Misericórdia e do Asilo de Velhice. Foi vereador, perito policial, jogador amador no XV de Piracicaba. Bondoso e estimado por todos, era considerado o “médico dos pobres”.

Casou-se, em 31 de março de 1902, com Da. Maria Isabel Machado Cardoso e residia na Rua do Comércio (hoje Rua Governador Pedro de Toledo), próximo ao Mercado Municipal. Ao lado de sua residência, ficava o seu consultório médico e sua sala de cirurgia, muito bem equipada para a época. Dr. Alfredo Cardoso teve três filhos: Geni, Elza e Oswaldo.

Em maio de 1910, o Dr. Alfredo Cardoso foi chamado pelo delegado e policiais seus amigos, para acompanhá-los até Charqueada, pois um forasteiro teria agredido um sitiante e precisava ser socorrido. Foram todos de trem, viagem longa e cansativa.

Chegando ao casebre atendeu o doente, pedindo uma vasilha ao policial para manipular o medicamento. Não encontrando, pegou sua maleta, muito cara, e na tampa da mesma manipulou o remédio. O policial, admirado, disse: "Doutor, o senhor vai manchar e estragar sua maleta". Ele respondeu: "Não tem importância; faremos uma boa ação e curaremos o doente".

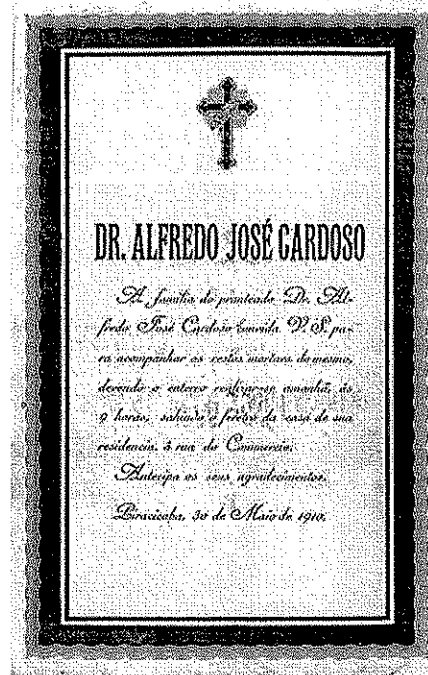
Pernotaram na fazenda e na manhã seguinte, dia 30 de maio de 1910, na estação de trem de Charqueada, já retornando para Piracicaba, o Dr. Alfredo Cardoso sentiu-se mal, vindo a falecer ali mesmo na estação.

O povo, muito triste, deu a ele um jazigo e foi sepultado no Cemitério da Saudade, no Bairro Alto.

Além da Escola Estadual "Dr. Alfredo Cardoso", o largo do Mercado Municipal também se chama Praça Dr. Alfredo Cardoso, em sua homenagem.



*Dr. Alfredo José Cardoso*



*Convite para o acompanhamento do enterro do Dr. Alfredo José Cardoso*



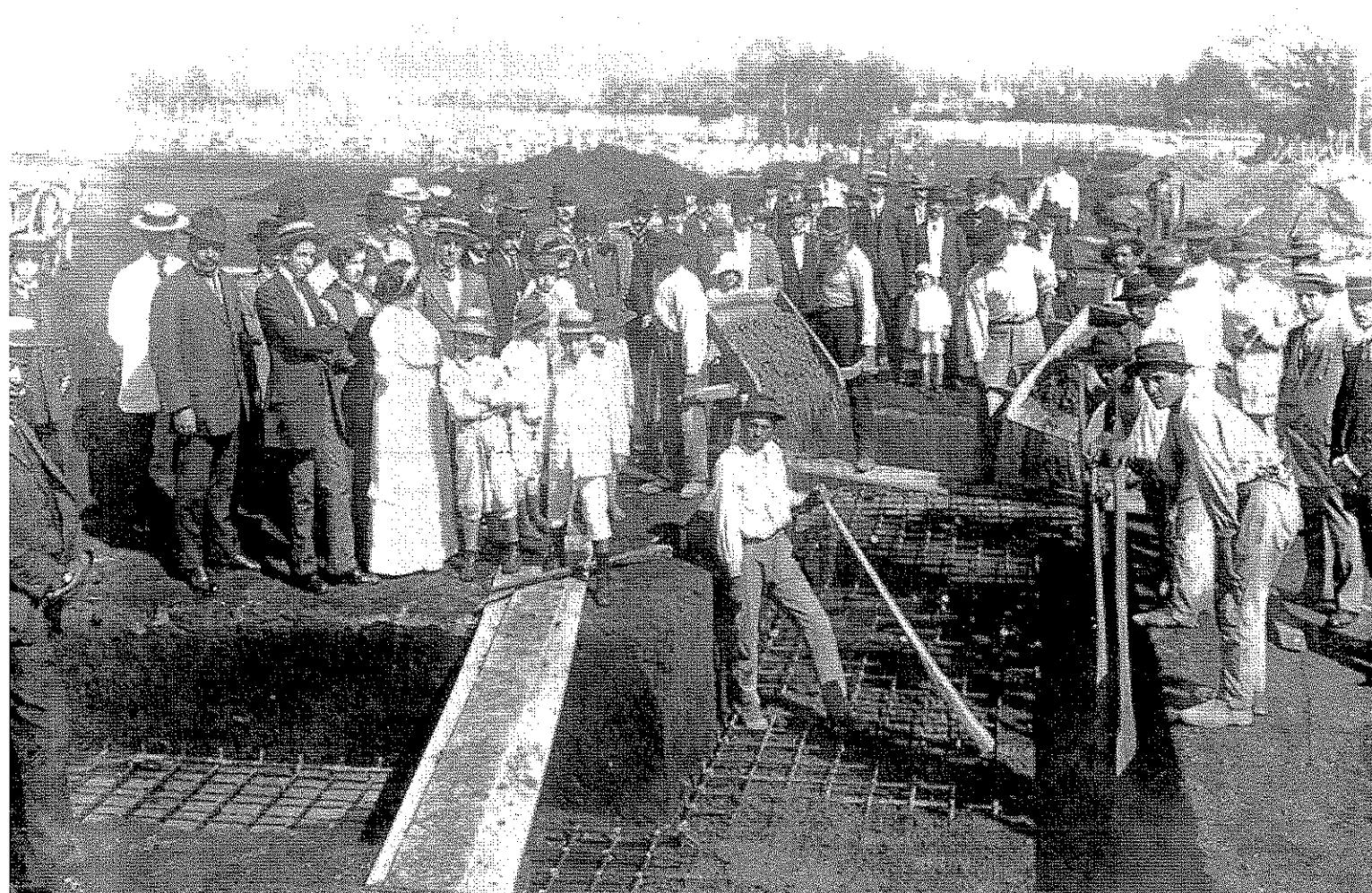
### *Escola Estadual de 1º e 2º Graus “Sud Mennucci”*

A construção de um grupo escolar, com a chamada Escola Complementar, já era uma antiga aspiração dos professores de Piracicaba. Bastava que a Câmara Municipal de Piracicaba doasse um terreno ou um prédio apropriado ao Governo do Estado para que a instalação do ensino primário e secundário se concretizasse.

Em março de 1897, a Câmara Municipal ofereceu ao Estado, não um terreno, mas um prédio comprado da Sociedade Propagadora, para nele ser instalada a Escola Complementar, cujo nível secundário teria a duração de quatro anos, com a finalidade específica de formar professores para o exercício do magistério primário.

Os primeiros professores nomeados para dirigirem a nova escola foram: Antonio Alves Aranha (seção masculina) e sua esposa Escolástica do Couto Aranha (seção feminina). Com a nomeação de outros professores e com o mobiliário completo, a primeira escola pública de 2º Grau de Piracicaba – Escola Complementar – foi instalada no dia 21 de abril de 1897, às 12 horas, na Rua do Rosário, onde hoje se encontra a Escola Industrial Fernando Febeliano da Costa. A cerimônia de instalação foi presidida pelo Dr. Paulo de Moraes Barros, Presidente da Câmara Municipal.

*Lançamento da pedra fundamental do novo prédio da Escola Normal – 5 de julho de 1913.*



As matérias lecionadas na nova escola eram: Português e Francês, Matemática, Mecânica e Astronomia, Ciências Físicas e Naturais, Geografia, História Geral e História Pátria, Desenho, Música, Trabalhos Manuais, Ginástica e Exercícios Militares.

No ano seguinte, 1898, foi instalada a 3ª série com pouco mais de 10 alunos por classe. O corpo docente da Escola Complementar era o seguinte: 1º ano – Augusta dos Santos e João Baptista Nogueira; 2º ano – Tereza Canto Rodrigues e João Lourenço Rodrigues; 3º ano – Escolástica do Couto Aranha e Antonio Alves Aranha. Em 1900, formou-se a primeira turma de professores de Piracicaba, com apenas 15 formandos.

Em 29 de março de 1911, a Escola Complementar foi transformada em Escola Normal de Piracicaba.

O novo prédio da Escola Normal começou a ser construído na Rua São João, entre as Rua XV de Novembro e Dr. Octávio Teixeira Mendes, e a pedra fundamental da nova sede foi lançada no dia 5 de julho de 1913, pelo Secretário da Agricultura, Paulo de Moraes Barros, no governo Rodrigues Alves. A inauguração foi em 11 de agosto de 1917.

Pelo decreto nº 14.575, de 1º de março de 1945, a Escola Normal de Piracicaba passou a denominar-se Escola Normal “Sud Mennucci” de Piracicaba. Em 7 de agosto de 1953, um novo decreto mudou novamente a denominação da escola para Instituto de Educação “Sud Mennucci” de Piracicaba e, por último, no dia 20 de janeiro de 1976, passou a ser Escola Estadual de 1º e 2º Graus “Sud Mennucci” de Piracicaba.

A última turma de professores formou-se no ano de 2002, existindo hoje apenas o ensino fundamental e médio.

*Escola Estadual de 1º e 2º Graus “Sud Mennucci” de Piracicaba*



## *Professor "Sud Mennucci"*

Sud Mennucci nasceu em Piracicaba no dia 20 de janeiro de 1892 e faleceu em São Paulo, no dia 22 de julho de 1948. Fez o curso primário na Escola Moraes Barros, ingressando, em seguida, na antiga Escola Complementar, onde se diplomou em 1908.

Iniciou sua carreira como professor em 1910, na cidade de Cravinhos, passando por Piracicaba e Dourado. De 1911 a 1914, fez parte da missão paulista que reorganizou as Escolas de Aprendizes de Marinheiros de Belém do Pará, e de 1914 a 1920 regeu, como adjunto, o Grupo Escolar de Porto Ferreira. Dirigiu o Ginásio "Moura Santos" e fundou o Ginásio Paulistano, em São Paulo.

Em 1920, chefiou o Recenseamento Escolar do Estado de São Paulo, e de 1920 a 1921 ocupou o cargo de Delegado de Ensino de Campinas.

Em 1923, dirigiu o recenseamento escolar da região de Piracicaba, onde foi Delegado Regional de Ensino no período de 1921 a 1925. Em 1927, organizou e realizou o recenseamento escolar do Distrito Federal. Em 1931, foi nomeado Diretor da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e, posteriormente, ocupou por duas vezes o cargo de Diretor de Departamento de Educação de São Paulo. Como jornalista, colaborou em revistas e jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, tendo sido redator e crítico literário do jornal "O Estado de São Paulo", no período de 1925 a 1931. Fundou o "Jornal do Estado" e a revista "Arlequim".

Escreveu para a "Revista do Professor", órgão do Centro do Professorado Paulista; fez parte da redação do "Correio Paulistano" de 1941 a 1945 e colaborou nas revistas Fon-Fon, Careta, Vida Moderna, Cigarra e outras.

Foi membro da Academia Paulista de Letras; chefiou em São Paulo, em 1940, o recenseamento Geral da República; exerceu o cargo de diretor em comissão do Departamento de Estatística e lecionou no Liceu Franco-Brasileiro. Participou de vários congressos sobre Educação, foi ensaísta, escritor e historiador.

Teve as seguintes obras publicadas: Alma Contemporânea (1918), Humor (1923), Rodapés (1927), A Crise Brasileira da Educação (1930), A Escola Paulista (1930), Cem anos de Instrução Pública, Brasil Desunido (1930), História do Diário Oficial (1934), Pelo Sentido Ruralista de Civilização (1935), Coreografia do Estado de São Paulo (1936) e o Precursor do Abolicionismo (1938).



*Professor Sud Mennucci*

Também foi membro da Academia Paulistana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Academia Sul Riograndense de Letras.

Em 22 de abril de 1945, assistiu a inauguração de uma placa em granito e bronze no interior da antiga Escola Normal de Piracicaba, batizada com seu próprio nome: Escola Normal "Sud Mennucci" de Piracicaba, como homenagem a um dos maiores nomes do magistério paulista. Uma das ruas do Bairro Paulista também tem o seu nome.

## *Colégio Salesiano Dom Bosco*

O Colégio Salesiano “Dom Bosco” foi criado graças aos esforços de D. Ernesto de Paula, primeiro bispo de Piracicaba. Ele não se conformava por não haver em Piracicaba um colégio católico para meninos.

Foi em 1946, que D. Ernesto iniciou a sua longa e laboriosa jornada, em busca de alguma congregação religiosa que estivesse interessada em fundar um colégio nessa cidade. Como a diocese de Piracicaba não possuía recursos, as congregações consultadas não se interessaram pelo assunto, alegando que não tinham condições de atender o pedido do bispo.

Então D. Ernesto resolveu falar diretamente com o Papa Pio XII, que o encaminhou aos salesianos, na cidade de Turim. Os salesianos lhe deram todas as garantias de que seu pedido seria atendido.

Somente no dia 7 de janeiro de 1950, chegaram a Piracicaba os padres salesianos Pedro Baron e Ismael Simões e o clérigo Benevenuto Felipe Nery, com a missão de criar e colocar em funcionamento um colégio católico para meninos.

O novo colégio iniciou as atividades com o nome de Ginásio Salesiano Dom Bosco, funcionando precariamente num prédio emprestado pelos frades capuchinhos.

Para a construção do colégio, o padre Baron escolheu um terreno com área de 15.600 metros quadrados, localizado no Bairro Alto, no quadrilátero formado pelas ruas Alfredo Guedes, Bernardino de Campos, D. Pedro I e Dr. Octávio Teixeira Mendes.

A área escolhida foi doada no governo municipal de Luiz Dias Gonzaga e a proposta do prefeito foi aprovada, pela Câmara, no dia 22 de junho de 1950. Era preciso correr, pois uma das condições da proposta de doação era que a construção do colégio deveria ter início imediatamente, caso contrário, o terreno doado voltaria para a posse da Prefeitura.

Sem perder um só momento, o padre Baron viajou dezenas de vezes a São Paulo, buscando um financiamento do governo Estadual.

No dia 20 de agosto de 1950, foi colocada a pedra fundamental, com a presença do prefeito, dos vereadores e de autoridades religiosas.

O Oratório Domingos Sávio foi criado no dia 18 de dezembro de 1950 e, no início, suas atividades eram realizadas na praça do Colégio Assunção. Depois de dois anos de existência, o Oratório foi transferido para o colégio do Bairro Alto.

O prédio do colégio foi inaugurado no dia 11 de março de 1952, com parte da construção ainda por terminar. A partir do ano de 1975, passou a aceitar estudantes do sexo feminino.

Em 1987, as irmãs da Congregação de São José manifestaram a intenção de doar o Colégio Assunção aos salesianos, o que se deu oficialmente no dia 23 de dezembro daquele ano, passando o Colégio Assunção a chamar-se Colégio Salesiano Dom Bosco Assunção.

O Colégio Salesiano “Dom Bosco” tem os cursos de Educação infantil, fundamental e médio. Fundada há quatro anos, a Faculdade Dom Bosco de Piracicaba oferece os cursos de Administração, Pedagogia e Sistemas de Informação.

Passaram pela diretoria os seguintes padres: Pedro Baron (1950-1955), Rafael Chroboszek (1956-1957), Bruno Ricco (1958-1959), Mario Quilici (1960-1963), Geraldo Leite Cintra (1964-1965), Antonio Gerotto (1966-1968), João Modesti (1969-1972), Fausto Santa

Catarina (1973), Vicente De Paula Moretti Guedes (1974-1976), Antônio E. Feltrin (1977-1981), Olívio Poffo (1982-1987), Antonio Hercio Rasera (1988-1990), Manuel Licinio Gonçalves (1991-1994), Milton Braga Rezende (1995-1996), Orivaldo Voltolini (1997-2003) e Aramis Francisco Biaggi (2003-2007). A partir de 2008, responde pela diretoria o padre José Ailton Trindade.

### **Dom Bosco: “Pai e Mestre da Juventude”**

“Joãozinho Bosco nasceu no dia 16 de agosto de 1815, em Becchi, na Itália, numa família de camponeses pobres. Ficou órfão de pai com dois anos. Sua mãe, Margarida, era uma mulher forte decidida. Criou os três filhos sozinha. Um misterioso sonho marcou a vida de João Bosco, aos nove anos.”

#### **O sonho dos nove anos**

“Aos nove anos teve um sonho profético; pareceu-lhe estar no meio de uma multidão de crianças ocupadas em brincar; algumas delas, porém, proferiam blasfêmias. Joãozinho lançou-se, então, sobre os blasfemadores com socos e pontapés para fazê-los calar. Eis, contudo, que se apresenta um personagem dizendo-lhe: “Deverás ganhar estes teus amigos não com bastonadas, mas com a bondade e o amor... Eu te darei a Mestra sob cuja orientação podes ser sábio, e sem a qual, qualquer sabedoria torna-se estultícia”. O personagem era Jesus e a Mestra, Maria Santíssima, sob cuja orientação se abandonou por toda a vida e a quem honrou com o título de “Auxiliadora dos Cristãos.”

“Os anos que se seguiram foram orientados por esse sonho. Margarida Bosco suportou humilhações e canseiras incríveis para que seu filho chegasse a ser padre. João Bosco ordenou-se sacerdote em 1841, em Turim, Itália. O mundo passou por grandes transformações. Na miséria desoladora dos subúrbios havia jovens desocupados, sem rumo, famintos. Aí o novo sacerdote identificou a quem doar sua vida.”

“Dom Bosco fazia de tudo para impedir que jovens abandonados fossem obrigados a roubar para comer e acabar nas prisões. Reuniu esses meninos.”

#### **O Oratório do Valdocco**

“Nasceu o primeiro Oratório, um lugar onde pudessem morar, trabalhar, rezar. Mais uma vez, Mamãe Margarida se sacrificaria. Deixou sua casa no campo e veio trabalhar como cozinheira e lavadeira dos meninos. Em 1853, começavam a funcionar as primeiras oficinas, nas quais o próprio Dom Bosco ensinava. Entre os jovens que consideravam Dom Bosco como pai e mestre, alguns pedem-lhe para “ser como ele”. Nasce assim, a Congregação Salesiana, em 1854.

Em 1860, o primeiro menino de Dom Bosco, Miguel Rua, ordena-se padre. No início de 1872, funda com Madre Mazzarello o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, o ramo feminino da Congregação Salesiana. Dom Bosco idealizou uma grande família para se dedicar ao ensino e catequese dos meninos e meninas abandonados.

“Hoje, nos cinco continentes, 126 países, a Família Salesiana é composta, além dos padres e irmãs, pelos Cooperadores, Coadjuutores e os Salesianos Leigos, formados em sua maioria pelos ex-alunos, que atuam em oratórios, escolas e dedicam-se ao ensino profissionalizante.

#### **Amor incondicional aos jovens**

“Dom Bosco formou gerações de santos porque levou os seus jovens ao amor de Deus, à realidade da morte, do julgamento de Deus, do inferno eterno, da necessidade de

rezar, de fugir do pecado e das ocasiões que levam a pecar, e de aproximar-se freqüentemente dos Sacramentos. “Meus caros, eu vos amo de todo coração, e basta que sejais jovens para que vos ame muitíssimo”. Amava de tal forma que cada um pensava ser o predileto. “Encontrei escritores muito mais virtuosos e doutos do que eu, mas dificilmente podereis encontrar alguém que vos ame mais em Jesus Cristo, e mais do que eu deseje a vossa verdadeira felicidade.”

“Extenuado em suas forças pelo incessante trabalho, adoentou-se gravemente. Particular comovente: muitos jovens ofereceram ao Senhor a própria vida por ele. “... Aquilo que fiz, eu o fiz para o Senhor... Poder-se-ia ter feito mais... Mais os meus filhos o farão... A nossa Congregação é conduzida por Deus e protegida por Maria Auxiliadora”. Uma de suas recomendações foi esta: “Dizei aos jovens que os espero no Paraíso...”

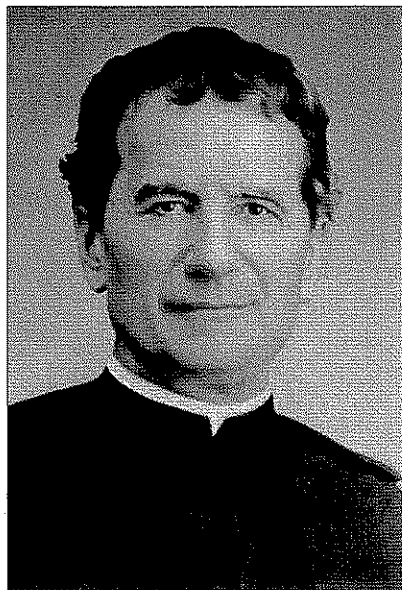
### **Sistema Preventivo**

“A maior obra que Dom Bosco deixou para a igreja é o seu sistema de educar os jovens, o Sistema Preventivo de Dom Bosco, baseado em três palavras: razão, religião e bondade. O santo dos jovens morreu no dia 31 de janeiro de 1888, com 72 anos, no seu quartinho em Valdocco. Em 1º de abril de 1934, foi proclamado santo. Foi aclamado pelo Papa João Paulo II como o “Pai e Mestre da Juventude”.

### **Dom Bosco e Brasília**

“Brasília foi construída no local da profecia de Dom Bosco, um santo visionário. Dom Bosco sonhou com o surgimento de uma cidade entre os paralelos 15 e 20, no centro do país.”

“No referido local, segundo sua visão, surgiria uma civilização. Hoje, o santo Dom Bosco é o padroeiro de Brasília e no local de sua visão foi construída uma capela em forma de pirâmide, com sua imagem no interior, chamada Ermida de Dom Bosco”.<sup>8</sup>



*Dom Bosco*

8. Texto de Marcos Antonio Vanceto

## *Senai*

### *Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial*

“Mantido pelas indústrias e administrado no Estado de São Paulo pela FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, o SENAI é uma organização que se caracteriza como agência provedora de soluções para a indústria, tendo como atividade prioritária a educação profissional, prestando serviços de assessoria e assistência técnica e tecnológica, ensaios laboratoriais e informação tecnológica para empresas e para a comunidade em geral.”

“O SENAI está preparado para realizar avaliações das necessidades de treinamento das empresas e definir atendimentos específicos que possibilitem uma solução criativa e precisa.”

“O SENAI conta com o apoio do SEBRAE, no atendimento às pequenas e micro-empresas onde são desenvolvidos projetos de consultoria tecnológica que visam a atender as diversas cadeias produtivas como alimentos, confecção, além de outros.”

“A Escola SENAI “Mario Dedini”, de Piracicaba, possui amplas e bem montadas instalações e conta com profissionais especializados e constantemente atualizados, oferecendo cursos de formação continuada, que são cursos de curta e média duração que visam à qualificação, aperfeiçoamento e especialização da formação profissional, tais como: Metalmecânica, Desenhos e Projetos, Automação Industrial, Administração de Materiais e Qualidades.”

#### **Projetos de Responsabilidade Sócio-Ambiental**

“Existem, ainda, outros projetos de responsabilidade sócio-ambiental, tais como: “coleta seletiva de lixo, desenvolvido em Piracicaba, desde o ano de 2005. O objetivo desse projeto é praticar a coleta seletiva dos resíduos sólidos da Escola, entregando-a às instituições piracicabanas de reciclagem.”

#### **Coleta Seletiva de óleo comestível usado**

“Teve início em abril de 2005 e tem como objetivo preservar os recursos hídricos e os ecossistemas, contribuindo para a redução dos gastos com o tratamento de água e esgoto.”

#### **Matas Ciliares**

“Projeto desenvolvido em Piracicaba desde 1995, seu objetivo básico é conscientizar todos os alunos do SENAI sobre a importância dos vegetais na qualidade de vida, além de incentivar a comunidade de Piracicaba a participar da reposição da mata ciliar no município e região.”

“A Escola SENAI “Mário Dedini” possui um mini-viveiro de mudas de essências florestais nativas, num trabalho voluntário dos alunos, colaborando na reposição da mata ciliar. O projeto já produziu e distribuiu mais de 19.000 mudas.”

#### **Curso para alunos especiais**

“O curso para alunos especiais tem como objetivo geral, preparar o aluno com necessidades especiais para o trabalho na indústria, proporcionando aos mesmos a oportunidade de competir no mercado de trabalho, como exemplo, o curso de panificação e confeitaria desenvolvido em parceria com a APAE.”

#### **Captação de águas pluviais**

“Antes mesmo da promulgação da Lei Estadual 12526, de 2007, que tornou obrigatória, no Estado de São Paulo, a implantação do sistema para captação de águas pluviais coletadas por telhados, coberturas, terraços e pavimentos descobertos, para a prevenção de enchentes, a Escola SENAI “Mário Dedini” já se adiantou, pois vem realizando trabalho piloto para a captação de água de chuva em um dos seus pátios externos, desde o ano de 2006. A água captada está sendo usada para regar jardins e lavar pisos, proporcionando redução no consumo de água tratada.”

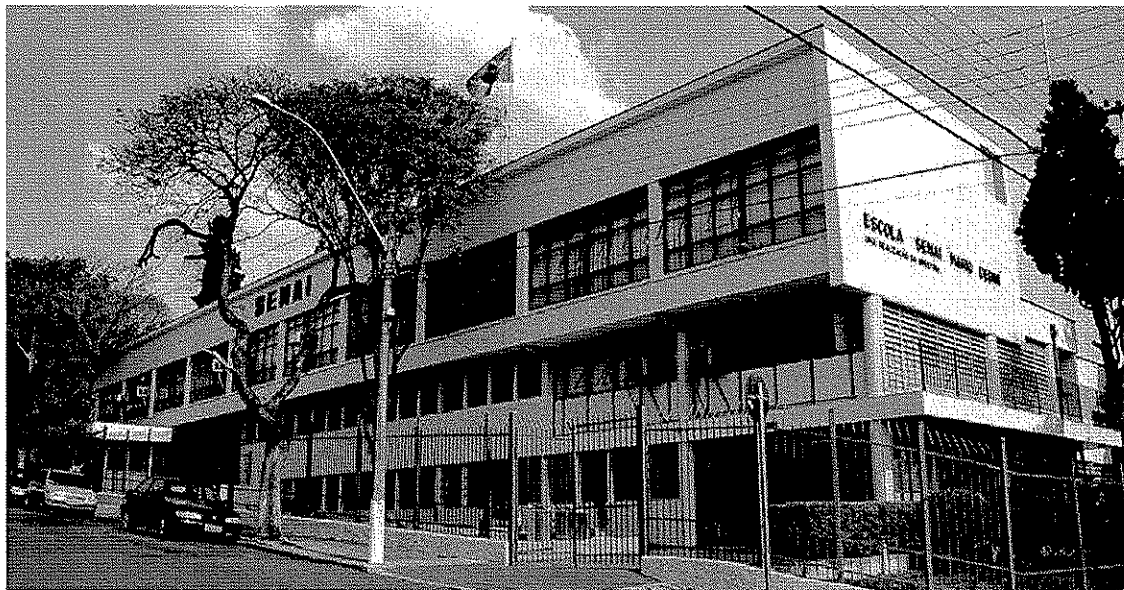


“A Escola SENAI “Mário Dedini” está localizada na rua D. Pedro II, 1474, Bairro Alto, tendo iniciado suas atividades no dia 15 de janeiro de 1947, num prédio adaptado situado na Rua Rangel Pestana, 1193, sob a direção do prof. João Benedito Antonio Jordão. Foi inaugurada oficialmente em 22 de junho de 1957.”

Em 1948, a partir da Rua José Pinto de Almeida e em direção à Av. Indendência, a Rua Rangel Pestana mudou de nome, passando a chamar-se Rua Dr. Octávio Teixeira Mendes. Em julho de 1956, a Escola SENAI mudou para o prédio próprio, onde está até hoje. Até julho de 2006, a Escola SENAI “Mário Dedini” teve um total de 155.348 concluintes.



*Prédio onde funcionava a 1ª Escola SENAI em Piracicaba, à Rua Rangel Pestana, 1193*



*Prédio atual da Escola SENAI “Mário Dedini”, Rua D. Pedro II, 1474*

Foram diretores da escola, os professores: João Benedito Antonio Jordão (17/3/1947 a 3/7/1975), Lysis Cândido Pedrozo (1/8/1975 a 31/12/1976), Jurandir de Mattos Jardim (1/1/1977 a 31/5/1980), Afonso Salatti (1/6/1980 a 31/7/1986) e Orlando Cristofolletti (1/8/1986 a 30/8/2002). Atualmente, é diretor o prof. Ophir Figueiredo Jr. (desde 2/9/2002).

## *Escola de Música de Piracicaba “Maestro Ernest Mahle”*

Inicialmente chamada de “Escola Livre de Música Pró-Arte”, a Escola de Música de Piracicaba “Maestro Ernest Mahle”, situada na Rua Santa Cruz, 1155, foi fundada em 9 de março de 1953, pelo diretor da Pró-Arte de São Paulo, Prof. H. J. Koellreuter e seus alunos Ernest Mahle e Maria Aparecida Romera Pinto.

A Escola Livre de Música Pró-Arte conservou esse nome até o ano de 1961, quando foi alterado para Escola de Música de Piracicaba (EMP). Essa mudança de nome foi necessária, para que o Ministério da Educação e Cultura (MEC) reconhecesse o curso de Técnico em Música e a certificação oficial de diplomas pudesse atender as exigências legais.

A Escola de Música de Piracicaba (EMP), pelo relevante trabalho do Maestro Ernest Mahle e de sua esposa, a Profa. Maria Aparecida Romera Pinto Mahle, tem formado talentos consagrados no Brasil e no exterior. Em outubro de 1965, foi inaugurada a sala de concertos “Dr. Ernest Mahle” e, em março de 1974, deu-se a inauguração da sala de concertos “Cecilia Mahle”.

Em setembro de 1998, após mais de 45 anos à frente da Escola de Música de Piracicaba, o casal Mahle transferiu a escola para o Instituto Educacional Piracicabano (IEP), entidade mantenedora do Colégio Piracicabano e da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP.

Após ser incorporada pelo Instituto Educacional Piracicabano, a escola passou a denominar-se Escola de Música de Piracicaba “Maestro Ernest Mahle”, uma justa homenagem ao maestro e compositor.

Com um corpo docente altamente qualificado, a Escola de Música de Piracicaba “Maestro Ernest Mahle” é considerada, no meio musical, um patrimônio cultural brasileiro.

## *Igreja do Senhor Bom Jesus do Monte*

Tudo começou no dia 8 de outubro de 1857, data em que o terreno onde se localiza a Igreja do Senhor Bom Jesus do Monte, foi doado por João Antonio de Siqueira. Na escritura de doação, livro de notas nº 10, folhas 36 vº., Cartório do 2º Ofício de Piracicaba, consta o seguinte:

“Escritura de doação que faz João Antonio de Siqueira ao Senhor Bom Jesus, de um terreno nesta cidade, no valor de 200\$000. Saibão quantos este publico Instrumento de escriptura de doação virem que sendo no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e cincoenta e sete, aos oito dias do mez de Outubro, do dito anno nesta cidade da Constituição e casa de João Antonio de Siqueira, onde vim eu Tabelião, a seu chamado, e sendo o mesmo presente, que o reconheço pelo próprio de que dou fé, por elle, foi dito perante as testemunhas abaixo assignadas que pela presente escriptura faria doação ao Senhor Bom Jesus, de um terreno nesta cidade, no Bairro Alto, e Rua Direita e vinte no correr desta Rua, a Rua de São José. Sendo esta doação no valor duzentos mil réis, e com o firm de nele ser edificada uma Capela dedicada a Imagem do mesmo e de como assim disse passo o presente por me ser distribuída pelo Bilhete do teôr seguinte: Distribuída a Cezar Escripura de doação que faz João Antonio de Siqueira ao Senhor Bom Jesus de um terreno desta cidade no valor de duzentos mil reis. Constituição oito de Outubro de mil oitocentos e cincoenta e sete. Almeida Lara. Monteiro. Era o que continha em dita distribuição, em conseqüência do que passei a presente que lida e achada conforme, assigna o doador, e as testemunhas o Reverendo Francisco de Assis Pinto de Castro e Caetano José da Cunha, todos desta cidade e conhecidos de mim Joaquim d’Oliveira Cezar, Tabelião que escrevi. Em tempo declaro, que achando-se presente dona Anna Maria da Conceição, mulher do doador João Antonio de Siqueira por ella foi dito que convinha na doação supra dita, e também assigna a presente por lhe ser lida e achar conforme, assignando a seu rogo por não saber escrever, João Antonio de Faria. Eu Joaquim d’Oliveira Cezar Tabelião de escrevi. (aa) Joao Antonio de Siqueira, José Antonio de Faria, Francisco d’Assis Pinto de Castro, Caetano José da Cunha.”

Após muitos anos, com o crescimento da população e progresso do município, entendeu o bispo Conde dom Barreto, da diocese de Campinas, à qual Piracicaba pertencia, que era neces-

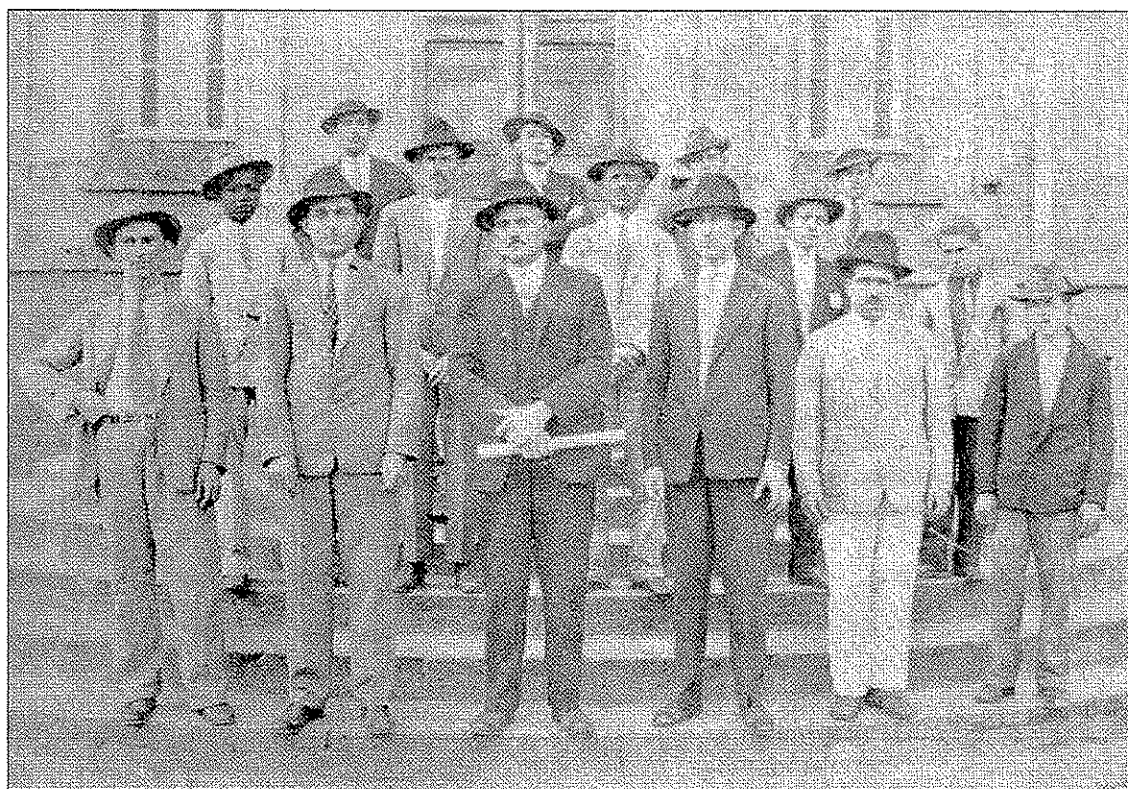
sário criar urgentemente a paróquia do Bom Jesus. Um novo templo deveria ser edificado no Largo Bom Jesus, no Bairro Alto, onde já existia uma capela cujo terreno havia sido doado por João Antonio de Siqueira.

Para a consecução desse objetivo, concorreram com valiosa ajuda e muito trabalho, entre outras pessoas, o cônego João Baptista Ferraz, Joaquim Maria de Souza, Mathias Schmidt, comendador José Pereira Cardoso, J. Cardoso, Manuel Antunes Barreira e Antonio Roque dos Santos, que além de ofertarem dinheiro e materiais de construção, ainda visitavam periodicamente não só outros bairros, mas também a zona rural, angariando donativos. A esses homens abnegados, juntaram-se os industriais e comerciantes J. Monteiro e Filhos.

Dados os primeiros passos para a construção da futura igreja, ocorreu o lançamento da primeira pedra no dia 6 de agosto de 1918. Cumprindo uma promessa dos seus falecidos avós, Da. Rita Evangelina de Almeida Cardoso consegue erigir a capela-mor, na qual foram entronizados um grande crucifixo e as imagens de Nossa Senhora e de São João Evangelista.

Inaugurada e benzida a capela, em 6 de agosto de 1919, começaram as aulas de catecismo autorizadas pelo cônego Manoel Rosa, vigário da Matriz de Santo Antonio, que também preparou a capela para as celebrações religiosas.

Em 4 de dezembro de 1922, por decreto do bispo dom Francisco de Campos Barreto, foi criada a paróquia do Bom Jesus, dando origem a um novo distrito com território próprio.



*O construtor Napoleão Belluco e seus colaboradores 1932*

O primeiro padre da paróquia foi Lázaro de Sampaio Mattos, nomeado no início de 1923. Empossado pelo cônego Manoel Rosa, celebrou a primeira missa no dia 11 de fevereiro do mesmo ano.

Após alguns poucos meses, o padre Lázaro foi transferido para a cidade de Indaiatuba, tendo assumido a paróquia o padre Henrique Nicopelli, também por pouco tempo. Sem pároco para os serviços religiosos e com a construção da igreja paralisada, a autoridade diocesana determinou ao cônego Manoel Rosa, em 30 de janeiro de 1924, que a igreja do Bom Jesus fosse fechada para quaisquer atos religiosos e que a chave da mesma ficasse sob sua guarda.

Em 23 de janeiro de 1925, foi nomeado novo padre, Mário Montefeltro, que tomou posse em 2 de fevereiro do mesmo ano, data em que a igreja foi reaberta. Dinâmico, inteligente e aberto a novas idéias, o padre Montefeltro consegue erguer as paredes e dar início às outras obras da igreja. Promoveu quermesses, angariou donativos, exortou aos paroquianos para a freqüência aos serviços religiosos e pôs fim em algumas pequenas dissidências. A paróquia vivia num clima de paz e de grande atividade.

Para dar continuidade à construção, foi contratado o construtor Napoleão Belluco. Enquanto as obras prosseguiam, alguns paroquianos saem novamente a percorrer bairros, sítios e fazendas, angariando donativos. Os bairros do Piracicamirim, Dois Córregos, Pompéia e Conceição destacaram-se nas ofertas de espórtulas e de mão de obra gratuita. Também contribuíram generosamente, o Cel. Aquilino Pacheco, João Pereira Cardoso, Cel. Ignácio Leite Negreiros, a Baronesa de Resende, Da. Lydia de Resende e o cônego João Baptista Ferraz.

Em 5 de agosto de 1925, o bispo diocesano Conde D. Barreto visitou a paróquia, inteirou-se da organização da mesma, ministrou o sacramento do crisma e revelou um grande entusiasmo pela construção da igreja. Até 25 de abril de 1926, data em que foi nomeado vigário para a paróquia de Rio das Pedras, o padre Mário Montefeltro ainda fundou a Conferência de São Vicente de Paulo e o Apostolado da Oração.

O novo vigário da paróquia do Bom Jesus foi o padre Francisco Borja do Amaral, nomeado na mesma data em que o seu antecessor transferiu-se para a cidade de Rio das Pedras.

Em sua fala aos paroquianos, o padre Amaral informou o que pretendia realizar como o responsável pela paróquia, pediu a união e a colaboração de todos, tanto na parte espiritual como na árdua missão de continuar a construção da igreja.

Iniciou-se, então, nova campanha para angariar fundos: festas, quermesses, leilões de prendas e donativos fazem com que as paredes da igreja sejam levantadas. No dia 1º de agosto de 1926, é recebida a imagem de São Vicente de Paulo, comprada no Rio de Janeiro.

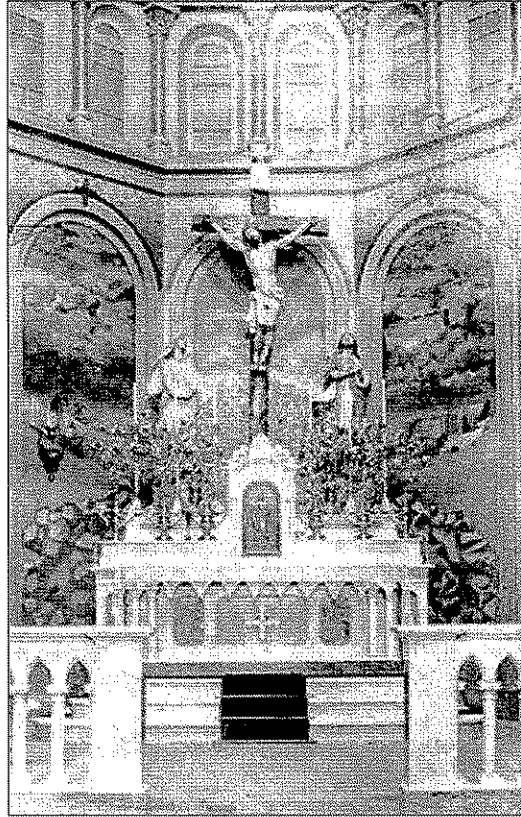
Com a colaboração das famílias Macedo, Fleury, Laudino, Lopes Fagundes, Baronesa de Resende, Grisolia, Ferraz de Camargo e Corazza, e com a ajuda direta da paróquia de Vila Rezende, na pessoa do cônego Jerônimo Gallo, foram realizadas competições esportivas populares, cuja significativa renda foi destinada para a construção da igreja. No dia 5 de outubro de 1926, acompanhada em procissão, foi recebida a imagem de Santa Cecília.

No início de janeiro de 1927, as paredes externas estavam levantadas e as paredes centrais da nave já respaldadas; após o término do madeiramento, iniciado em 5 de maio, deu-se a cobertura da nave central. No dia 20 de maio, chegam os caixotes contendo as peças de mármore do altar-mor, confeccionadas pela Casa Velez, de Campinas. Em 5 de agosto, com a presença do bispo diocesano, houve a inauguração do altar-mor.

Segue-se um período de progresso na paróquia. Aumenta a freqüência dos fiéis aos atos religiosos, as missas são celebradas e as quermesses e comemorações continuam animadamente. No começo de 1928, a paróquia já contava com 11 associações religiosas e o forro de estuque começava a ser feito.

Entretanto, com uma despesa cada vez maior e com uma receita instável, houve um desequilíbrio no caixa da igreja. Os trabalhos da construção sofrem nova paralisação, agravada com a doença do padre Amaral, que foi obrigado a afastar-se da paróquia por quase seis meses.

No ano seguinte, aumentam os donativos, chegam mais bancos para a igreja e o curso de religião entra em atividade. No dia 21 de abril, estando presente o bispo diocesano, foi benzido o carrilhão doado pelo comendador José Pereira Cardoso e sua mulher Joanna Maria da Silva Cardoso. Este foi o primeiro carrilhão a existir em toda a diocese de Campinas.



*Altar-mor 1932*

Em agosto, nos dias 28 e 29, respectivamente, foram inauguradas a pintura da capela-mor e a decoração do forro de estuque, trabalhos executados pelo grande artista Mario Thomazzi.

No dia 3 de novembro, a paróquia recebeu nova visita do bispo dom Barreto, que, posteriormente, expede um “Provimento” elogiando a paróquia e agradecendo acolhida que teve.

Ainda em 1929, foi aprovada a idéia de substituir a cruz, que seria colocada no alto da torre, pela imagem do Senhor Bom Jesus. Era preciso que a torre fosse terminada, uma vez que após a instalação do carrilhão, as obras ficaram quase paralisadas. No início de 1931, houve nova campanha para arrecadar fundos, e no dia 11 de junho, os trabalhos da torre foram reiniciados. Inestimável foi a colaboração prestada por Paulo Nardin, que além de oferecer a planta da construção, ainda ajudou na parte da arquitetura.

Entre as várias propostas dos interessados em construir a imagem do Senhor Bom Jesus, foi aceita a de Agostinho Odisio. Com a torre levantada e o carrilhão coberto, as peças da imagem foram transportadas da cidade de Limeira para Piracicaba no dia 11 de abril de 1932, em caminhões cedidos gratuitamente por Monteiro & Filho, Terenzio Gallezzi e Riagato & Filhos.

No dia 19, a imagem começou a ser montada e, no dia 22, com o badalar dos sinos e içada a bandeira papal, foi anunciado o término dos trabalhos. No interior da base que sustenta a imagem, numa caixa de metal, foi colocado um documento com os seguintes dizeres:

*"Ad perpetuam rei memoriam"*

*"No ano de nascimento de nosso Senhor Jesus Christo, de 1932, inicia-se o levantamento desta estátua do Bom Jesus de Piracicaba."*

*"Governa a Igreja o Santo Padre Pio XI."*

*"Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme."*

*"Arcebispo de São Paulo, D. Duarte Leopoldo de Silva."*

*"Bispo de Campinas, a cuja Diocese pertence esta paróquia, D. Francisco de Campos Barreto."*

*"Pároco, Revmo. Pe. Francisco Borja Amaral."*

*"É governador do Brasil, Dr. Getulio Vargas."*

*"Interventor do Estado de São Paulo, Dr. Pedro de Toledo."*

*"Prefeito Municipal, Prof. Benedito Rodrigues de Moraes."*

*"Escultor, Agostinho Odisio."*

As festas de inauguração do monumento do Senhor Bom Jesus foram marcadas para o período de 30 de julho a 15 de agosto de 1932, no entanto, em virtude do movimento constitucionalista, iniciado no dia 9 de julho, as festas programadas para o mês de agosto foram adiadas para os dias 5 a 15 de novembro.

Finalmente, no dia 13 de novembro de 1932, domingo, tendo como convidado especial o bispo dom Francisco de Campos Barreto, deu-se a tão esperada inauguração de grandiosa imagem. Ainda foram necessários mais 5 anos para o magnífico templo ficar totalmente concluído, inaugurado que foi em 1º de maio de 1938.



*Casa Parochial inaugurada em 22/10/1939*

*(Foi demolida para dar lugar ao salão parochial, inaugurado no dia 9/8/1987)*

Depois do padre Francisco Borja Amaral (1926-1932), passaram pela paróquia os padres: Vicente Rizzo (1932-1934), Francisco Machado (1934-1935), João Batista Martins (1935), Martinho Salgot (1935-1971) e José Nardin (1971-1972).

A partir de 31 de janeiro de 1972, data em que a paróquia foi confiada aos cuidados dos salesianos da Inspeção Nossa Senhora Auxiliadora, o padre Otorino Fantin assumiu com o pároco até 1977, Antonio Corso (1977-1980), Reynaldo Zaniboni Netto (1980-1985), Hugo Guarnieri (1985-1988), novamente Reynaldo Zaniboni Netto (1988-1996), Gutemberg dos Reis (1997), Aramis Francisco Biaggi (1997-2000), João Borges (1995-2001), Jospe Cipriano Ramos Filho (2000-2006), vigário Victorio Perini (2001-2006) e vigário Benevenuto Felipe Nery (2007). Atualmente dão assistência espiritual o pároco Essetino Andrezza (2007) e o vigário paroquial Olívio Poffo (2008).

Em 1950, Jorge Chadad e Anuar Kraid, num elevado estado de inspiração musical e poética, homenagearam a paróquia compondo a música “Sinos do Bom Jesus”.

Integram o território paroquial, o Centro Catequético São Domingos de Gusmão (Bairro dos Alemães), a capela de São Miguel Arcanjo (Cemitério da Saudade) e o Colégio Dom Bosco.

### **Hino do Bom Jesus do Monte**

Refrão: *Jesus bondoso, rei*  
*Glorioso, Salvador sublime dos*  
*Mortais, amparai-nos e guiai-nos*  
*Nesta vida até os prados Celestiais*  
*Os que sofrem no mar desta vida*  
*Os que choram no vale da dor*  
*No Senhor Bom Jesus tem*  
*Guarida ele é amigo, fiel protetor*

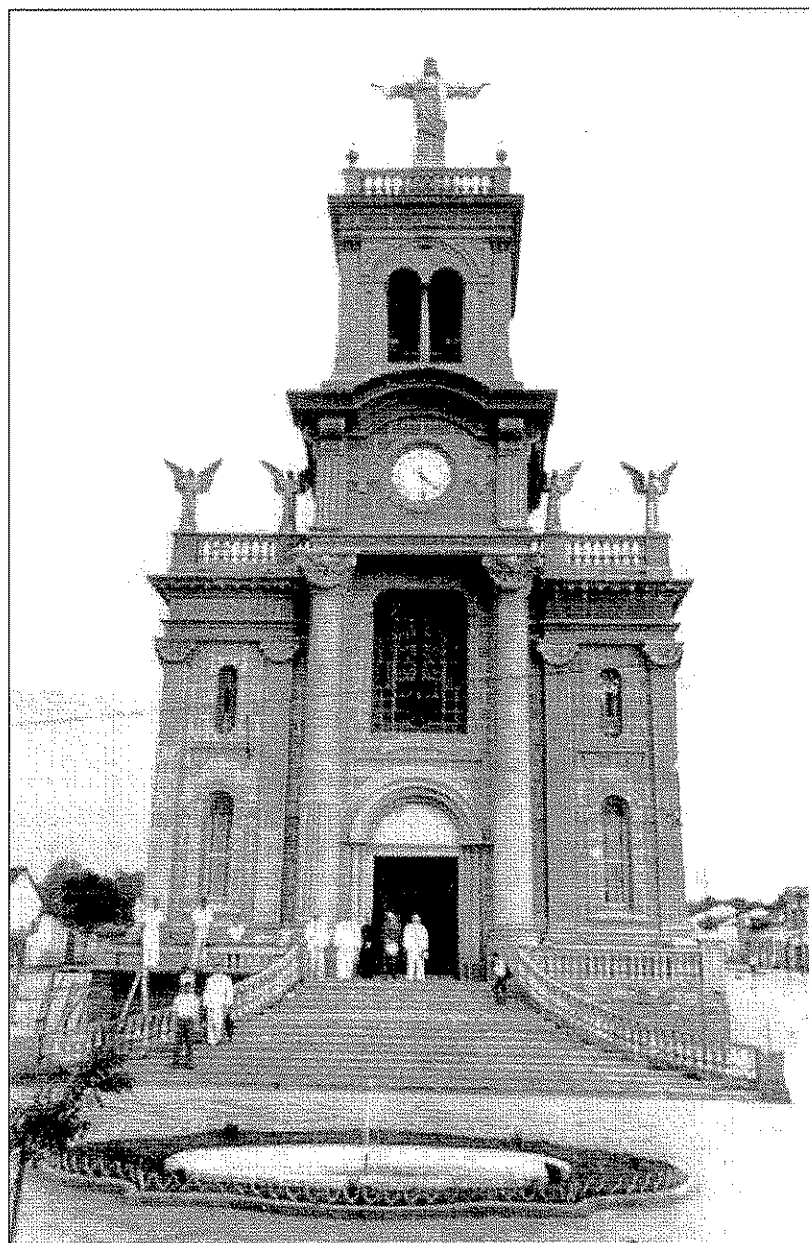
### **Sinos do Bom Jesus**

Letra e música: *Anuar Kraid e Jorge Chadad*  
*De longe se vê, que felicidade,*  
*Jesus de braços abertos,*  
*Abençoando a cidade*  
*E toda manhã ao romper o dia*  
*Ouvem-se as badaladas da Ave Maria*  
*Sinos do Bom Jesus que despertam*  
*A cidade, trazendo paz e amor,*  
*Alegria e felicidade*  
*Sinos do Bom Jesus,*  
*Os seus sons ficam ao léu*  
*Sinos do bom Jesus,*  
*Que nos conduzem ao céu*

### ***Recordações de Um Tempo Feliz***

Falar sobre a Igreja Bom Jesus me faz retroceder no tempo, tempo do menino dos pés descalços, do pequeno engraxate que possuía um mundo somente seu, repleto de sonhos, de fantasias e de felicidade.

Ainda está bem vivo, em minhas lembranças, o tempo em que batia os sinos da Igreja Bom Jesus, isto quase no fim da década de 1930 e grande parte da década de 1940.



*Igreja Bom Jesus do Monte*

Nós, eu e o primo Geraldo Pereira, quase todas as tardes às 18 horas, após o sacristão Toninho tocar o “Louvando Maria”, subíamos velozmente a escada em caracol da torre da igreja até o pavimento onde estão as imagens dos anjos.

Ali estavam, pendentes do pavimentos superior, as cordas nas quais nos pendurávamos para tocar os sinos. Como o sino maior era muito pesado, era preciso força dobrada para começar a movimentá-lo, mas depois se tornava mais fácil.

Como os sinos têm um movimento de vai-e-vem, puxávamos a corda o máximo que podíamos e, quando ele voltava, segurávamos firmemente a corda, fazendo com que ela nos elevasse até quase bater com a cabeça no teto da laje.



Ainda nessa mesma época, havia um enorme sarcófago na sacristia, abarrotado de tocos de velas. Enquanto o primo Geraldo vigiava o padre Martinho, que se encontrava na Casa Paroquial, eu entrava rápida e sorrateiramente na sacristia, levantava a pesada tampa do sarcófago e enchia os bolsos dos ditos tocos, saindo em desabalada carreira. À noite, a iluminação do nosso cirquinho já estava garantida.

As festinhas da igreja Bom Jesus marcaram época. A quermesse era feita no mês de agosto, com as barraquinhas montadas no largo da igreja; havia rifas de prendas, roleta e pescaria. Havia também um coelhinho, rodeado de casinhas numeradas. Solto o coelhinho, ele entrava em uma das casinhas; ganhava uma prenda o portador do bilhete que continha o número da casinha.

As festinhas da igreja eram animadas, com o comparecimento dos moradores do Bairro Alto e até de outros bairros. Durante o dia as barraquinhas serviam de "playground" para a molecada. Tempo dos flertes, do divertimento inocente e sadio.

## Pastificio e Fábrica de Bolachas

# "CACIQUE"

### A maior do Estado de São Paulo

Máquina automática para  
40.000 quilos diários de  
macarrão →





Forno elétrico produzindo  
8.000 quilos de bolachas  
← por dia

*Irmãos Maygton & Cia.*

Rua Santa Cruz, 1305 - Fone, 531 - PIRACICABA - E. S. Paulo

Comercial Pastificio e Fábrica de Bolachas Cacique

## *O Cemitério da Saudade*

“Foi em 1860 que os protestantes e luteranos de origem alemã pedira, à Câmara Municipal de Piracicaba, a doação de um terreno para construírem um cemitério próprio, pois por motivo de crença religiosa não podiam ser sepultados nos cemitérios católicos.”

“A Câmara doou um terreno no Bairro Alto, de oito braças por vinte, com frente para a Rua de São José e fundo para a Rua Direita (Moraes Barros), tendo a doação saído em nome do médico Otto Rudolph Kupfer.”

“Doze anos mais tarde, a Câmara deu início à construção de um novo cemitério (municipal) junto ao dos protestantes, cuja benção foi dada no dia 5 de maio de 1872 pelo padre Joaquim Cypriano. Entre os dois cemitérios, foi construído um muro separando os protestantes dos católicos.”

“Em 27 de novembro de 1872, foi aberto o livro de sepultamentos do novo cemitério, e o primeiro sepultamento foi a de uma escrava chamada Gertrudes, viúva, de 45 anos de idade, que pertencia a Antonio José da Conceição Junior. Nesse mesmo dia, a primeira sepultura perpétua foi adquirida por Estevão Ribeiro de Souza Rezende, o Barão de Rezende.”

“Em 1906, por indicação do vereador Francisco Morato, foi construído o portal do cemitério municipal, projeto do arquiteto italiano Serafino Corso e construção de Carlos Zanotta. O portão de bronze e ferro fundido do portal foi trazido da Alemanha por Serafino Corso. No alto do portal, pode-se observar, além dos querubins e serafins, a frase em latim “Omnes Similes Sumus” (Somos todos iguais), de autoria do professor Dr. Dário Brasil, e pintada pelo artista plástico Joca Adamoli, em 1941.”

“Com a construção do portal – verdadeira obra de arte – o muro que separava os protestantes dos católicos, foi demolido. O arquiteto Serafino Corso faleceu em São Paulo, no dia 29 de julho de 1919, e está sepultado em Piracicaba. A capela do cemitério foi construída em 1910 e o nome “Cemitério da Saudade” foi dado por indicação do vereador Oscar Manoel Schiavon, em 12 de junho de 1953.”



*Portal do Cemitério da Saudade*

“Com uma área de 145.000 m<sup>2</sup>, o Cemitério da Saudade tem 20.000 túmulos, uma avenida, 12 ruas, 11 travessas, 90 quadras e são realizados aproximadamente 1.000 sepultamentos por ano.” (Cachioni, Marcelo)

Nos fundos da capela ainda existem duas salas, uma que foi usada pela administração do cemitério e outra que serviu por muitos anos como necrotério.

Se o Cemitério da Saudade já pertenceu ao Bairro Alto, hoje não pertence mais. De acordo com a Lei Municipal Complementar nº 165, de 27 de setembro de 2004, a partir dessa data passou a pertencer ao Bairro Vila Monteiro. A praça em frente ao cemitério, segundo a nova lei, agora pertence ao Bairro Nova América, valendo igualmente para antiga caixa d'água da Prefeitura de Piracicaba (hoje SEMAE), situada na Rua XV de Novembro, entre a Av. Independência e a Travessa da Saudade.

Falar do Cemitério da Saudade me faz lembrar dos dias dos finados, quando eu os meninos da redondeza, munidos de uma enxada e de uma lata, nos postávamos logo após a sua entrada oferecendo aos visitantes os nossos serviços para lavar e capinar túmulos, ganhando com isso algumas moedas.

### *Estrada de Ferro Ituana*

A Estrada de Ferro Ituana, primeira companhia a chegar em Piracicaba, em 1877, teve a sua estação construída no Bairro Alto, onde hoje está o Grupo Escolar “Dr. Alfredo Cardoso”, na esquina da Rua Moraes Barros com a Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos.

Em 18 de julho de 1863, uma Lei Municipal concedeu à Companhia Ituana uma área de 5000 metros quadrados, para a construção da estação.

*Inauguração da estação da Estrada de Ferro Ituana (depois Sorocabana), construída entre as ruas Rangel Pestana e XV de Novembro, à direita do Itapeva. Projeto do Engenheiro - Dr. José Pereira Rebouças. (foto sem data)*



Para que o ramal da estrada de ferro chegasse a Piracicaba, o município teve de pagar seiscentos contos de réis à Companhia Ituana, que, por sua vez, forneceria todo o material e a mão de obra, no mesmo valor de seiscentos contos de réis, ainda com o compromisso de entregar o ramal no prazo de 18 meses. A estrada, em vez de custar mil e duzentos contos de réis como estava previsto, custou três mil contos de réis e, em vez de 18 meses, demorou mais de quatro anos para ficar pronta. Em 18 de dezembro de 1876, houve o lançamento da primeira pedra do armazém de carga e o ramal foi inaugurado em 20 de fevereiro de 1877.

Sobre a inauguração da estação, o jornal de Piracicaba do dia 22 de outubro de 1939, noticiou o seguinte:

“No dia 20 de fevereiro do afastado anno de 1877, foi publicado nesta cidade um manifesto, convidando o povo para assistir a festa inaugural da estação Estrada de Ferro Ytuana, construída no Bairro Alto, no local ainda hoje conhecido por Largo da Estação Velha... dois dias de grandes festas e dali em diante, Piracicaba, passou a sentir os benefícios de ser servida por estrada e ambas, estrada de ferro e Piracicaba, começaram a progredir a olhos vistos. Dentro em pouco a estação não comportava mais o crescente movimento da Ytuana, e a necessidade de uma nova mais ampla e instalada em melhor loca, fazia-se premente.”

Segundo noticiou a Gazeta de Piracicaba, no dia 20 de março de 1884, o engenheiro, Dr. José Pereira Rebouças, havia feito um projeto para a mudança da estação da Ituana. A nova estação seria construída entre as ruas dos Ourives (Rangel Pestana) e da Quitanda (XV de Novembro), à direita do Itapeva. A primeira pedra da nova estação foi lançada no dia 6 de janeiro de 1885. Segundo o historiador Noedi Monteiro, “em 1943, com a demolição dessa estação, foi construída provisoriamente uma outra, de madeira, até que, em 1945, deu-se a inauguração da nova estação, que conservou as mesmas características da anterior na fachada principal”.

Com a enorme concorrência das rodovias, o transporte ferroviário foi aos poucos sendo desativado, como aconteceu com o ramal de Piracicaba, no começo da década de 1990. A desativação do trecho entre Piracicaba e São Pedro já tinha ocorrido na década de 1960.

Em 1892, a Companhia Ituana uniu-se à Companhia Sorocabana de Estradas de Ferro, surgindo desse fato a Companhia União Sorocabana e Ituana. Essa nova companhia, por motivo de falência, foi encapada pelo Governo Federal em 21 de setembro de 1904, permanecendo apenas o nome da Sorocabana. No ano seguinte, foi vendida ao Governo do Estado de São Paulo. Era intenção do Governo Estadual unificar as ferrovias e os estudos começaram na década de 1940. Somente em 28 de outubro de 1971, pela Lei nº 10.410, foi criada Ferrovia Paulista S.A. – FEPASA, que encapou as cinco principais ferrovias paulistas: Estrada de Ferro Araraquara, Estrada de Ferro Sorocabana, Estrada de Ferro São Paulo e Minas, Companhia Mogiana e Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

### *A Conferência São Vicente de Paulo*

A Sociedade São Vicente de Paulo, foi fundada no dia 23 de maio de 1833, na cidade de Paris, França, por um grupo de sete jovens idealistas, entre os quais Antonio Frederico Ozanan, com apenas 20 anos de idade.

A Sociedade São Vicente de Paulo nasceu, se espalhou a princípio pelos países europeus e, depois, nos diversos continentes, sendo hoje conhecida por quase todos os povos civilizados. É uma organização composta por católicos, que desejam, pelo trabalho de caridade, desenvolver sua vida cristã.

Para os membros da Sociedade São Vicente de Paulo, todas as pessoas em necessidades devem ser consideradas irmãos, uma imagem de Cristo agonizante. Com a finalidade de melhor organizar seus trabalhos, encorajando-se uns aos outros na perseverança de alcançar os fins propostos, os membros da Sociedade reúnem-se uma vez por semana. A tradição conservou o nome de Conferência para essas reuniões.

Em Piracicaba, esse exemplo de amor e caridade ao próximo, chegou em meados do ano de 1888, trazido por um vicentino carioca, que estava trabalhando nesta cidade. A primeira reunião tomou nome de Conferência de Santo Antônio e foi realizada no dia 16 de maio de 1888, na sacristia da igreja matriz de Santo Antônio. Compareceram os seguintes senhores: Dr. Alberto Saladino Figueira de Aguiar, João Baptista de Sampaio Arruda, João Paulo de Oliveira Compadre, Valentim Hebling, Conrado Hebling, Augusto Pinto da Silva Saes, Bermino Leite do Canto, Ricardo Pinto de Almeida e José Pinto Cesar.

Em 29 de outubro de 1917, foi comprado o terreno para a construção da Vila São Vicente de Paulo, que abrigaria os mais necessitados, localizado na Rua D. Pedro I (Antiga Rua Municipal), com 92,50 metros de frente Rua Visconde do Rio Branco (antiga Rua Boa Vista), com 62,07 metros e Rua Bernardino de Campos (antiga Rua Alegre) com 43,20 metros. O terreno foi adquirido da Câmara Municipal pelo valor de 2:200\$000 (dois contos e duzentos mil réis).

Foi deliberado que a Conferência Santo Antonio venderia algumas casas para a construção da Vila São Vicente, em 1925, no Bairro Alto, na paróquia do Senhor Bom Jesus do Monte. Um grupo de pessoas interessadas no apostolado da caridade procurou formar mais uma entidade vicentina em Piracicaba. Foi marcada uma reunião à qual compareceram Antonio Affonso, Manoel Vieira e Silva, Augusto Geremias Ferraz, Elydio Zanchetta, Domingos Vitorio, Manoel Ferreira Cardoso e Napoleão Belluco.

Essa nova Conferência Vicentina foi fundada em 11 de dezembro de 1925 e batizada com o nome de Conferência do Senhor Bom Jesus do Monte, por ser formada na paróquia do mesmo nome. Faziam parte da primeira diretoria, os confrades: Presidente: Antonio Affonso; Vice-Presidente: Augusto Geremias Ferraz; 1º Secretário: Manoel Vieira e Silva; 2º Secretário: Elydio Zanchetta; Tesoureiro: Eugenio Belluco.

A primeira pessoa a ser socorrida pela nova Conferência, foi o sr. João Godoi, que era cego e paralítico. Em 14 de julho de 1928, houve a inauguração e benção das novas casas da Vila São Vicente.

Até setembro de 1965, foram fundadas mais 7 conferências, todas pertencentes ao Bairro Alto: Santo Thomaz de Aquino, São João Bosco, Nossa Senhora Auxiliadora, São Judas Tadeu, Santa Cruz e São Dimas, São Francisco de Salles e São Camilo de Lellis.

### *Conferência Santo Thomaz de Aquino – 8/12/1932*

“Aos oito dias do mês de dezembro de 1932, em uma das dependências da Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus de Piracicaba, às 14 horas, presentes os: Revmo. Padre Vicente de Paulo Rizzo, vigário da paróquia, Prof. Jarbas de Oliveira Johas, José Canuto Marmo e Raul Collet e Silva, respectivamente presidente, vice-presidente e secretário do Conselho Particular Vicentino, e os representantes das Conferência Santo Antonio, São Luiz Gonzaga, São Sebastião, Sagrado Coração de Jesus e Senhor Bom Jesus do Monte desta cidade, eo confrade visitante Joaquim Ferreira, da Conferência Santo Antonio da cidade de Santos, foi aberta a presente sessão com as orações de costume. Em seguida, foram convidados para presidente de honra, o Revmo. Padre Vicente de Paula Rizzo, o Dr. Euclides de Campos e o confrade Joaquim Ferreira. Após a leitura espiritual que constou de trecho do Evangelho, que se relacionou com a caridade, foram proclamados vicentinos os srs. : Ary da Silva Leite, Oswaldo Silveira Conceição, Antonio Fidelis, João Baptista Canto, Amélio Pizzinatto, Armando Beduschi, José Piedade, Alvaro Piedade, Sebastião Coelho Fischer, Antonio Baptista de Souza, Antonio José de Almeida Queiroz, Antonio Nascimento, Mario Shissa, Mario Françoso, Benedito Silveira Conceição, João Baptista Luz, Bento Camargo Canto, José Franco do Nascimento. A direção de conferência, ficou assim constituída: Presidente: José Piedade; Vice-Presidente: Antonio Baptista de Souza; Secretário: Ary da Silva Leite; Tesoureiro: Amélio Pizzinatto”.

### *Conferência de São João Bosco – 14/06/1953*

“Aos 14 dias do mês de junho de 1953, numa das salas do Colégio Dom Bosco, às 9 horas da manhã, presentes o Revmo. Padre Pedro Baron, diretor do ginásio Dom Bosco, os confrades José Theóphilo do Amaral Gurgel, presidente do Conselho Central Diocesano, Pedro Grossi, presidente do Conselho Particular, Attilio Thomaziello, representante das Obras Unidas junto ao Conselho Central, Luiz Gobeth, presidente do Abrigo São Vicente de Paulo e os seguintes confrades: Carlos Buccinelli, Mario Carraro, Antonio Teixeira Poças, Antonio Françoso, Floriano Carraro, José Rodrigues Filho, Methon Cavalcanti Maranhão, Bento Camargo Canto, João Felício Brancalhão, Otilio Altafim, José de Souza, Fausto Ronsini, Ivo Coelho Prates, Cesario Simioni, Valentin Victório Carnio, Caetano Ferrari, João Barata, João Gotardi, Vicente Broio, Geraldo Pecorari, Salvador Gorga, Napoleão Belluco, Sebastião Bueno da Silva, Salvador Celso Filho, Israel B. de Lima, João Vieira de Mattos, Humberto Bortolli, Amadeu Coelho Fischer, Luiz Fernando Lopes, Flavio R. Santos, Acácio Oliveira, Américo Freitas Filho, Geraldo Arantes, Hugo Scabello, Antonio F. dos Santos, João Giusti, Bernardo Juvenil Celso, Antonio Godoi, Benedito Belluco, José Maria Arruda, Benedito Augusto Arruda, João Rueda Ruiz, Joaquim do Nascimento e Vale Estevam Desjardins. Realizou-se a sessão de instalação da nova Conferência de São João Bosco desta cidade de Piracicaba. A diretoria ficou assim constituída: Presidente: (não consta); Vice-Presidente: Benedito Belluco; Secretário: Flávio Pinto dos Santos e Tesoureiro: Antonio Teixeira.

A primeira família a ser socorrida, pela Conferência São João Bosco, foi a do Sr. Oswaldo Sorci, morador na Vila Ferreira, e a Senhora Sebastiana Barbosa, residente na Vila Naval.

### *Conferência Nossa Senhora Auxiliadora – 16/12/1956*

Os livros de atas da Conferência Nossa Senhora Auxiliadora foram extraviados. No livro de ata do Conselho Particular Vicentino, consta apenas o seguinte: “Após a missa das 7:30 horas, na capela do Colégio Salesiano Dom Bosco, foi instalada a Conferência Nossa Senhora Auxiliadora, com o desmembramento da Conferência São João Bosco. Como Presidente, foi aclamado o confrade Hugo Scabello e, como Vice-Presidente, o confrade Benedito Augusto Arruda”.

### *Conferência São Judas Tadeu – 22/05/1960*

“Ata da reunião de instalação da Conferência São Judas Tadeu, da Sociedade São Vicente de Paulo de Piracicaba, Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Aos vinte e dois dias do mês de maio de um mil novecentos e sessenta, com início às 15 horas, no salão paroquial da igreja São Judas Tadeu, nesta cidade, realizou-se presente sessão, sob a presidência do Dr. José T. do Amaral Gurgel, Presidente do Conselho Central Diocesano. Presentes: Pedro Grossi, Renato Françoso e Amadeu Coelho Fischer, Presidente, Secretário e Tesoureiro, respectivamente, do Conselho Particular, cônego Henrique R. Fonseca, vigário daquela paróquia, 43 confrades das diversas conferências locais e onze novos elementos, que fizeram parte da nova Conferência. Abertas as sessões com as orações prescritas no manual vicentino, foi a seguir feita a leitura espiritual, que constou da página 37, artigo 3º do mesmo manual. Pelo Presidente, Dr. Gurgel, foi em seguida feita uma palestra sobre a finalidade daquela reunião, salientando a necessidade de se fundar uma Conferência naquele bairro. Falou, também, que a mesma contará, de princípio, com 13 elementos sendo que ele, Dr. Gurgel, será o Presidente, afim de orientar os novos elementos que irão fazer parte da mesma. Prosseguiu fazendo um esclarecimento a respeito da Sociedade e do trabalho que o confrade deve ter dentro de suas Conferências. Falou, também, sobre a vida espiritual dos mesmos, que deve ser constante para sua própria santificação e progresso da nossa sociedade. Em seguida, passou a presidência da mesa ao confrade Pedro Grossi, para que o mesmo desse continuação aos trabalhos, tendo aquele confrade inicialmente dito palavras de agradecimento ao cônego Henrique, pela cooperação dispensada, para que hoje se instalasse esta Conferência. Prosseguindo a sessão, nomeou o confrade Dr. Gurgel como Presidente da

Conferência e procedeu a chamada dos elementos que irão fazer parte da mesma: José Rossini – Francisco Basílio Penteadado – Antonio da Silva Maia – Manoel Rodrigues – Durval Ferraz da Silva – Francisco João Vendrame – José da Silva Souza – Ary Thezi – João Piacentini – Joaquim Salvador e Felício Bracalhão (João), que foi transferido da Conferência Sagrado Coração de Jesus, e por motivo justo não estava presente nesta reunião. Estando todos em pé, declarou instalada a Conferência São Judas Tadeu, que é a 12ª Conferência em nossa cidade.

A primeira família socorrida, foi o casal de velhinhos, Sr. Vicente Rodonilha, residente na Rua Dr. Alvim esquina com a Rua Frei Caneca.”

### *Conferência Santa Cruz & São Dimas – 10/09/1961*

“Ata da instalação da Conferência Santa Cruz e São Dimas, na paróquia do mesmo nome situada no Bairro Vila Boyes, em nossa cidade. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Aos dez dias do mês de setembro de mil novecentos e sessenta e um, após a missa das 7:30 horas, celebrada pelo revmo. Padre Geraldo Gomes da Silva, realizou-se no citado templo a presente reunião, convocada pelo Conselho Particular da Sociedade São Vicente de Paulo de Piracicaba, e na qual estavam presentes: Dr. José Theóphilo do Amaral Gurgel e Dr. Aristeu Mendes Peixoto, Presidente e Vice-Presidente do Conselho Central Diocesano, Pedro Grossi e Amadeu Coelho Fischer, Presidente e Tesoureiro do Conselho Particular, e 55 confrades representando diversas Conferências locais e grande número de Congregados Marianos da Paróquia. A sessão foi aberta pelo padre Geraldo, que fez as orações regulamentares pelo manual vicentino. Dando início ao trabalho, fez uso da palavra o Presidente Grossi, para informar que estava presidindo a reunião, em virtude do Dr. Gurgel, atendendo a necessidade de ser Presidente da Conferência a ser instalada neste momento, não poderia residir presidir esta reunião. A seguir, passa a palavra ao padre Geraldo que inicialmente se congratula com a Sociedade São Vicente pela instalação de mais uma Conferência em nossa cidade, principalmente por ser em sua paróquia, e falou sobre o valor da caridade praticada pelos vicentinos, pois os mesmos levam aos mais necessitados o conforto espiritual, que às vezes, é maior do que o material. Finalizando, desejou que esta nova Conferência seja mais uma força dentro de sua Paróquia. Volta a palavra ao Presidente Grossi para proceder a chamada dos novos componentes desta conferência São Benedito, João Jorge de Moraes para Vice-Presidente, João Rodrigues Lara, para Secretário, estes noviciados feitos na Conferência Santo Tomaz de Aquino e Olimpo Bernardino da Silva para Tesoureiro, e mais os Srs. Manoel Palamino, Alberto Boliani, Gregrio Alexandre e Nelo Dela Vale, perfazendo assim 8 elementos fundadores, e estando todos de pé declarou instalada a Conferência Santa Cruz e São Dimas, que completa a 15ª Conferência em nossa cidade. A primeira assistida pela Conferência Santa Cruz e São Dimas, foi apresentada pelo confrade João Lara e Alberto Boliani para efetuarem a primeira entrevista”.

### *Conferência São Francisco de Salles – 09/09/1962*

“Ata da reunião convocada pelo Conselho Particular da Sociedade São Vicente de Paulo de Piracicaba, para a instalação da Conferência São Francisco de Salles. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Aos nove dias do mês de setembro de mil novecentos e sessenta e dois, após a Santa Missa das 7:30 horas, realizada no Colégio Salesiano D. Bosco, pelo revmo. padre Benevenuto Nery, realizou-se as nove horas no auditório Dr. Dovilio Ometto do referido colégio, a presente reunião, estando presentes: revmo. padre Mario Quilicci, Digno Diretor do Colégio, Dr. José T. do Amaral Gurgel e Dr. Aristeu Mendes Peixoto, Presidente e Vice-Presidente do Conselho Central Diocesano, Pedro Grossi e Amadeu Coelho Fischer, Presidente e Tesoureiro do Conselho Particular, e 47 confrades das diversas Conferências da cidade, bem como os confrades que não pertencem à nova Conferência, como consta mais abaixo. Aberta a sessão pelo padre Mario, com as orações de nosso Manual, foi a seguir feita pelo Dr. Aristeu a leitura espiritual, que constou das páginas 53 a 55 do livro “Com Cristo No Polve”. Pelo Dr. Gurgel foi feito um esclarecimento a respeito da Sociedade, a finalidade desta reunião e também um agradecimento

ao diretor do Colégio, pela atenção que tem dispensado à nossa Sociedade. Dando seqüência à sessão, fez uso da palavra o Presidente Grossi para inicialmente fazer um agradecimento às Conferências São João Bosco e Senhor Bom Jesus, pois graças à cooperação de ambas, é que hoje pode tornar realidade esta nova Conferência. Prossegue o Presidente fazendo um apelo para esta Conferência, assim como as demais, que procurem trabalhar sempre de comum acordo, e que, entre seus membros, sempre predominem a sinceridade e muita vida espiritual, fator preponderante para a existência das Conferências. A seguir, fez a chamada dos elementos que irão fazer parte da nova Conferência, que são os seguintes: da Conferência São João Bosco: Francisco Oliveira Monteiro, Benedito João Granel, Oswaldo Cristofolletti, Pedro Biazon, José mais de Campos, e Moacir Marreto; da Conferência Senhor Bom Jesus: Virgílio Rodrigues Pereira, André Marcelino Baltieri, Pedro Balestero, José Granzio, Luiz Dagoberto de Souza Coelho, José Alves Pereira e José Vitorio Bazzanelli; da Conferência Sagrado Coração de Jesus: Manoel Vieira e Silva, que por motivo de trabalho à noite, não pode mais freqüentar aquela Conferência, e estando todos em pé foi pelo mesmo proclamada instalada a Conferência S. Francisco de Salles, ao mesmo tempo dando posse à sua diretoria que ficou assim constituída: Presidente: Virgílio Rodrigues Pereira; Vice-Presidente: Pedro Biazon; Secretário: Luiz Dagoberto de Souza Coelho e Tesoureiro: José Granzio.

A primeira família assistida pela Conferência São Francisco de Salles, foi a de Da. Maria Rosa da Silva, residente na Rua Bernardino de Campos, 1333."

"A Conferência Santo Thomaz de Aquino, devido ao grande número de confrades ativos, estava estudando a possibilidade do desdobramento, para a formação de mais uma Conferência na Cidade Alta. Foi marcado o dia 25 de setembro de 1965, para a fundação da nova Conferência São Camilo de Lellis, resultado do desmembramento da Conferência Santo Thomaz de Aquino."

### *Conferência São Camilo de Lellis – 26/09/1965*

"Aos vinte e seis dias do mês de setembro de mil novecentos e sessenta e cinco, logo depois da solenidade que culminou com a entrega pelo confrade Renato Françoso, Presidente da comissão de construção da Casa São Camilo de Lellis, ao exmo. Sr. Dr. José Theóphilo do Amaral Gurgel, Presidente do Conselho Central Diocesano nesta localidade, esta mesma autoridade deu por iniciada a sessão de instalação da Conferência São Camilo de Lellis, patrono que denomina esta sede das Conferências Vicentinas da Cidade Alta, em Piracicaba, convidando o Dr. Aristeu Mendes Peixoto, Vice Presidente do Conselho Central, para executar a leitura do Evangelho de 18 de junho, dedicando a São Camilo e Lellis. Após essa leitura, o Dr. Amaral Gurgel expôs, em breve síntese, a vida do Santo, esclarecendo ser o nome do fundador da Ordem das Camelianas, que dedicam seu apostolado na prática da caridade, cuidando dos doentes internados em hospitais. Em seqüência, o compadre Pedro Grossi, Presidente do Conselho Particular, esclareceu os esforços dos confrades da Conferência Santo Thomaz de Aquino, que possibilitaram, graças a um trabalho profícuo e extraordinário, esta realização, para gaudio de todos vicentinos em Piracicaba, anunciando construir-se nova Conferência, a vigésima segunda, da Noiva da Colina, expressando-se que certamente continuará a dedicar-se em benefício dos necessitados e na prática da caridade. Continuando, procedeu a chamada dos confrades que formarão a nova Conferência: Agenor Bottene, Antenor Coletti, Antonio Pauli, Geraldo de Almeida Sutto, Guerino Cavallieri, Mario Carraro Filho, Sidney Bottene e Sydney Luiz Brajão, dando por instalada a Conferência São Camilo de Lellis, da Sociedade São Vicente de Paulo de Piracicaba a qual tem por diretoria: Presidente: Agenor Bottene; Vice-Presidente: Sidney Bottene; Secretário: Sydney Luiz Brajão e Tesoureiro: Mario Carraro Filho.

"O confrade Haldumont Nobre Ferraz, apresentou a família de Moisés Cardoso, e para entrevistá-lo ficaram incumbidos os frades Sidney Bottene, Antenor Coletti e Geraldo de Almeida Sutto."



“Em 21 de julho de 1963, o Conselho Metropolitano de São Paulo, órgão ao qual estavam subordinadas as Conferências, resolveu dar um prazo para que as Conferências extinguissem as Vilas Vicentinas, pelos exemplos negativos que elas davam. Em 12 de abril de 1964, novas determinações do Conselho Superior do Rio de Janeiro, ordenavam que os abrigos para viúvas fossem eliminados, devido as constantes ordens disciplinares não serem de acordo com os bons costumes. Foi realizada, então, uma assembléia extraordinária para a eliminação do abrigo e transformação em Creche São Vicente de Paulo.”

### *Creche São Vicente de Paulo*

Funcionando provisoriamente onde existia a Vila Vicentina, na Rua Visconde do Rio Branco, a Creche São Vicente de Paulo foi fundada em 28 de dezembro de 1968 e instalada em 21 de janeiro de 1969, tendo a seguinte diretoria:

Presidente de Honra: D. Aniger Francisco Maria Melillo – Bispo Diocesano;

Presidente: Antonio Salum;

Vice-Presidente: Carlos Checulli;

1º Secretário: Carlos Marques Júnior;

2º Secretário: Aristeu Mendes Peixoto;

1º Tesoureiro: Elpidio Roberti;

2º Tesoureiro: Paschoal Miguel Gatti;

Diretor de Construção: Vicente Ângelo Consegliero;

Diretores: Frederico João Casarino, Abraão Maluf Sobrinho, José Laerti Furlani, Fuad Gazal e José Passeri;

Diretoria dos Assuntos Internos:

Diretora: Thereza Nilda Machado;

1ª Vice-Diretora: Iracema F. Sacconi Sayão;

2ª Vice-Diretora: Yolanda Rodrigues Caldari.

A pedra fundamental, do novo prédio da Creche São Vicente de Paulo, foi lançada oficialmente no dia 8 de outubro de 1971, com a presença do bispo D. Aniger Francisco Maria Melillo e autoridades da cidade.

### *Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba* *“Scientia Et Caritas”*

“No dia 25 de dezembro de 1854, na Igreja Matriz de Santo Antonio, reuniram-se os homens mais representativos de Piracicaba, na época Vila da Constituição, sob a presidência do vigário da Paróquia, o padre José Gomes da Silva, que, após explicar a finalidade daquela reunião, declarou instalada a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba.”

#### **“Ata de Instalação da Irmandade da Santa Casa de Piracicaba”**

“Aos vinte e cinco dias de mês de dezembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e cinquenta e quatro, nesta Vila da Constituição da província de São Paulo, reunidos no Consistório da Irmandade do Santíssimo Sacramento, os abaixo assignados, para effeito de instalarem uma Sociedade com a denominação de Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, o muito Reverendo Vigario e Sr. José Gomes Pereira da Silva, depois de breve porém brilhante discurso, em que expôs os fins da presente reunião, declarou instalada a referida Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, nomeado por aclamação e interinamente para presidente o Sr. José Pinto de Almeida, e para secretário Emydio Justino de Lara, os quaes sendo

convidados tomaram assento na Mesa, que assim ficou constituída, sendo igualmente nomeado por aclamação para vice-presidente o Sr. José Viegas Muniz. Em seguida o Sr. Presidente propôz a nomeação de uma comissão, que seria encarregada de formular o compromisso da Irmandade, e para este fim offereceria quatro exemplares de diversos compromissos para a mesma comissão, na confecção do seu trabalho, aproveitar delles o que julgasse conveniente; sendo aprovada esta proposta, resolveu-se que a comissão fosse de seis membros, e foram immediatamente nomeados os Srs. Presidente, vigário Dr. Vicente Ferreira da Silva Bueno, Dr. Felipe Xavier da Rocha, Tenente Coronel Francisco José da Conceição e Emydio Justino de Almeida Lara, a quem foram presentes os mencionados exemplares.

O mesmo Sr. Presidente apresentou uma subscrição, onde se viam as assignaturas e contribuições de oitenta e oito indivíduos, produzindo a quantia de doze contos e oitenta e dois mil réis, e um appontamento de oito pessoas que lhe tinham promettido de assignar na subscrição, dando um resultado de quatrocentos e doze mil réis, do que ficou-se interado.

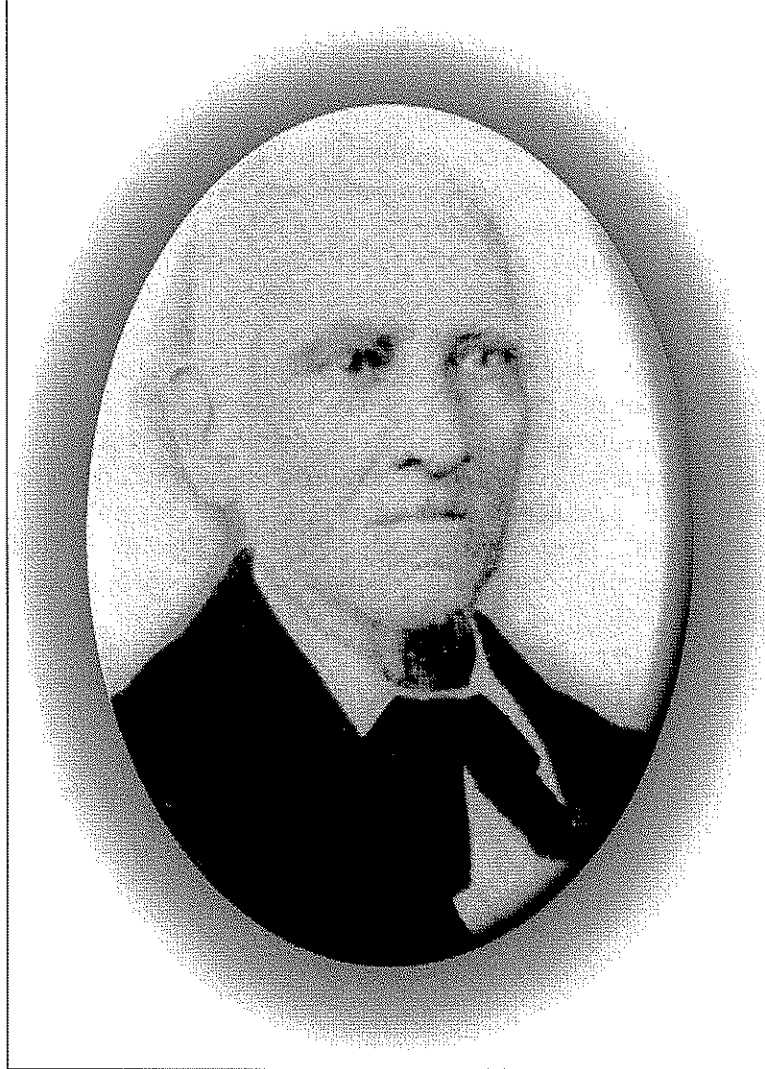
Por último designou-se a Dominga de Paschoa da Ressurreição do anno seguinte para a reunião da Irmandade, na qual a supra dicta comissão deverá apresentar o resultado do seu trabalho; de que para constar lavrei a presente acta, que vai assignada por todos os membros installadores, que estiveram presentes; eu Emydio Justino de Almeida Lara, secretário interino a escrivi.



*Santa Casa de Piracicaba*

*Rua José Pinto de Almeida (antiga Rua Misericórdia) esquina com a Rua Moraes Barros (antiga Rua Direita)*

José Pinto de Almeida, José Viegas Muniz, Francisco José da Conceição, Emydio Justino de Almeida Lara, José Gomes Pereira da Silva, Antonio Ferraz de Camargo, José Ferraz de Camargo, Manoel Toledo e Silva, Ignacio de Vasconcellos Cunha Caldeira, Manoel Ferraz de Arruda Campos, Francisco Leandro da Silva Fontoura, Dr. Vicente Ferreira da Silva Bueno, Domingos José da Silva Braga, José Gonçalves Bueno de Toledo, Manoel Francisco de Oliveira, Joaquim Anto-



*José Pinto de Almeida*

*Primeiro provedor da Santa Casa*

nio Fernandes, José da Costa e Silva, Joaquim Eugenio do Amaral, Manoel de Arruda Lima, Joaquim de Oliveira Cesar, Honorato Rodrigues de Barros, Antonio Franco de Arruda, Melchior de Mello Castanho, Antonio de Barros Ferraz, José Theodoro de Siqueira, João de Moraes Camargo, Manoel Rodrigues de Barros, Antonio de Moraes Navarro, Domingos José Lopes Rodrigues, Manoel Dias Ribeiro, Antonio da Costa Carvalho, José Caetano Rosa, Eríneo de Barros Ferraz, Joaquim Aranha de Camargo, Pedro Augusto da Silveira, Luiz Manoel Martins Guimarães, Candido de Campos Pacheco, Domingos José Cerqueira Pinto, João José da Conceição, Antonio da Costa Moreira, Francisco Manoel D'Oliveira, José Bento de Mattos, João Ferraz de Camargo, José Joaquim da Costa Fortunato, Joaquim de Siqueira Lima, José Corrêa do Amaral, Miguel Archanjo Benicio Dutra, Joaquim Luiz da Silva, João Francisco Leme, Alexandre Luiz de Almeida Barros, João de Arruda Leite, Bento Francisco de Mattos, José Beduino Lopes, Polycarpo Joaquim do Amaral, Antonio Alves de Castro, Joaquim Antonio de Arruda, João Morato de Carvalho, Joaquim José de Oliveira, Affonso Agostinho Gentil, Raphael da Silva Vieira, Dr. Felipe Xavier da Rocha e Pedro Liberato de Macedo.”

Daquela reunião, realizada há 154 anos, resultou a fundação da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, sendo seu primeiro presidente José Pinto de Almeida e secretário Emydio Justino de Almeida Lara.

Figura de destaque na história de Piracicaba, José Pinto de Almeida nasceu em Portugal, em 1811, e com 15 anos de idade veio para o Brasil. Destinou grandes somas de dinheiro para a Santa Casa e, em certa ocasião, acolheu doentes em sua própria casa.

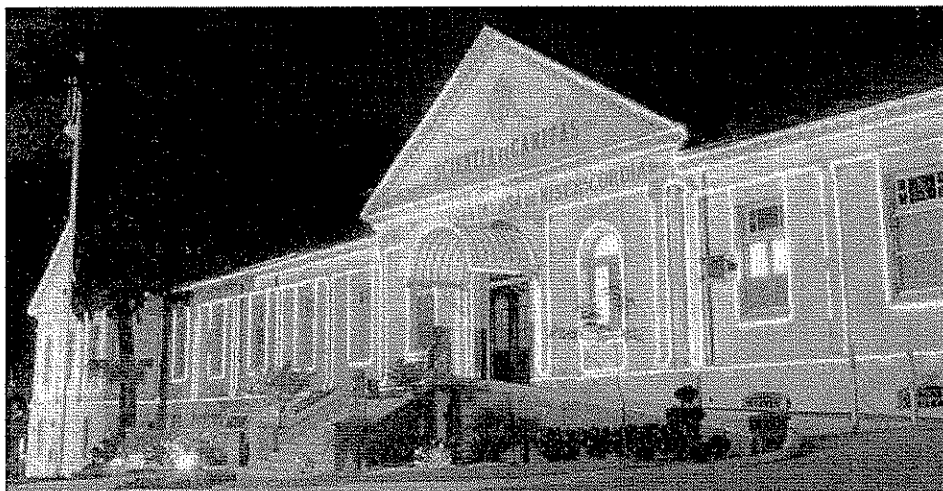
Para a construção da Santa Casa, foi comprado um terreno de um quarteirão quadrado na estrada que ia para o Monte Alegre, logo após o Itapeva. Nesse local, antiga Rua Misericórdia e hoje Rua José Pinto de Almeida, esquina com a Rua Direita e hoje Rua Moraes Barros, a Santa Casa foi inaugurada em 29 de julho de 1883, onde ficou por muitos anos.

Em 7 de setembro de 1922, foi lançada uma grande campanha para a construção de um novo hospital, que foi levantado apenas com a colaboração do povo piracicabano, sem qualquer ajuda governamental. O terreno, situado na Av. Independência, no Bairro Alto, foi uma doação do Cel. Leite, um dos beneméritos da Santa Casa.

Em 28 de agosto de 1935, a Santa Casa mudou-se para o novo prédio, maior e com melhores instalações. Foi grande o seu desenvolvimento não só pela instalação de novas clínicas, como pela construção de novos pavilhões, como a Maternidade “Amália Dedini” e o Pavilhão “Catarina Ometto”, doações de Mário Dedini e dos Irmãos Ometto. Pertence à Irmandade da Santa Casa, o Hospital Santa Isabel, anexo à Santa Casa, cuja construção começou no ano de 1973, mas começou a funcionar a partir de 1987, quando foram inaugurados os dois primeiros pavimentos.

A Santa Casa possui 341 leitos, são mais de 1900 interações mensais, 205 leitos destinados ao SUS (Sistema Único de Saúde); tem uma equipe de 1300 colaboradores e 350 médicos e atua em 38 especialidades. A Santa Casa consolidou-se como uma das mais atuantes e respeitadas no âmbito da saúde no Brasil.

Foram provedores: José Pinto de Almeida, Emydio Justino de Almeida Lara, Dr. Joaquim de Almeida Leite de Moraes, Dr. Estevão de Rezende, padre João José Lopes Rodrigues, Dr. João Conceição, Antonio Teixeira Mendes, Dr. Francisco Morato, Dr. Barros Penteadado, Dr. Oscarlino Dias, Dr. Coriolano Ferraz do Amaral, Dr. Nelson Meirelles, Waldomiro Perissinoto, Francisco Munhoz, Fleury Bottene, Antonio Romano, Ide Choary e Joaquim Mario Pires Ferreira. Atualmente é provedor o Dr. João Orlando Pavão.



*Fachada do atual prédio da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba – Av. Independência, 953 – Bairro Alto*

## *O Asilo de São Lázaro – O Leprosário de Maneco Ferraz*

Conforme diz o arquiteto Marcelo Cachioni – Arquitetura Eclética na Cidade de Piracicaba 2002, “foi em 1836 que a lepra (hanseníase) foi identificada na Vila Nova da Constituição”.

Entre as doenças que apareceram na Vila, como a malária, tifo e tuberculose, a lepra foi o maior problema, tanto de saúde como social.

Os leprosos, segregados por toda a comunidade, viviam perambulando e esmolando pelas ruas da cidade. Recusavam-se a receber cuidados médicos, dando preferência às benzedeiças e aos chamados curadores. Os escravos acometidos pela doença, alforriados e abandonados, embrenhavam-se nas matas e muitos morriam na extrema penúria.

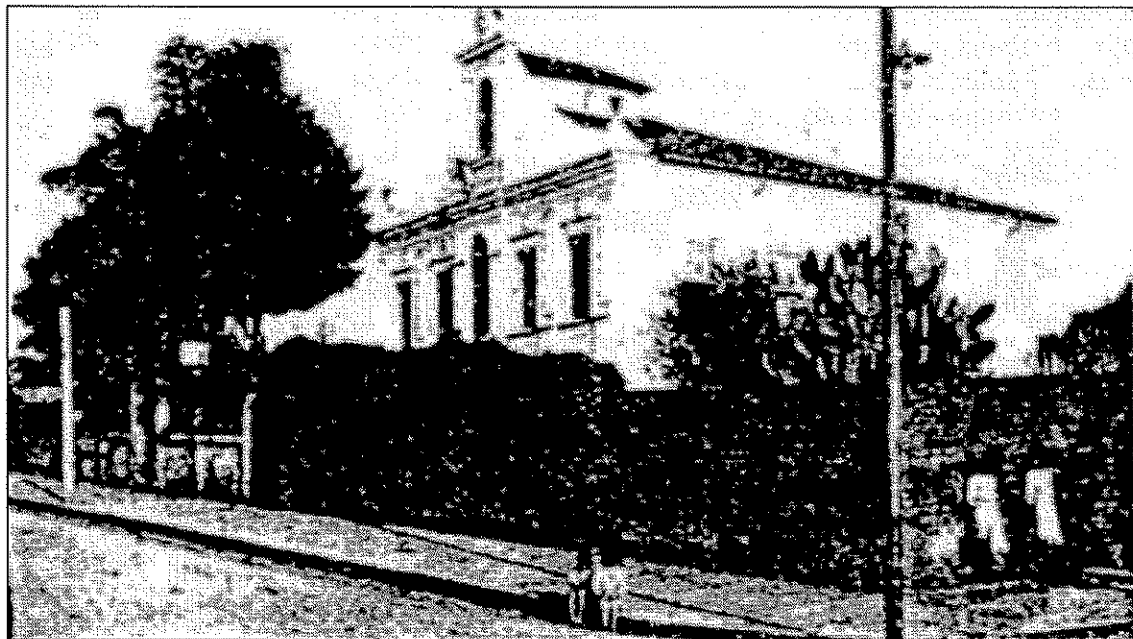
Manoel Ferraz de Arruda Campos – o Maneco Ferraz – um rico proprietário e também político sensibilizou-se com a terrível situação dos doentes atacados pela lepra. Em companhia do seu escravo Eliseu, que também era doente, buscava os hansenianos para cortar-lhes as unhas, cabelo, barba e dar-lhes alimentos.

Construiu um pequeno leprosário em sua chácara (Asilo de São Lázaro), inaugurado em 26 de março de 1877, situado na atual Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos, entre as ruas 13 de Maio e Voluntários de Piracicaba.

No dia 14 de junho de 1887, ao demolir o pequeno leprosário para construir outro maior e melhor, uma parede ruiu causando-lhe a morte.

Com a morte accidental de Manoel Ferraz de Arruda Campos, o Asilo de São Lázaro passou a ser administrado pela Santa Casa de Piracicaba a partir de 1899, tendo funcionado até 1932, quando os doentes foram transferidos para o Sanatório de Pirapitingui, na região de Sorocaba.

## *Sociedade Espanhola*



*Prédio da Sociedade Recreativa e Cultural Real Hispano-Brasileira*

A Sociedade Espanhola foi fundada no dia 26 de junho de 1898, com o nome de Sociedad Grêmio Español de Socorros Mútuos En Piracicaba.

Inicialmente, a sociedade funcionou na Rua Santo Antonio, ao lado do Teatro Santo Estevão, cujos primeiros diretores foram: Presidente: Rafael Lorenzo; Vice-Presidente: Manoel do Lago; Tesoureiro: Antonio Marins Maqueira e Secretário: João Medina Rueda.

Em 18 de abril de 1904, a Sociedade Espanhola adquiriu de Antonio Martins Maqueira e sua mulher Catarina Martins Maqueira, de Mathias Blumer e sua mulher Crecência Blumer e de Joaquim Rodrigues de Almeida e sua mulher Maria Rodrigues de Almeida, um terreno no Bairro Alto, formado pelas ruas Prudente de Moraes, São João, São José e Santa Cruz. O terreno foi comprado pelo valor de 600\$000 (seiscentos mil réis) e foram testemunhas Manoel do Lago, Francisco Morelli e Luiz Marcate.<sup>9</sup> A construção da nova sede da sociedade teve início no ano de 1905. Com o passar dos anos, a Sociedade Espanhola recebeu outros nomes como: Sociedade Beneficente Grêmio Espanhol de Piracicaba e Sociedade de Beneficência Espanhola. Durante a 2ª Guerra Mundial, quando foi proibido o uso de nomes estrangeiros, a Sociedade Espanhola passou a chamar-se Sociedade Beneficente Júlio Conceição, conforme assembléia realizada em 21 de fevereiro de 1943. Seu nome atual é Sociedade Recreativa e Cultural Real Hispano-Brasileira.

Em 10 de dezembro de 1899, foi eleita a nova diretoria, com novo estatuto: Presidente: Angel Carracedo; Vice-Presidente: Manoel do Lago; 1º Secretário: Juan Medina Rueda; 2º Secretário: José Maria Fernandez e Tesoureiro: Rafael Lorenzo.

Em 1912, os diretores eram os seguintes: Presidente: Mariano Pelegrino; Vice-Presidente: Francisco Raia; 1º Secretário: Antonio Romero Garcia; 2º Secretário: João Romero Garcia e Tesoureiro: Felipe Dias Rubia.

Em 1944, a sociedade suspendeu as atividades e, por alguns anos, o prédio foi ocupado pela Casa da Saúde Santo Antonio, sob a responsabilidade dos médicos Francisco Alvarez e Alcides Aldrovandi.

Extinta a Casa de Saúde Santo Antonio, o prédio da sociedade ficou em estado de abandono, bastante deteriorado pelo tempo. Em 2004, foi tombado como patrimônio histórico pelo CODEPAC (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba). Atualmente o prédio passa por uma grande reforma.

A diretoria atual da sociedade está assim constituída:

Presidente: Ivo Matiello;

Vice-Presidente: Juan A. M. Sebastianes;

1º Secretário: Nelson Martinez;

2º Secretário: Antonio Francisco Pino;

1º Tesoureiro: Orlando Soler;

2º Tesoureiro: Marcos Antonio Gomes.

A Sociedade Recreativa e Cultural Real Hispano-Brasileira foi fundada com a intenção de socorrer não só os imigrantes que chegavam ao Brasil para trabalhar na lavoura cafeeira, como também os refugiados da guerra civil espanhola. Prova disto é que a sociedade foi aos poucos se desfazendo do seu enorme terreno, restando hoje apenas a área onde está localizada a sede.

9. Escritura pública lavrada em 18 de abril de 1904 – Tabelião de Mattos Júnior – Lº 89 – Fls. 06 – 2º Tabelião de Notas, aos 18 de abril de 1904.

# Grande Máquina de Beneficiar Café, Arroz e Milho

FÁBRICA DE PÓ CALCAREO

Sacarias em geral ☆ Farelos ☆ Amendoim ☆ Adubos

**Elias Zaidan Maluf & Filhos**

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Rua D. Pedro I, 1380 — Fone, 259 — Caixa Postal, 49 — Piracicaba

*Comercial de Elias Zaidan Maluf & Filhos*

# Pinturaria Scudeller

PINTURAS A NITRO-CELULOSE (DUCO)

E ESMALTE SINTÉTICO PARA

AUTOMÓVEIS, ETC.

PREÇOS MÓDICOS

*Irmãos Scudeller Ltda.*

RUA DR. OTAVIO TEIXEIRA MENDES, 1.238  
Fone, 1591 — PIRACICABA — E. S. Paulo

*Comercial da Pinturaria Scudeller*

## *Clube 13 de Maio*

Fundado por um grupo de negros que intencionava comemorar o dia da libertação dos escravos, o Clube 13 de Maio surgiu como Sociedade Beneficente “Antonio Bento”<sup>10</sup>, no dia 19 de maio de 1901.

Em 1908, a Sociedade passou a chamar-se Sociedade Beneficente 13 de Maio, com o principal objetivo de assistir seus membros.

Sociedade Beneficente 13 de Maio foi considerada o terceiro clube negro do país, ficando atrás apenas do Clube 28 de Setembro da cidade de Jundiaí, São Paulo, e da Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora, da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Antes de possuir sede própria, a sociedade funcionou provisoriamente nas ruas do Rosário, Voluntários de Piracicaba e Benjamin Constant.<sup>11</sup>

Inicialmente, com o apoio financeiro do Prof. Silvio de Aguiar Souza, mais contribuições do Grande Oficial Mário Dedini, Lino Morganti, Pedro Ometto e outras verbas arrecadadas em campanhas, a sociedade pôde finalmente ter a sua sede própria, situada na Rua 13 de Maio, 1118, inaugurada em 1948.

Tendo por fim o resgate cultural, a sociedade conta com uma biblioteca, com cerca de 2000 exemplares, nas áreas de ciências aplicadas e sociais, filosofia, belas artes, religião, línguas e revistas.

Unindo o social e o cultural, a Sociedade Beneficente 13 de Maio sempre lutou pela igualdade dos direitos sociais, políticos, religiosos e culturais.

A Sociedade Beneficente 13 de Maio foi declarada de utilidade pública pela Prefeitura Municipal e, em 2003, foi reconhecida como patrimônio histórico pelo CODEPAC (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba).

## *O Piquete de Cavalaria*

Com um sargento, um cabo e 11 soldados, o piquete de cavalaria chegou, em Piracicaba, no dia 16 de março de 1950.

A Prefeitura preparou e cedeu as instalações para abrigar o piquete, no Bairro Alto, na Av. Independência, onde hoje está o Corpo de Bombeiros. A municipalidade também ficou responsável pela sua manutenção.

A cavalaria, sem dúvida, contribuiu para que a cidade tivesse mais segurança e, também, se fazia presente com muito garbo nos desfiles, nas festas cívicas e até nas da sociedade.

Ocorreu, no entanto, que alguns cavalarianos começaram a se exceder na aplicação da lei, cometendo atos de brutalidade, o que deu origem a muitas reclamações dos munícipes.

Diante disso, a prefeitura desobrigou-se da manutenção do piquete, conforme noticiou o Jornal de Piracicaba, em edição do dia 21 de novembro de 1950:

### **“DESOBRIGOU-SE A PREFEITURA DA MANUTENÇÃO DO PIQUETE DE CAVALARIA”**

“Se alguns serviços, sem dúvida valiosos, vinha prestando à cidade o piquete de cavalaria da Força Pública, aqui destacado, auxiliando na manutenção da ordem e prestando colaboração nas comemorações cívicas

10. Cachioni, Marcelo – Antonio Bento de Souza e Castro, foi um abolicionista.

11. Cachioni, Marcelo



cas e outras que aqui se realizaram, por outro lado deram, ultimamente, os componentes desse piquete, de praticar violências desnecessárias, quando eram chamados a agir, ou apenas deviam fazer simples prisões, embora os presos fossem indivíduos que nem sempre se recomendavam e com contas ajustadas ou por ajustar com a justiça.”

“Assim é que há poucos dias, em pleno centro da cidade, na Praça Catedral, um grupo de cavalarianos ao efetuar uma prisão aplicou violenta surra ao preso, exagerando na sua vontade de bater num homem que, diante da desvantagem numérica, não podia reagir. Ante-ontem esse fato repetiu-se agora com um conhecido futebolista... As razões da prisão talvez favoreçam os policiais, mas a forma por que entre os que dela tiveram conhecimento, pois um grupo de soldados daquele piquete, como o outro caso acima, surrou valentemente o rapaz, deixando-o em estado lastimável.”

“Tais fatos talvez tenham dado motivo ao seguinte telegrama que ontem foi endereçado pelo Sr. Luiz Dias Gonzaga, prefeito municipal, ao Sr. Comandante Geral da Força Pública do Estado:

“Exmo. Sr. Coronel Odilon Aquino de Oliveira D. D. Chefe do E>M> da Força Pública S. Paulo.”

“Comunicamos a V. Excia. que a partir desta data, consideramo-nos desobrigados da manutenção da cavalaria do piquete de cavalaria destacado para servir junto à Regional de Polícia, nos termos do acordo existentes entre esta Prefeitura e esse Comando Geral. Solicitamos-lhes, por conseguinte, as providências exigidas para a passagem desse encargo a esses Comando pt Atenciosas saudações pt Luiz Dias Gonzaga Prefeito Municipal pt.”

O destacamento de cavalaria ainda ficou em Piracicaba até 1980, quando foi recolhido. Os cavalarianos, que tinham constituído família ou simplesmente não quiseram voltar para São Paulo, pediram transferência para a Infantaria da Polícia Militar e continuaram em Piracicaba.

### *Benzedeiros, Farmacêuticos, Veterinários & Parteiras*

Nos séculos passados, e até no atual, o povo sempre buscou a ajuda dos benzedeiros, curandeiros ou bruxos, para resolver problemas físicos, mentais e até amorosos.

Alguns benzedeiros eram respeitados e muito procurados, até por moradores de outras cidades. Outros já não tinham tanta fama e eram considerados charlatões, exploradores da boa fé. Havia, também, os que faziam “trabalhos” de macumba ou feitiçaria.

“Zipela e tirícia só se cura com benzimentos”. Dizia o povo.

A verdade é que muitas pessoas, dignas de crédito, afirmaram ter se curado com benzimentos.

O Bairro Alto também teve seus benzedeiros: Da. Maria Côco benzia quebranto e lombriga; Floriano Carraro benzia lombriga; Da. Jamile A. Salum benzia quebranto; Pedro Chiaranda benzia icterícia e tireóide; Santo Sacchi (Santin Padeiro) benzia verminose e bicheira; José Barbosa (Zé Carona) benzia nervoso, lombriga, erisipela e mau jeito; Honório Rissi benzia íngua, caxumba e quebranto; Virginia Mason Rissi benzia lombriga, cobreiro e quebranto; Natalina de Almeida benzia quebranto; Luiza Barrichello benzia torcicolo e torceduras; Laurentino Alves de Oliveira benzia dor de dentes e roupas que as mulheres levavam dos maridos e parentes nervosos e agressivos e quebranto e José Ignácio da Silva, benzia hérnia.

Antonio Benedito Lázaro, o famoso Lazinho Tabaré, morava no Bairro Vila Independência, mas era muito conhecido no Bairro Alto, onde marcava presença. Além dos diversos benzimentos que fazia, era muito procurado para fazer “trabalhos” espirituais. Era tão famoso e respeitado, que até hoje, passados mais de 40 anos de sua morte, muitas pessoas visitam seu túmulo, levando velas e bebidas, na esperança de ter algum pedido atendido.

Existiam, ainda, as chamadas “simpatias”, que eram feitas pelas mães ou pelas avós. Para evitar tosse comprida e tuberculose, usava-se um saquinho feito de pano com uma pedra de cânfora, pendurado no pescoço por um barbante. Para íngua na virilha, costurava-se, também, um saquinho de pano cheio de sal de cozinha, que era colocado no bolso das calças, do lado contrário ao da íngua.

Quando o benzimento ou a simpatia não surtiam efeito, a procura era pelas farmácias. No Bairro Alto, existiam apenas duas farmácias: a “Santa Cruz”, do farmacêutico Sebastião Pires de Moraes, na esquina da Rua Moraes Barros com a Rua São João, e a “Bom Jesus”, do farmacêutico e veterinário João de Deus Pitta, também localizada na Rua Moraes Barros, esquina da Rua Bom Jesus.

O último recurso era apelar para o médico, que, na maioria das vezes, fazia visita domiciliar.

Os remédios mais famosos e procurados nas farmácias eram: Pomada Minâncora (para ferimentos), Elixir 914 (anti-sililítico), Biotônico Fontoura (fortificante), Elixir Doria (digestivo), Magnésia de São Pelegrino (digestivo), Óleo de Rícino (laxante), Limonada Purgativa (laxante), Emulsão de Scott ou Óleo de Fígado de Bacalhau (fortificante), Eparema (para o fígado), Urodonal (para os rins), Elixir de Nogueira (fortificante), Rhum Creosotado Silva Araujo (fortificante), Sulfa ou “pó pa tapa taio” (contra infecção ou para ferimentos) e outros tantos.

Fazia-se uso do crister, ou cristel ou chá de bico ou lavagem. “Criança comeu muita porcaria (guloseimas), ta com febre? Faça uma lavagem nela que daqui a 10 minutos ela ta boa”, diziam as avós e as mães ditas mais experientes.

O pó-de-arroz Lay e o creme Rugol eram os produtos de beleza mais usados pelas mulheres, além, é claro, do baton, do ruge e da permanente que era feita com o uso da eletricidade. Para os cabelos, os homens faziam uso da brilhantina, do óleo Dirce ou da Glostora.

Quando se tratava de doença ou castrações de animais, os que faziam as vezes de veterinário eram: Antonio Furlan, Armando Adonisede Frasson (Zico Frasson), Mario Thomaziello, que também trabalhava no Centro de Saúde e João de Deus Pitta, o único formado em veterinária e farmácia.

A maioria dos partos eram feitos por parteiras, que atendiam nas próprias casas das parturientes. Uma das mais conhecidas foi Da. Mariquinha Volpato, moradora do Bairro Alto. Havia, ainda, outras parteiras, como Da. Rosalina Guizle Fioravante (Da. Nina), Da. Palmira Salatti Martins, Da. Elza Normanha, Da. Mariquinha Testa e Da. Josephina Casini Kosakiezvu (Da. Pina).



Comercial: Pomada Minâncora



Comercial Vinho Creosotado



Comercial Emulsão de Scott



Comercial FLIT

### *No Tempo de Dante*

Era assim que o povo falava quando se referia a alguma coisa do passado. Quando menino, ouvia, muitas vezes, as pessoas idosas, ao contar algo de um passado distante, começaram a narração dizendo: "No tempo de Dante...". Eu, na minha inocência de menino, ficava pensando: quem teria sido esse tal de Dante? No meu entendimento infantil, parecia-me que ele esteve presente ou teria participado de tudo o que aconteceu no passado das pessoas, esse homem era mesmo misterioso. Gostaria de tê-lo conhecido, pensava eu.

Somente na minha adolescência, e um pouco decepcionado, pois já nutria alguma simpatia por ele, é que desvendei o mistério e fiquei sabendo quem tinha sido o tão falado Dante. Não se tratava de pessoa alguma, mas sim de uma simples expressão popular que, em vez de "dantes", que significava outrora ou antigamente, as pessoas diziam "dante".

Interessante era o modo de falar antigamente. Nas frases, suprimiam letras e trocavam nomes das coisas, mas se entendiam muito bem. Para diarreia, diziam destempêro; quando as crianças queriam vomitar diziam: "Mãe, tô com ânsia de lança". Para erisipela, diziam zipela; paralisia facial era estupor ou ramo de ar; apendicite era nó nas tripas. "Fulano queima campo", queria dizer que se tratava de um grande mentiroso.

# *A Música no Bairro Alto*

O Bairro Alto foi e ainda é um reduto de músicos. Não poderia deixar de citar alguns talentos musicais, mesmo aqueles que, por vontade própria ou por falta de oportunidades, nunca de apresentaram publicamente: Vitório Ângelo Cobra (cavaquinho, violão e voz), Pedro Cobra (violão, clarinete e saxofone), Antonio Cobra Filho (bandolim), João Cobra (violão), Salvador Cobra (chocalho), Leandro Guerrini (flauta); Jaçanã Altair Pereira Guerrini (piano, violão, violino e bandolim), Guerino Françaço (violino), Laerte Tramacoldi (saxofone), Silvio Bertolotti (percussão), Antonio Bertolotti (banjo), Toninho Pirumbá (clarinete), Pedro Alexandrino (violão e voz), Lucilla Nascimento (violino e bandolim), Lygia Nascimento (piano), Augusto Braga (bombardino e trombone), Carmem Palma (piano), Giocondo Tosato (acordeom, clarinete e ocarina), Benedito Sansão (acordeom), Perin Sansão (acordeom), Antenor Sansão (acordeom), Antoninha Sansão (acordeom), Hugo Sérgio Pitri (cavaquinho), Astor Clemente (banjo), Sérgio Belluco (violão), Jairo Ararituaba (violão, cavaquinho e bandolim), Waldir Belluco (violão), Oscar Negretti (violão), Antonio Ortigoza (bandolim), Anuar Kraide (compositor), Helio A. Monfrinato (violino, viola e regência) e muitos, muitos outros músicos.



*Choro Cobra – 1923*

*Em pé: Manoel Azevedo Júnior, Vitório Angelo Cobra, Salvador Cobra Filho.*

*Sentados: João Cobra, Alfredo do Senna e Pedro Cobra.*

## *O Choro Cobra*

Antes do Choro Cobra, que era formado por cinco irmãos, Pedro (saxofone), Antonio (bandolim), João (violão), Vitorio (cavaquinho), Salvador (chocalho) e outros músicos, é preciso falar alguma coisa do “Choro Guaianezes” e “Turunas Piracicabanos”, pois alguns membros da família Cobra já integravam aqueles conjuntos, nos anos de 1921 e 1922.

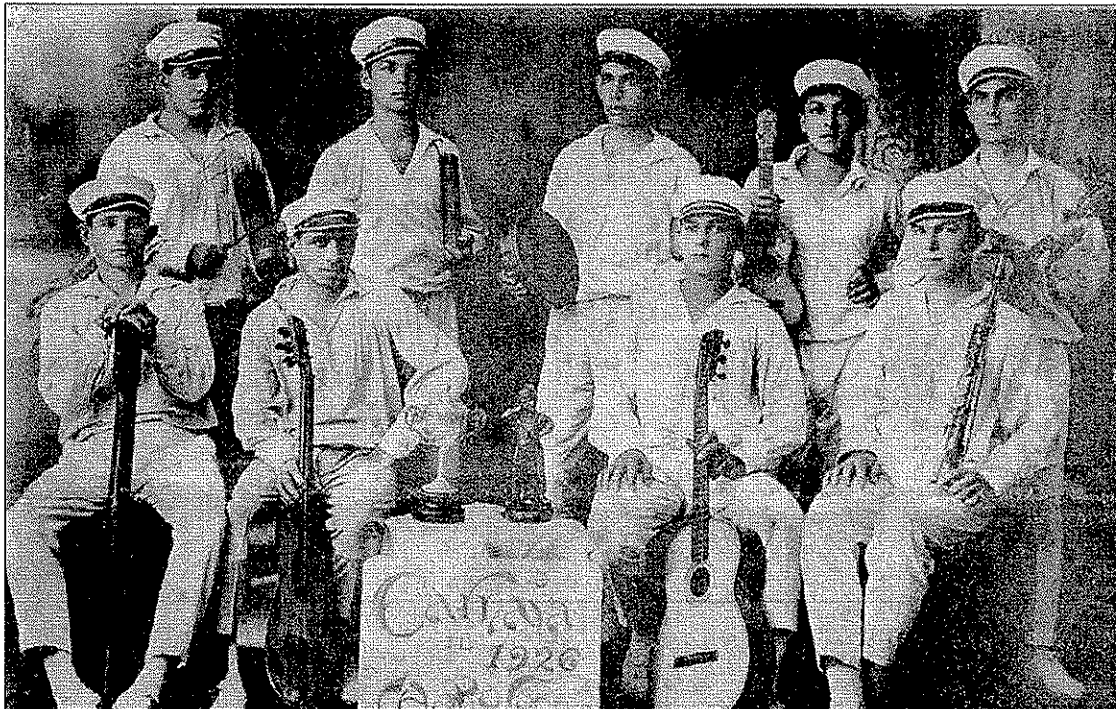
Idealizado por João Braga e Euclides Fraklin Cesar, o Choro Guaianezes surgiu em 1921, e tocava no Teatro São Estevão. Pedro Cobra e Antonio Cobra Filho já faziam parte do grupo.

Em 1922, o Choro Guaianezes foi sucedido pelos Turunas Piracicabanos, chefiados por Antonio Cobra (pai). Também faziam parte os irmãos Antonio e Pedro Cobra, Antonio Mattos Brasil (pandeiro), Crescentino Dela Modesta (reco-reco), Pedro Greppe (chocalho), Alfredo Galvão (chocalho), Salvador Zito (violão) e Máximo Bernardi (violão e voz).

Em 1923, o grupo Turunas Piracicabanos passou a chamar-se Choro Cobra. Além dos irmãos Cobra, passaram pelo conjunto os músicos Totó Carmelo, Belmiro da Silva, Mário Pardini, Alfredo Do Senna e Manoel Azevedo Júnior. Com o passar do tempo, outros músicos fizeram parte do Choro Cobra, como Vergílio Serrano, Afonso Dutra e Mariano da Silva. O Choro Cobra se apresentava na sala de espera do Cinema Polytheama, cujo proprietário, Antonio Campos, exigia que os músicos se apresentassem elegantemente trajados.

O último carnaval, em que o Choro Cobra participou, foi no ano de 1926.

Os membros da tradicional família Cobra, além da musica, também atuaram no comércio, na indústria e no esporte.



*Choro Cobra no carnaval de 1926*

*Em pé: Vergílio Serrano, Salvador Cobra, Afonso Dutra, Vitorio Angelo Cobra e Antonio Cobra Filho.*

*Sentados: Mariano da Silva, Alfredo do Senna, João Cobra e Pedro Cobra.*

## *Cobrinha – O Seresteiro*

Victorio Angelo Cobra – Cobrinha – filho de Antonio Cobra e Anna Tadiotto, nasceu em Piracicaba, no dia 25 de agosto de 1908.

Pertencendo a uma família de músicos, desde criança Cobrinha já mostrava predileção pela arte musical. Com 15 anos de idade já cantava e dedilhava o cavaquinho.

Em 1923, fazia parte do conjunto musical “Choro Cobra”, que tocava na sala de espera do Cine Polytheama. Tempos depois, conforme entrevista do irmão Oswaldo Cobra ao repórter Rodrigo Alves (JP de 17/08/2008), “Cobrinha passou a dedicar-se ao violão, e seu primeiro professor foi Miguel Biúlo, vizinho e amigo da família. Entusiasmado com o violão, Cobrinha começou a fazer algumas serenatas.”

Segundo Oswaldo, “ao fazer as serenatas, Cobrinha sempre avisava as famílias com antecedência, pois achava que serenata era uma coisa que tanto podia agradar quanto podia desagradar. Mas chegou certo ponto que não precisou avisar mais, pois sua presença era muito reivindicada.”

Aos 20 anos, Cobrinha mudou-se para São Paulo para trabalhar como marceneiro. Na Capital, teve a oportunidade de tocar e cantar nas rádios Educadora Paulista e Tupí. No Rio de Janeiro, apresentou-se na Rádio Nacional. Retornando a Piracicaba, foi funcionário público estadual (ESALQ) por 26 anos.

Em 1939, em dupla com Mariano da Silva, gravou seu primeiro disco, com as músicas “Piracicaba”, de Newton de Mello e “Eu e você”, de sua autoria e de Mariano.

Em 1942, juntamente com José Toledo (Capitão), gravou mais dois discos pela Colúmbia: “Caboclo Velho” e “Saudades de Botucatu”, de Angelino de Oliveira; “Nostalgia” de Erothides de Campos e “Adeus Piracicaba”, de Benigno Lagreca.



*Victório Angelo Cobra – Cobrinha – Eterno Seresteiro*

De 1948 a 1950, acompanhado de Mariano, gravou mais três discos. Em 1963, lançou a música “Seresteiro da Saudade”, pela gravadora Premier. Nomes importantes da música, como Carlos Galhardo, Angela Maria, Francisco Petrônio e Orlando Silva, quando se apresentaram em Piracicaba, tiveram o acompanhamento de Cobrinha. Na Rádio Difusora de Piracicaba – PRD-6, Cobrinha fazia um programa ao vivo, aos domingos, das 11 às 12 hs.

De voz suave e grande sensibilidade, Cobrinha sempre foi muito elogiado e admirado por críticos e músicos. Só ele sabia cantar o “Hino de Piracicaba” com tanta emoção. A idade não impedia que continuasse a participar de serestas, sempre em companhia de outros seresteiros.

Por Lei Municipal<sup>12</sup>, foi homenageado em vida com a “Semana Victório Angelo Cobra”, comemorada no mês de agosto, do dia 25 ao 31.

A morte calou a voz do cantor no dia 3 de novembro de 1995, na Santa Casa de Misericórdia, onde estava internado com problemas de coração.

Cobrinha foi casado com Rosalina Fischer Cobra, com quem teve os filhos Rosalvito e Rovil Sebastião Cobra.

Na praça em frente ao Cemitério da Saudade, encontra-se o busto do eterno seresteiro, homenagem da cidade de Piracicaba em 25 de agosto de 1999.

### *Violeiros & Cantadores*

Mariano da Silva e o irmão Aparecido José da Silva formavam a dupla Mariano e Caçula, uma das primeiras duplas de música caipira.<sup>13</sup>

Graças ao anedotista e folclorista tietense Cornélio Pires, Mariano e Caçula foi a primeira dupla a gravar moda-de-viola. A gravação foi feita pela Colúmbia, em São Paulo, em outubro de 1929, e a música foi Jorginho do Sertão, de autoria do próprio Cornélio Pires.

Cornélio Pires bancou do próprio bolso as gravações, pois a Colúmbia não acreditava no gênero caipira. Para surpresa da gravadora, a venda dos discos foi um sucesso.

Em Piracicaba, Cornélio Pires formou a Turma Caipira Cornélio Pires, da qual faziam parte Mandi (Manoel Rodrigues Lourenço) e Sorocabinha (Olegário José de Godoy), Mariano e Caçula, Zico Dias (Lázaro Dias da Costa) e Ferrinho (Antonio da Silva) e Arlindo Santana e Sebastiãozinho (Sebastião Ortiz de Camargo).

Segundo Walter de Sousa, jornalista e pesquisador da ECA/USP, Mandi, da dupla Mandi e Sorocabinha, que fazia parte da Turma Caipira Cornélio Pires, talvez descontente com Cornélio, escreveu para a gravadora Victor, do Rio de Janeiro. Esta, ao saber do sucesso das gravações feitas pela Columbia, sua concorrente, decidiu também montar a sua Turma Caipira Victor de Piracicaba, mas logo após cinco gravações parou com os trabalhos. Mandi e Sorocabinha voltaram a se entender com Cornélio Pires, que os convidou a retornarem à sua turma de caipira, em 1934.

12. Lei Municipal nº 3616, assinada em 2 de julho de 1993 pelo prefeito Antonio Carlos de Mendes Thame. A indicação foi do vereador Nelson Corder em atenção aos companheiros de serestas Geraldo Nunes, Fábio Cardoso Monteiro e outros seresteiros.

13. A primeira dupla conhecida de música caipira foi Mandi e Sorocabinha. A primeira dupla a gravar foi Mariano e Caçula; Zico Dias, Ferrinho e Sebastiãozinho, eram moradores do Bairro Alto.

## *O Comerciante & Músico*



*Giocondo Tosado e seu clarinete*

Giocondo Tosaco tinha um “armazém de secos e molhados” na esquina da Rua XV de Novembro com a Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos.

Era de origem italiana e casou-se com Maria Meneghetti, com quem teve as filhas Thereza, Yolanda e Júlia. Depois de um período de viuvez, casou-se pela segunda vez com Rosa Frasson, que também era viúva e tinha uma filha de nome Joana. Desse segundo casamento o casal não teve filhos.

Seu Giocondo residiu, por muitos anos, numa casa junto ao armazém ao lado da Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos, onde também possuía um enorme terreno plantado com mangueiras.

Nos últimos anos de vida, mudou-se para outra casa, também de sua propriedade, localizada na Rua XV de Novembro, um pouco acima da esquina onde estava o armazém.

Giocondo Tosato era músico e tocava vários instrumentos, como harmônica de boa, ocarina, acordeom e clarinete. Por muitos anos foi músico integrante da Banda União Operária de Piracicaba.

Quase todos os domingos, à tarde, ele descia a Rua XV de Novembro em direção à sede da Banda, todo fardado, de quepe e com o seu inseparável clarinete.

## *O Comendador do Bairro Alto*

“José Francisco Coimbra Filho, o conhecido Zico Coimbra, proprietário da Fábrica de Artefatos de Cimento “Coimbra”, nasceu em Piracicaba no dia 23 de novembro de 1923.”

“Seus pais, José Francisco Coimbra e Julia Correa Coimbra, moravam na zona rural, onde possuíam uma gleba de oito alqueires. Na década de 1920, com o aparecimento da gripe espanhola, da febre amarela e da maleita, época em que até os animais domésticos começaram a morrer, os pais de Zico foram aconselhados por um vizinho a mudar para a cidade. Seu José colocou tudo o que possuía em uma carroça, mais os filhos e o cachorro Tônico, e mudou-se para uma casa que era de Victório Bedushi.”

“Em 1938, com a venda de legumes e verduras que a família plantava num terreno ao lado da casa onde moravam, conseguiram comprar, com muito sacrifício, uma casa na Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos, 1227. Nessa época, a mãe de Zico – Da. Julia – começou a vender



verduras em um boxe no Mercado Municipal, permanecendo nesse tipo de comércio por 35 anos.”

“Certo dia, Zico Coimbra andava pelo centro da cidade, quando sentiu um forte cheiro de maçã vindo de uma lata de lixo, em frente a um certo restaurante.

Ele pegou a maçã e começou a comer a parte que estava boa.”

“Tendo presenciado a cena, a dona do restaurante o chamou e passou a conversar com ele. Zico contou que estava à procura de trabalho, pois tinha muitos irmãos e seu pai estava com dificuldades para sustentar a todos. A senhora, comovida com a situação dele, convidou-o para trabalhar no restaurante. No início, Zico começou a trabalhar como ajudante de cozinha, praticamente a troco de comida, que também levava para os irmãos mais novos. Com o passar do tempo, passou a exercer a função de garçom. O restaurante em questão era a “Brasserie” e a senhora que o acolheu foi a bondosa Élide Giannetti.”

“A família de Zico Coimbra passou por muitas dificuldades, mas tanto ele como os irmãos foram criados dentro dos princípios da dignidade e da honestidade.”

“Em 1947, casou-se com Rosa Urbano, com quem teve os filhos Maria Julia, José Francisco, Gilberto, Sandra e Samira.”

“Em janeiro de 1948, deu início à fabricação de artefatos de cimento nos fundos de sua casa. Começou a fabricar pias, tanques, ladrilhos, vasos e os famosos anões com a Branca de Neve, que serviam para ornamentar jardins. Essa indústria – Fábrica de Artefatos de Cimento Coimbra – localizada na Rua Silva Jardim, 1212, no Bairro Alto, ainda está em pleno funcionamento, agora sob a administração do filho Gilberto.”

“José Francisco Coimbra Filho foi sócio fundador do Albergue Noturno de Piracicaba, sócio fundador do Centro Espírita “Manoel Augusto Girão”, sócio fundador do Centro Social Cáritas, pertenceu ao Rotary Clube “Cidade Alta”, onde foi homenageado diversas vezes. Recebeu, em São Paulo, a comenda Rosa Cruz do centenário de Zumbi dos Palmares.”

“É um autodidata, um homem que sempre gostou de ler e aprender, tendo absorvido e tirado proveito de todas as lições que a vida lhe deu. É um exemplo de amor ao próximo e de caridade, transmitindo amor a todas as pessoas que dele se aproximam.”

“São de sua autoria as frases: “Se vens a minha casa com Deus no coração, senta-te à minha mesa e come do meu pão.”

“Procurei Cristo, Ele se escondeu

Procurei Jesus, não o encontrei

Mas abracei o próximo e encontrei os três”<sup>14</sup>

### *Francisco de Castro Lagreca*

Filho de Pedro Lagreca e de Maria Leopoldina de Castro Lagreca, nasceu em Piracicaba no dia 11 de março de 1883.

Foi jornalista, escritor, orador, poeta e advogado formado em 1906, pela Faculdade de São Paulo, hoje USP.

Foi fundador e redator do jornal “Diário da Manhã”, de São Paulo. Escreveu para vários jornais de São Paulo e do interior.

Poeta antes de tudo, aos 13 anos de idade já tinha composto o soneto “O Salto”, homenageando o salto do rio Piracicaba.

Já foi dito em que, certa ocasião, o poeta Olavo Bilac, ouvindo-o, o chamou de “Tempestade Vermelha”, pelo seu ardor e voz tonitroante.

14. Texto de Maria Julia Coimbra Vendemiatti

Cheguei a conhecê-lo. Via-o quase diariamente ao passar em frente a sua casa, situada na esquina da Rua Bom Jesus com a Rua XV de Novembro. Subindo a XV de Novembro, após sair da Escola Normal, onde cursava o primário, eu o via sentado em sua varanda. Homem forte, de cabelos ruivos, tinha sempre um gato lhe fazendo companhia. Ao lado de sua casa, mais aos fundos, havia um pombal, sinal evidente de que além de gatos, gostava também, de criar pombos.

Foi casado com Luisa Lagreca e faleceu no dia 22 de agosto de 1944.

### *Piracicaba*

Francisco Lagreca

*Oh, cidade ideal!  
 No mundo não tem igual  
 Terra de sonho, das roseiras e, flor!  
 Piracicaba é uma visão de primavera,  
 Onde a alegria impera  
 E onde a saudade canta uma canção de amor.  
 Desde a Vila Rezende até a Paulista,  
 Tudo demonstra a inspiração divina  
 Que a criou, com o seu gênio radiante,  
 Para o culto da minha infinita ternura  
 E para a ventura  
 Dos meus supremos sentidos  
 De artista...  
 Vejo as torres além: S Benedito,  
 Boa Morte, Bom Jesus, a da Matriz,  
 Onde tantas vezes, de joelhos, contrito,  
 Pedi a Deus que me fizesse bem feliz.  
 Lá ao longe as montanhas azuladas,  
 Monte Branco, Serrote, Fortaleza,  
 E doirando as campinhas perfumadas  
 O sol, tonto de luz, beijando a natureza...  
 Terra ideal!  
 Do amor! Do sonho!  
 Do azul límpido, risonho,  
 Da beleza original.  
 Quando eu for para o mundo desconhecido,  
 Para esse mundo que o mistério encerra,  
 Desejo daqui repousar,  
 E, então, minh'alma há de rever ainda  
 Estes lindos lugares,  
 Oh, meu país, minha saudosa terra!*

### *Leandro Guerrini*

O professor Leandro Guerrini nasceu em Piracicaba em 1896 e faleceu em 1990.

Morador do Bairro Alto, na Rua Bom Jesus, entre as ruas XV de Novembro e Dr. Octávio Teixeira Mendes, foi professor, escritor, jornalista, historiador, cronista, dramaturgo e músico.

Foi, também, membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, revisor e redator-chefe do Jornal de Piracicaba, fundador da Academia Piracicabana de Letras e primeiro diretor da Biblioteca Pública Municipal de Piracicaba.

Foi casado com a professora, escritora e poetisa Jaçanã Altair Pereira Guerrini, com quem teve os filhos Lília e Délio.

### *Jaçanã Altair Pereira Guerrini*

Nasceu em 1904, em São João da Boa Vista, e faleceu em 1969, em Piracicaba.

Foi professora primária, escritora, poetisa, contista e oradora. Apaixonada pela música, tocava piano, violão, violino e bandolím.

Escreveu livros infanto-juvenis e peças teatrais infantis. Foi colaboradora do Jornal de Piracicaba e de jornais infantis educativos. O teatrinho de bonecos surgiu em Piracicaba, graças ao pioneirismo de Da. Jaçanã.

Foi casada com o professor Leandro Guerrini, a quem ela carinhosamente chamava Neno, nascendo dessa união os filhos Lília e Délio.

Como seu ex-aluno, visitei-a algumas vezes na casa onde morava, na Rua Bom Jesus, entre as ruas XV de Novembro e Dr. Octávio Teixeira Mendes. Ainda guardo com muito carinho o livro de sua autoria chamado "João Negrinho e Outras Histórias".

### *Branca Motta de Toledo Sachs*

Professora e poetisa, nasceu em Lorena, Estado de São Paulo, no dia 2 de agosto de 1906 e faleceu em Piracicaba, no dia 29 de outubro de 1995.

Residiu por muitos anos no Bairro Alto, na Rua Bom Jesus, esquina da Rua XV de Novembro.

Foi casada com o professor Alberto Volet Sachs e teve os filhos Alberto Volet Sachs Filho e Carlos Salvador Volet Sachs.

Pela sua dedicação e serviços prestados, a ilustre senhora foi homenageada pelo Bairro Alto, que deu o seu nome à Escola de Mães Profa. Branca Motta de Toledo Sachs.

### *Dr. Osório Dias de Aguiar e Souza*

Nasceu em Capivari, em 16 de maio de 1869, e faleceu em Piracicaba, em 13 de julho de 1937.

Foi jornalista, músico, poeta e advogado formado pela Faculdade de Direito, hoje Universidade de São Paulo.

Diplomado, abriu escritório de advocacia em Capivari, transferindo-se depois para Piracicaba. Dominava vários idiomas e pertenceu às orquestras desta cidade.

Foi abolicionista e juiz em disponibilidade. Como advogado, não chegou a se enriquecer, pois sempre atendia e respeitava as pessoas mais humildes.

Residiu na Rua XV de Novembro, entre as ruas Visconde do Rio Branco e Bernardino de Campos.

# Tipos Populares

## *João Purgueiro*

João Purgueiro, como era conhecido, morava no cortiço que existia na Rua Silva Jardim, entre as ruas Moraes Barros e XV de Novembro.

Sofria de terrível bronquite asmática, o que fazia com que ele, muitas vezes, saísse a andar pelas ruas em plena madrugada, como se buscasse o ar que lhe faltava. Testemunhei isso várias vezes.

O pouco dinheiro que ganhava, era pelas quinquilharias que vendia, tais como “língua-de-sogra”, apitos, bolinhas de papel colorido que eram cheias de serragem e presas a um elástico e outros brinquedos baratos.

João Purgueiro usava uma bengala, que, às vezes, servia para bater na canela dos que o aborreciam.

## *Nha Lola – A Rainha do Cortiço*

No mesmo cortiço onde morava João Purgueiro, morava também outra figura popular, conhecida por Nha Lola.

Magra, alta, já idosa, era extremamente vaidosa e exagerava na maquiagem, principalmente no batom e no ruge. Por isso, ficou apelidada de “Nha Lola – a rainha do cortiço”.

## *Genaro Fogueteiro*

Genaro morava na Rua Silva Jardim, próximo da Rua Regente Feijó, local onde muitos anos mais tarde instalou-se a zona do meretrício (Cano Frio).

Habitava uma casinha modesta, recuada do alinhamento da rua, com uma cerca baixa em frente. Fabricava fogos de artifício artesanalmente, em sua própria casa.

Gostava de beber e, quando estava alcoolizado, costumava fazer estrepolias pelas ruas do Bairro Alto, mas sem agredir ninguém.

Certa ocasião, sem se importar com a chuva forte, saiu às ruas fantasiado de índio. Com um enorme cocar, penas pelo corpo todo, arco e flexa, deitava na enxurrada, pulava e gritava, exibindo-se para as pessoas que o observavam das janelas.

## *Chinchirubim*

João Morato, apelidado de Chinchirubim, percorria as ruas do Bairro Alto com uma cesta em cada mão, vendendo sardinhas. Para chamar atenção dos possíveis compradores, gritava: “Coisa boa, coisa boa!”.

Morava em um quarto cedido pela família Buccinelli, na Rua XV de Novembro, entre as ruas Alfredo Guedes e Bernardino de Campos.

Homem de pouca saúde, tinha problema de visão e morreu no Sanatório de Pirapitingui, onde estava internado.

## *O Negro Cambuqueira & Sua Cuíca*

Cambuqueira, o apelido dado a um negro moço, baixo e forte, tocava cuíca, alegrando as batucadas do Bairro Alto.<sup>15</sup>

### *João Balaiero*



*João Balaiero*

João Balaiero, como era chamado por todos, era um negro forte e muito simpático, de voz grave e fala mansa, já entrado em anos. Usava uma barba comprida e quase branca pela idade. Fumava no pito e andava com uma cesta pendurada num dos braços.

Vivia de bico, mas o seu ganha pão principal era rachar lenha nas casas, onde comparecia com seu machado e as cunhas de ferro.

### *Nina Mata*

Nina Mata era uma senhora já bem idosa, que se vestia no estilo masculino, de paletó, gravata e chapéu. Era uma senhora educada, aparentava ter certa cultura, e andava por diversos bairros da cidade, conversando com todas as pessoas.

### *Dilãozinho – O Caçador de Rãs*

Sempre com um chapeuzinho preto, descalço, usava camisa de meia branca, sem gola e calças arregaçadas. Costuma fumar cigarro “Castelões”, um cigarro fininho e curto, um dos mais baratos que havia.

Odilon morava só, nos fundos da casa de Zé Rato, um alfaiate que residia na Rua Moraes Barros, quase esquina da Rua Visconde do Rio Branco.

Ganhava a vida consertando guarda-chuvas e sombrinhas e, à noite, munido de lampião, saía para caçar rãs. Uns diziam que caçava rãs para restaurantes; outros, diziam que ele caçava sapos, que seriam vendidos para laboratórios de análises clínicas, usado para teste de gravidez.

Falatório à parte, era figura conhecidíssima no Bairro Alto, e todos sabiam quando ele estava passando pelos gritos de “bicho diabo”, que dava sem razão alguma.

### *Carlito Oh*

Carlito era um homem de mais ou menos 40 anos de idade, inofensivo, que andava por todo o Bairro Alto, pedindo esmolas. Estava sempre vestido com roupa de cor cáqui, usava um chapéu e um porrete como bengala e trazia sempre uma espécie de picuá de pano a tiracolo.

15. Segundo o Prof. Manoel Rodrigues Lourenço (Mandi), a cuíca foi inventada em Piracicaba.

Era mudo e o único modo de se expressar ao pedir alguma coisa, consistia em dizer apenas: Óh, Óh, Óh... Ao dizer repetidas vezes “Óh, Óh”, uma intensa salivação lhe escorria pelo queixo, chegando a molhar toda a frente da camisa.

### *Babá*

Babá, como a maioria dos tipos populares, não tinha o seu verdadeiro nome conhecido. Era um moço que às vezes transitava pelo Bairro Alto. Era mudo e só pronunciava “bá, babá, babá”. Andava descalço, vestia paletó e usava um pequeno chapéu.

Quase não pedia nada a ninguém e era violento e perigoso. Diziam até que ele agrediu uma professora a navalhadas, fato que teria ocorrido na Av. Independência, ao lado do antigo Bosque e do Cemitério da Saudade.

As crianças, entre as quais eu estava, corriam de medo ao vê-lo descendo a Rua Moraes Barros.

### *Laranja Curtida*

Dona Eugênia era uma negra que vendia laranja curtida para fazer doce. Toda semana, pelas ruas do Bairro Alto, era comum ouvir o seu vozeirão penetrante diante das casas, oferecendo o seu produto: “laranja curtida”.

Quem foi assíduo freqüentador do cinema São José, ainda se lembra do seguinte: quando num filme romântico havia uma cena de amor, na qual o galã e a mocinha trocavam juras de amor, alguém lá na geral (galeria) gritava: “laranja curtida!”

O cinema, que estava em completo silêncio, quase vinha abaixo. Enquanto uns espectadores riam, outros reclamavam irritados.

Os lanterninhas iam apressados até a galeria procurar o gaiato que havia gritado, mas era difícil encontrá-lo, ainda mais no escuro do cinema.

### *Julio Bruhns*

Julio Bruns não andava somente pelo Bairro Alto. Sempre vestindo um terno azul-marinho, de gravata e chapéu, percorria quase toda a cidade.

Nas suas idas e vindas pelas ruas dos diferentes bairros, costumava parar em bares e armazéns, onde fazia ligeiras apresentações de mágica e de telepatia, sempre auxiliado por sua companheira Eudoxia.

Para uns, era um homem dotado de poderes extraordinários; para outros, não passava de um charlatão. Na verdade, se tratava de uma pessoa que poderia ser chamada de estranha e até certo ponto de misteriosa. Dizem que Julio Bruhns era um homem de grande cultura, chegando a dominar vários idiomas.

### *Morreu de Medo*

Apelidado de Angolinha, João Cella trabalhava no Cemitério da Saudade. Um tanto simplório, alegre e inofensivo, sem vícios, usava sempre um macacão de mangas compridas, de cor cáqui.

Quando andava no meio das pessoas, costumava recitar versos que dizia serem de sua autoria, sempre terminando com uma gostosa gargalhada:

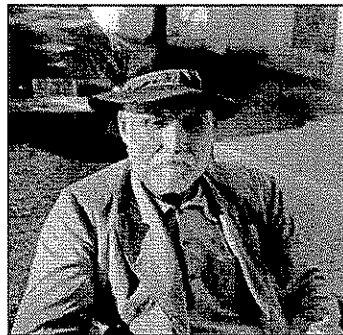
*“As andorinhas voa no ar  
A cerejeira (sereia) canta no mar  
E os marinheiro passa mar, ha ha há...”*

Certa vez, ganhou um velho relógio de pulso e andava com um braço esquerdo levantado e com a manga arregaçada para que todos vissem o seu relógio.

Qualquer pessoa que se queixasse de algum mal estar físico, ele logo receitava: “tome chá de loro, chá de loro” (louro).

Embora nunca tivesse feito mal a ninguém e, talvez por um terrível engano, Angolinha foi levado preso e acabou morrendo na cadeia. Segundo o que foi comentado na época de sua morte, ele morreu de medo terrível, desesperado, de ficar preso. Essa ocorrência, na verdade, nunca foi perfeitamente esclarecida.

### *Vicente Bilheteiro*



*Vicente Bilheteiro*

Vicente Petrelli, conhecido como Vicente Bilheteiro, era deficiente físico e morava com a família Baggi, na Rua Moraes Barros, quase em frente ao Bar Cruzeiro.

Vicente vendia bilhetes de loteria e o seu campo de ação era o centro da cidade. Conhecido por todos, os restaurantes sempre lhe davam almoço com direito até de ser servido por garçom.

Andava com extrema dificuldade, arrastando os pés e apoiado em uma bengala. Os seus conhecidos, a turma do centro, condoídos da sua situação, lhe deram de presente uma cadeira de rodas, o que facilitou a sua locomoção.

Nas ruas, todos se ofereciam para empurrar a sua cadeira de rodas quando ele precisava atravessar de uma calçada para outra.

Vicente Bilheteiro faleceu no dia 20 de janeiro de 1975, após sentir-se mal quando trabalhava penosamente na venda de bilhetes de loteria.

### *Bertopim*

Sobre Bertopim, um garoto negro que morava na Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos, entre as ruas Moraes Barros e XV de Novembro, há pouco o que falar. Era apenas um “moleque” levado e gozador, conhecido por todos.

### *Jim Jim & Carminé*

Possuíam um modesta oficina conserta tudo, na Rua Silva Jardim, entre as ruas Moraes Barros e XV de Novembro. A oficina possuía uma pequena forja, uma bigorna e ferramentas espalhadas até pelo chão.

Embora sem nenhum estudo, os irmãos Jim Jim e Carminé eram verdadeiros artistas, consertando todo o tipo de máquinas. Extremamente pobres, tinham uma irmã conhecida por Nina, que usava um vestido solto, feito de saco de açúcar.

# Famílias

Na impossibilidade de nomear todas ou quase todas as famílias que existiram ou ainda existem no Bairro Alto, foram relacionadas apenas as mais antigas, as mais conhecidas e as que, por vários motivos, se destacaram não só no Bairro, como também em toda a cidade.

ABRAHÃO, Luiz Antonio	CARDOSO, Amélia
ABRAHÃO, Reeze	CARDOSO, Joaquim Pereira (Juca)
ALMEIDA, Antonio de (Tonico Alemão)	CARDOSO, Oscar Pereira
ALMEIDA, Manoel Dias de	CARDOSO, Osvaldo Pereira (Chatão)
ALMEIDA, Mário Silveira de	CARRARO, Antonio
ANTEDOMÊNICO, José (Zé Barata)	CARRARO, Floriano
ANTONIO, Dumit	CARRARO, Mario (Ângelo)
ARRUDA, Jonas Corrêa de	CARRARO, Paulo
ARZOLLA, Luiz	CARRARO FILHO, Mario
BARATA, Geraldo (Leão)	CASTRO, Lírio Ferreira de (Germano)
BARREIRA, João	CHALITA, Said
BARREIRA, José	CHIQUITO, Antonio
BARRICHELLO, Alberto	CHIQUITO, José
BARRICHELLO, Pedro	CHIQUITO, Primo
BARRICHELLO, Vitório Manoel (Mussolini)	CHITOLINA, Armando
BEDUSCHI, Francisco	CHITOLINA, Carlos
BEDUSCHI, Vitório	CHITOLINA, Dante
BEDUSCHI FILHO, Antonio	CHITOLINA, Selene
BELUCCO, Alfredo	CHORILLI, Antonio
BELUCCO, Antonio	CHORILLI, Luiz
BELUCCO, Napoleão	CHORILLI, Mario
BERTOLINI, Antonio	CHORILLI, Nicola
BERTOLINI, Antonio (Carioca)	COBRA, Antonio
BERTOLINI, Augusto	COBRA, Osvaldo (Pichina)
BERTOLINI, Aristides	COBRA, Pedro
BERTOLINI, Silvio	COBRA, Vitório Ângelo (Cobrinha)
BLAAUW, Frederico	COBRA FILHO, Antonio (Nine)
BOVI, Abílio	COIMBRA FILHO, José Francisco (Zico)
BOVI, Ângela Marcon	COSTA, Lázaro Dias da (Zico Dias)
BOVI, Eugênio	DE SORDI, Antônio
BOVI, Romualdo	DIAS, Olimpio de Lima
BOVI, Virginio	DUTRA, Archimedes
BRAGA, José	DUTRA, João
BROSSI, Euclides	FANTAZIA, Domingos
BUCCINELLI, Domingos	FELICIANO, Manoel
CALCIDONI, Roberto	FELICIANO, Luiz
CAMARGO, Eduvaldo Ferreira de (Tito Ferreira)	FERRAIOLLI, Bruno
CAMARGO, Jechonias Ferraz de	FERRARI, Alfredo
CAMARGO, João Ferreira de	FERRAZ, Haldumont Nobre (Tiquinho)
CAMARGO, Sebastião Franco de	FERRAZ, Roberto Nobre (Bertão)
CAMOLESI, João (Nane)	FERREIRA, Antonio (Padrão)
CANTO, Antonio do	FISCHER, Ramos
CANTO, Joaquim Antonio do	FOGAÇA, Bento
CANTO, Lázaro Lino do (Lalo)	FONSECA, Francisco (Chiquinho Barbeiro)
CANTO, Plínio do (Jumélo)	FRANÇOSO, Antonio
CAPRÂNICO, José	FRANÇOSO, Mario
CAPRÂNICO, Olivia	FRANÇOSO, Orlando
CARDINALLI, Alberto	FRANÇOSO, Palmiro
	FRANÇOSO, Renato



FRAY, Kátia  
 FREIDEMBERG SOBRINHO, João (Pupa)  
 FREITAS, José de  
 FRIAS, Ângelo  
 FURLAN, Antonio  
 FURLAN, Ernesto  
 FUZATTO, Eugenio  
 GARDIN, Francisco (Quinim)  
 GARDIN, Raul (Telão)  
 GERVARTOSKY, Cesarino  
 GIRÃO, Manoel Augusto  
 GIRO, Ângelo  
 GOBETH, Luiz  
 GODOY, Maria de (Maria Doceira)  
 GOMES, Antonio Maria Fernandes (Poteiro)  
 GORGA, Salvador  
 GUERRINI, Leandro  
 GUERRINI, Paschoal  
 GUERRINI, Renato  
 GUIDETTI, Nino  
 GUIDOLIN, Mario (Bijeto)  
 HELLMEISTER, João Yrandi  
 HELLMEISTER, Jorge (Tote)  
 HELLMEISTER, José  
 HELLMEISTER, Martinho  
 HELLMEISTER, Olício  
 JOSÉ, Chalita  
 KRAIDE, Abud Jorge  
 KRAIDE, Antonio Jorge  
 KRAIDE, Anuar  
 KRAIDE, Miguel Jorge  
 KRAIDE, Salim  
 LAGRECA, Francisco de Castro  
 LAISTER, Antonio (Nhôzinho)  
 LAVORENTI, Luiz  
 LEME, Rubens de Arruda  
 LOVADINO, Gelindo  
 MANFRINATO, Abrahão  
 MANFRINATO, Hélio de Almeida  
 MANFRINATO, Ely (Lilica)  
 MARIA, Aristides José (Xoxo)  
 MARTINI NETTO, Agostinho  
 MASETO, Antonio  
 MAZZIEIRO, Ricardo  
 MENDES, Octávio Teixeira  
 MONTEIRO, Alcebíades (Bíde)  
 MONTEIRO, Antonio  
 MONTEIRO, José (Juca)  
 MONTEIRO, Lauro (Didi)  
 MONTEIRO, Orlando  
 MONTEIRO, Osório  
 NASCIMENTO, Antonio  
 NASCIMENTO, Antonio Franco do  
 NASCIMENTO, Francisco  
 NASCIMENTO, Joaquim Franco do  
 NASCIMENTO, José Franco do  
 NASCIMENTO, Manoel (Manoelzinho Barbeiro)  
 NASCIMENTO, Miguel  
 NATONE, Mathias (Bijú)  
 NAVAL, Mário  
 NAVAL, Vicente  
 NAVAL FILHO, Vicente (Gatão)  
 NECHAR, Abdala (Pedro)  
 NECHAR, Izidoro  
 NECHAR, Jamil  
 NECHAR, José  
 NEGRETTI, Oscar (Tatai)  
 NEGRI, Milton de  
 NICOLAU, João  
 NOGUEIRA, Adriano  
 NOGUEIRA, Belmira Gomes  
 NOGUEIRA, Manoel  
 NOGUEIRA, Roberto (Panhó)  
 OLIVEIRA, Noedir de (Dilo Seleiro)  
 OLIVEIRA, Pedro Paulo de (Pedrinho Seleiro)  
 ORTIZ SOBRINHO, José (Zequita)  
 PAGANO SOBRINHO, Cármine (Carminho)  
 PEREIRA, Manassés Ephrain  
 PIEDADE, Benedito  
 PIEDADE, José  
 PIZZINATTO, Amélio  
 PIZZINATTO, Ângelo  
 PIZZINATTO, José (Juca)  
 PRATES, Benedito  
 QUEIROZ, Adolpho  
 QUEIROZ, Adolpho de Souza  
 RISSI, Honório  
 RIZZO, Ari Ferraz  
 RIZZO, Avari Ferraz  
 RODRIGUES, José  
 ROSA, Luiz Fernando  
 SACHS, Alberto Vollet  
 SACHS FILHO, Alberto Vollet  
 SALUM, Issa  
 SALUM, Elias  
 SANTANA, Joaquim  
 SANTOS, Manoel dos  
 SANTOS, Mário Lázaro dos  
 SÁTOLO, Eduardo  
 SÁTOLO, José  
 SEBE, Eduardo  
 SEBE, Emilio (Anuar)  
 SEBE, Winston  
 SILVA, Adelino da  
 SILVA, João da (João Bela)  
 SIMONI, Hélio  
 SIMONI, José  
 SIMONI, Tuffi  
 SIMONI, Valdomiro  
 STOLF, Gustavo  
 STOLF, Jacob  
 TECESSINI, Antonio Eusébio  
 TECESSINI, Nelson  
 TEJADA, José  
 TRAVAGLINI, Hércules  
 TRAVAGLINI, Nelo  
 TREMACOLDI, Antonio  
 TREMACOLDI, Laerte  
 TREMACOLDI, Odilo  
 VECCHINI, Fernando  
 VECCHINI, Geraldo  
 WENZEL, André  
 ZAMBELLO, Antonio  
 ZAMBELLO, Ermor  
 ZAMBELLO, Nelo  
 ZAMBELLO, Vitótio

Das famílias tradicionais do bairro Alto, cinco delas merecem um destaque especial: são elas: Hellmeister, Nechar, Cobra, Naval e Chorilli.

Martinho Hellmeister, nascido em 19 de novembro de 1883, era marchante, com açougue situado na esquina da Rua Moraes Barros com a Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos, e residia numa casa ao lado do seu comércio.

Homem bondoso e respeitado, punha o seu telefone sempre à disposição dos moradores vizinhos, pois nas décadas de 30 e 40, era um dos poucos que possuía tal aparelho.

O comércio varejista de carnes sempre foi uma tradição na família Hellmeister. Mesmo após o falecimento de Martinho, ocorrido em 10 de julho de 1949, seus filhos sempre seguiram o caminho do pai.

Martinho Hellmeister foi casado com Da. Helena Buck Hellmeister e teve os seguintes filhos: Leurides, Maria Helena, Ozélia, Ozória, Olício, José, Jorge, Sebastião (Tanza), Ayrton, Nair, Diva e João.



Abdala Nechar, conhecido também como Pedro Nechar, nasceu no Líbano.

Em 1907, certo de que estava vindo para o Brasil, cujo destino final era Piracicaba, por erro da companhia de navegação, Abdala Nechar foi desembarcar em Buenos Aires, Argentina.

Nessa época, havia certa confusão geográfica quanto à localidade e o nome da capital do Brasil. Em outros países, achavam que Buenos Aires era a capital do nosso país.

Chegando a Buenos Aires com a esposa Helena e o filho Jorge, de apenas um ano e dois meses de idade, Abdala Nechar foi morador em Córdoba, onde ficou por oito anos. Em Córdoba, Da. Helena teve mais dois filhos: Elias e Jamil.

Em 1915, Abdala veio para o Brasil, fixando residência em Piracicaba onde morava sua irmã gêmea Carolina.

Em Piracicaba, Abdala trabalhou como mascate, teve armazém e torrefação de café.

Aqui nasceram seus outros filhos: Antonio (Totó), Maria, José, Izidoro, Pedro e Jurema.

Abdala Nechar morou na Rua Moraes Barros, esquina da Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos, onde faleceu. Um dos seus filhos – Jamil – teve várias indústrias no Bairro Alto: fundição, tanoaria e fábrica de vassouras. Na fundição, além de outras coisas, Jamil também fabricava o famoso “soco inglês”.



Antonio Cobra nasceu no dia 19 de fevereiro de 1875.

Foi proprietário, por muitos anos, de um bar situado na esquina da Rua Moraes Barros com a Rua Silva Jardim, bar esse conhecido em todo o Bairro Alto e até no centro da cidade como “Bar do Cobra”.

Patriarca de uma família de músicos e esportistas, Antonio Cobra foi casado com a Anna Tadiotto, com quem teve os filhos: Antonio (Nine), Pedro, Salvador, João (Joanim), Vitória (Cobrinha), Catharina, Durvalino (Nenê) e Oswaldo (Pichina).

Faleceu no dia 27 de dezembro de 1946.



Na Rua Moraes Barros, em frente ao antigo Bosque, entre as ruas Silva Jardim e Aquilino Pacheco, ficava o afamado armazém de Vicente Naval.

Vicente Naval fornecia não só para os moradores de todo Bairro Alto, mas também para outros comerciantes, como um atacadista.

No seu enorme armazém, também era comercializada a carne suína, setor que estava sob a responsabilidade da esposa de Vicente, Da. Antonia Zilio Naval.

Vicente Naval, rico proprietário, nasceu no dia 26 de abril de 1890, na Espanha, e morreu em Piracicaba no dia 27 de março de 1952.

Teve os seguintes filhos: Fernando, Mário, Nair, Vicente (Gatão), Odila, Antonia e Yvone.

♦♦♦

Antonio Chorilli também foi um comerciante muito conhecido no Bairro Alto.

Seu armazém, ficava na esquina da Rua Silva Jardim com a Rua XV de Novembro. No seu trabalho sempre teve a colaboração do irmão José e do filho Luiz.

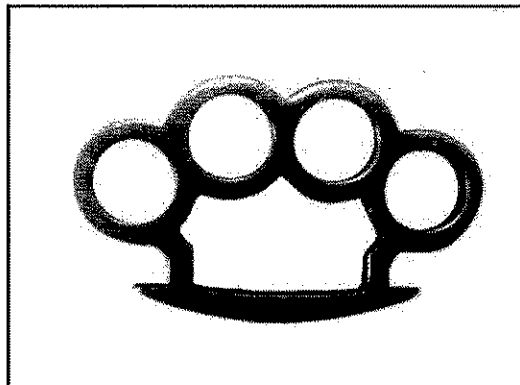
Foi casado com Da. Ana Cacieri Chorilli, com quem teve os filhos Mário, Luiz e Maria (Mariquinha).

Nasceu no dia 2 de julho de 1893 e faleceu em 29 de dezembro de 1971.

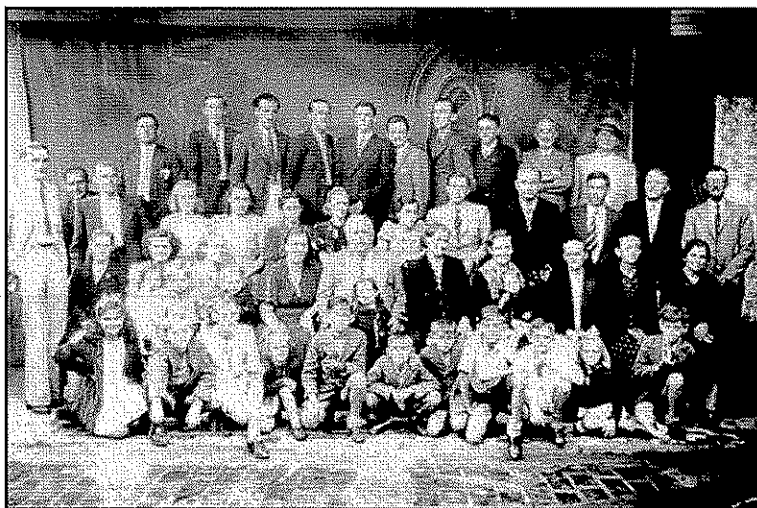
**CAFE' NECHAR**

**é bom porque é!**

*Comercial Café Nechar*



*Tipo de "soco inglês" que era feito por Jamil Nechar*



*Família Hellmeister*

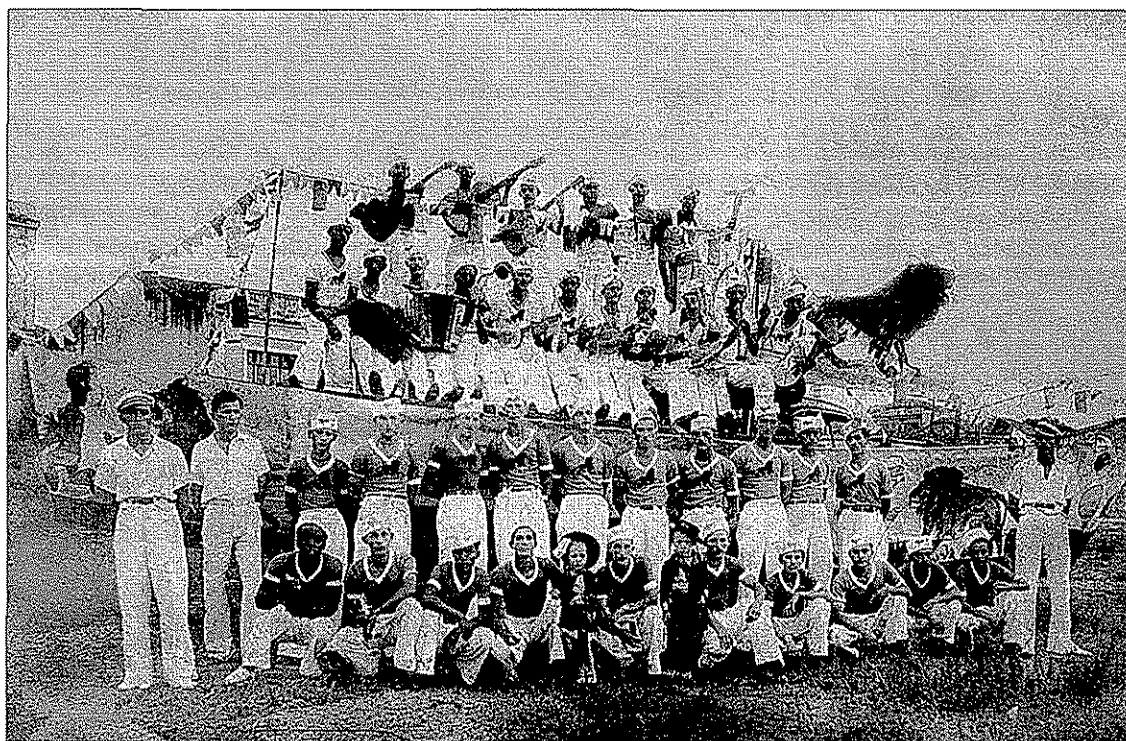
# O Carnaval no Bairro Alto

## *O Leão Bairroaltense – A Turma do Leão*

O “Leão Bairroaltense”, depois chamado a “Turma do Leão”, era formado por um grupo de foliões do Bairro Alto, que participava do carnaval de ruas de Piracicaba, nas décadas de 1930 e 1940.

A figura de um enorme leão, feita por Sebastião Franco de Camargo, era montada sobre a carroceria de um caminhão, e a fera imponente era escoltada por um grupo que representava índios africanos, todos negros e armados com lanças.

A “Turma do Leão”, era comandada por alguns líderes como Sebastião Franco de Camargo, Jamil Nechar, Antonio Bertolotti (Carioca), Aristides José Maria (Xoxo) e outros.



*“Leão Bairroaltense” – 1940*

*Foto tirada no Largo da Estação Velha, onde hoje se encontra o Grupo Escolar Dr. Alfredo Cardoso. Da esquerda para à direita*

*Em cima do caminhão, sentados: (3º) Perim Sansão; (7º) Antonio Bertolotti (Carioca) e (9º) Beccari*

*Em pé: (2º) Antonio Bertolini (Toninho Sapateiro); (4º) Euclides Côa; (6º) Ayrton Hellmeister; (7º) Baggi; (9º) Jorge Hellmeister (Tote); (11º) Aristides José Maria (Xoxo); (12º) Cbitolina e (13º) Sebastião Hellmeister (Tanza).*



Em 1944, já sem a figura do leão, a Turma do Leão construiu um tanque de guerra sobre um caminhão, cujo canhão movia-se tanto à direita como à esquerda, lançando confetes sobre o povo que assistia o desfile carnavalesco. Essa foi a última vez que a Turma do Leão participou do carnaval.

Infelizmente, nada mais foi encontrado sobre a Turma do Leão. Tudo se perdeu com o tempo.

É com saudade que eu me lembro dos carnavais passados, do corso e das marchinhas que eram cantadas, tanto nas ruas como nos salões. Dos lança-perfumes que enchiam os salões de inebriante perfume. Havia o lança-perfume de frasco de vidro – o mais barato – e o de frasco de metal cor de ouro, marca Rodouro – o mais caro.

O uso do lança-perfume foi proibido pelo Presidente Jânio Quadros, em fevereiro de 1961, com a alegação de que era aspirado pelas pessoas, pois continha na sua composição cloreto de etila, considerado entorpecente. De fato, era comum ver foliões cheirando os lenços embebidos de lança-perfume.

No carnaval de hoje, ainda são as marchinhas que dão vida e animação nos bailes. Os Blocos e Escolas de Samba cantam apenas os seus sambas-enredos, repetitivos e enfadonhos.

Apenas para lembrar, anotamos aqui algumas marchinhas antigas de carnaval, que fizeram e ainda fazem muito sucesso.

Ô Abre Alas – Chiquinha Gonzaga – 1899

*Ô abre alas, que eu quero passar...*

- Tahí – Joubert de Carvalho – 1930  
*Tabí, eu fiz tudo prá gostar de mim*  
*Oh, meu bem não faz assim comigo não*  
*Você tem, você tem*  
*Que me dar seu coração*
- O teu cabelo não nega – Lamartine Babo – Irmãos Valença – 1932  
*O teu cabelo não nega mulata*  
*Porque é mulata na cor*  
*A tua cor não nega mulata*  
*Mulata quero teu amor...*
- Linda morena – Lamartine Babo – 1932  
*Linda morena, morena*  
*Morena que me faz penar*  
*A lua cheia, que tanto brilha*  
*Não brilha tanto quanto o teu olhar...*
- Pierrot apaixonado – Noel Rosa – Heitor dos Prazeres – 1936  
*Um pierrot apaixonado.*  
*Que vivia só cantando,*  
*Por causa de uma colombina*  
*Acabou chorando, acabou chorando...*
- Mamãe eu quero – Jararaca – Vicente Paiva – 1936  
*Mamãe eu quero, mamãe que quero,*  
*Mamães eu quero mamar*  
*Dá a chupeta, dá a chupeta*  
*Dá a chupeta pro bebê não chorar...*
- Jardineira – Benedito Lacerda – Humberto Porto – 1938  
*Oh jardineira porque estás tão triste*  
*Mas o que foi que aconteceu,*  
*Foi a camélia que caiu do galho*  
*Deu dois suspiros e depois morreu...*
- Aurora – Mario Lago – Roberto Roberti – 1940  
*Se você fosse sincera,*  
*Ôô Ôô Aurora,*  
*Veja só que bom que era*  
*Ôô Ôô Aurora...*
- Allah-la-o – Haroldo Lobo – Nássara - 1940  
*Allah-la-ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô*  
*Mais que calor, ô, ô, ô, ô, ô, ô*  
*Atravessamos o deserto do Saara,*  
*O sol que estava quente*  
*Queimou nossa cara...*
- Chiquita Bacana – Braguinha – Alberto Ribeiro – 1949  
*Chiquita bacana*  
*Lá dá Martinica*  
*Se veste com a casca*  
*Da banana nanica...*
- Cabeleira do Zezé – João Roberto Kelly – Roberto Faissal – 1963  
*Olha a cabeleira do Zezé,*  
*Será que ele é? Será que ele é?*

Durante a Segunda Guerra Mundial, o carnaval de rua foi enfraquecendo; voltando fortalecido a partir de 1946, nunca mais teve o brilho do passado.

Aproveito aqui para homenagear os grandes foliões de outrora, como Belabarba, Bastião Topete, Neidona, Neguito, Felpudo, Vassourinha, Zego e outros mais.

### *A Banda da Sapucaia*

A Banda da Sapucaia desfilou pela primeira vez no carnaval de 1997. No desfile, participaram crianças, jovens, idosos, famílias, políticos e carnavalescos do passado e de hoje.

Todos os anos, a Banda da Sapucaia concentra-se na Praça Irmãos Justino (Bonga e Daniel, na esquina da Rua Moraes Barros com Silva Jardim, com o início do desfile carnavalesco marcado para as 17 horas.

Acompanhada por um carro de som, a banda desce a Rua Moraes Barros até o Largo Santa Cruz, que é contornado, e retorna pela mesma Rua Moraes Barros, tendo o seu final no local da concentração.

A exemplo das grandes escolas de samba, a Banda da Sapucaia também apresenta a cada ano um novo samba-enredo, cujos autores pertencem à própria banda. Em fevereiro de 2001, o tema foi: "Nem que a chuva caia, venha sambar com a sapucaia".

O desfile da banda já consta do calendário oficial da cidade, como evento que marca o lançamento do carnaval de Piracicaba.



*Foliões e organizadores da banda*

*Sentado na mureta: Rubens Santana de Arruda Leme (Binbo)*

*Abaixados: Kerko Tomazello, Ricardo Santana de Arruda Leme, Zé Beto, Gustavo, Teda, Pablo, Joãozinho e André.*



*Célia Signorelli, porta - bandeira da Banda da Sapucaia*



*Foliões da Banda da Sapucaia, descendo a Rua Moraes Barros*



## *Os Bondes Elétricos*

Piracicaba passou a contar com o serviço dos bondes em 1916. A Câmara Municipal fez um contrato com a empresa “The Southern Brazil Electric Co Ltda.” (Empresa Elétrica), que já era concessionária da iluminação pública da cidade, para instalar três linhas de bonde, com direito a explorar o serviço por 30 anos.

A primeira linha, para a Escola Agrícola (ESALQ), foi iniciada em 1916; a segunda para a Vila Rezende, em 1921 e a terceira, que deveria ir até o Bairro Alto, foi para a Paulista.

Ainda assim, o bonde que ia para a ESALQ, passava por duas ruas do Bairro Alto: parte da Rua XV de Novembro e um grande trecho da Rua José Pinto de Almeida. Na década de 1950, o serviço de bondes passou para a Prefeitura Municipal de Piracicaba.

Com a chegada dos ônibus e a dificuldade de importar peças de reposição, os bondes tornaram-se deficitários. Em 1969, a única linha que ainda estava em funcionamento – a da ESALQ – foi desativada.

O bonde me faz lembrar da minha meninice: eu e mais alguns meninos do Bairro Alto, todos mais ou menos da mesma idade, entre 10 ou 12 anos, íamos a pé quase todos os domingos até a Escola Agrícola.

Após percorrer quase todos os lugares da Escola Agrícola, chegávamos ao nosso destino: o aviário. Numa parte do aviário, onde ficavam os marrecos, o local era cercado por um alambrado de menos de um metro de altura. Nós pulávamos o alambrado, sempre atentos para que ninguém nos visse, colhíamos dois ou três ovos que as aves botavam no meio da grama, colocando-os nos bolsos das calças.

Na volta para casa, vínhamos de bonde, na parte de trás, em pé, com muito cuidado para que os ovos não quebrassem. De nada adiantava. Com os balanços que o bonde dava, acabávamos quebrando os ovos dentro dos bolsos, que escorriam pelas pernas.

A nossa ida até a Escola Agrícola acontecia quase todos os domingos e jamais conseguimos trazer um só ovo intacto para casa. Parecia castigo.



### *A Imprensa do Bairro Alto*

A empresa jornalística "Gazeta da Cidade Alta A/C Ltda.", estava situada na Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos, 919.

A empresa tinha como jornalista responsável Kerko Tomaziello, diretora comercial Graça Arruda, editoriação eletrônica Alexandre Godoi, Conselho Editorial Rubens Santana de A. Leme, Adolpho C. F. Queiroz e João Carlos T. Gonçalves.

Esteve em atividade de julho de 1995 até o ano de 1999.



# *Costumes e Curiosidades do Passado*

## *Bandeirinha – Amarela*

Assim eram chamados os agentes de saúde. Fardados com boné combinado com a farda, de cor caquí.

Munidos de uma bandeirinha amarela, um pequeno martelo pontiagudo, um farolete e uma espécie de sugador de vidro, percorriam casa por casa, numa fiscalização eficiente.

Ao entrar nas casas, o agente deixava a bandeirinha amarela presa ao portão ou à porta. Qualquer pessoa que passasse, ou mesmo outro agente, saberia que aquela casa estava sendo vistoriada.

O agente entrava sem a menor cerimônia, abria o guarda-roupa, iluminava o interior, e se houvesse algum pernilongo, era logo usado o sugador. Eu, menino, que sempre acompanhava o agente por todas as dependências da casa, nunca reparei o que era feito do pernilongo aprisionado.

Depois disso, o agente dirigia-se ao quintal e, se encontrasse alguma lata vazia, com o perigo de acumular água, ela era furada com a ponta do martelinho. Esse roteiro de serviço foi presenciado por mim inúmeras vezes, mais como curiosidade de criança.

A verdade é que, graças ao trabalho feito pelos “bandeirinhas – amarelas”, a cidade ficou livre de várias doenças por muitos anos. Os “bandeirinhas” desapareceram, talvez aproveitados em outros serviços, em outras repartições do Estado.

Aquela vistoria, rigorosa e eficiente que havia, deixou a ser feita e, com isso, os mosquitos transmissores de doenças reapareceram. Não seria o caso dos “bandeirinhas – amarelas” também voltarem?

## *Caminhão – Pipa*

Como o próprio nome indica, era um caminhão da Prefeitura, com um enorme depósito de água e servia para irrigar as ruas de terra.

No lugar do pára – choque traseiro havia um tubo de ferro todo perfurado por onde saía a água, que era regulada por uma alavanca situada ao lado do motorista.

O motorista, em baixíssima velocidade, abria a água e percorria um lado da rua, até o final do quarteirão e voltava irrigando o outro lado.

Era um serviço muito requisitado pelos moradores, pois muitas ruas ainda não eram calçadas ou asfaltadas.

## *A rede*

Para a captura de “cães vadios”, a Prefeitura utilizava um caminhão comum, de porte médio, na carroceria, mais próximo à cabine, era colocado um compartimento ripado, com uma portinhola. Esse compartimento não estava totalmente fixado no veículo e podia ser facilmente removido ou transferido para outro caminhão.

A equipe de caça aos cães era formada pelo motorista e mais quatro homens, que levavam duas redes medindo mais ou menos 1,20 metros de altura por 5 ou 6 metros de comprimento, semelhantes às que são usadas nos campos de tênis.

A captura funcionava da seguinte maneira: quando um cão era avistado na calçada, dois homens desciam da traseira do caminhão e estendiam a rede; o caminhão ultrapassava o cão e os outros dois homens desciam com a rede esticada. Com o animal entre as duas redes, o cerco ia se fechando até prendê-lo. Às vezes, o cão conseguia escapar e quando isso acontecia, o público que observava, constituído na maioria de mulheres e crianças, fazia a maior gritaria festejando a liberdade do cachorro.

Os funcionários da “carrocinha” eram muitas vezes ofendidos e até ameaçados de agressão física, motivos pelos quais passaram a ter a companhia de um policial militar.

O animal preso ficava no curral da Prefeitura por um determinado número de dias, à espera que seu dono fosse retirá-lo após pagar uma taxa, caso contrário, era sacrificado de modo totalmente perverso.

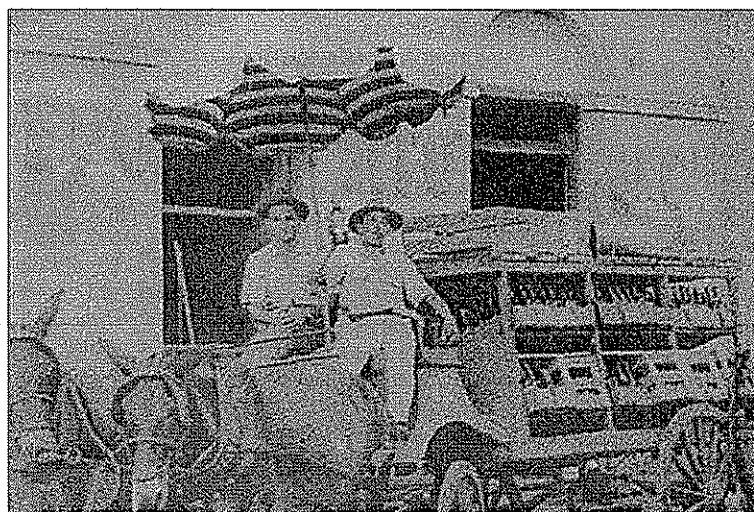
Havia uma licença especial para cães. O dono pagava uma pequena taxa e a Prefeitura fornecia uma plaquinha de alumínio que era presa à coleira, com isso, o cão podia andar livremente pela rua sem ser preso.

### *Entregadores*

O leite, em recipiente de vidro de um litro, e o pão eram entregues nas casas antes do clarear do dia. Tanto o leiteiro como o padeiro, deixavam suas entregas nas laterais das casas ou nas janelas. Ao sair de casa, bem cedo, observei muitas vezes o pão e o leite colocados nas janelas frente às ruas e ninguém mexia ou furtava.

Para abastecer os fogões, as lenhadoras e as carvoarias também entregavam seus produtos nas casas. A maioria dos fogões funcionava a lenha, que era entregue serrada em pedaços de mais ou menos cinquenta centímetros de comprimento. Havia os que compravam a lenha bruta e pagavam para que elas fossem picadas nas casas.

Gelindo Lovadino foi um comerciante de bebidas. Caprichoso, possuía um carroção de 4 rodas, puxado por duas mulas. O carroção era aberto dos lados e possuía um enorme guarda sol que o protegia. Percorria a cidade entregando cervejas e refrigerantes nos bares e armazéns.



*Gelindo Lovadino (à esquerda) e o carroção que usava para a entrega de bebidas*

As geladeiras domésticas elétricas ainda eram uma raridade, mas algumas famílias de maior posse tinham um tipo de geladeira que usava gelo. Essa geladeira, de tamanho pouco maior que um fogão de 4 bocas, era revestida externamente de madeira e, internamente, por chapa tipo “folha de zinco”. Na parte superior, havia um depósito de gelo com tampa e na parte da frente, uma ou duas pequenas portas conforme o modelo.

De acordo com o fim a que se destinavam as barras de gelo, elas eram entregues cobertas de pó-de-serra, pois, segundo diziam, o gelo se conservava por mais tempo. Com raras exceções, todas as entregas eram feitas com carrinho de tração animal, inclusive mudanças.

### *Luto – Fumo*

Quando falecia alguém da família, as mulheres passavam a usar luto, isto é, usavam roupas totalmente pretas que expressavam respeito e tristeza pela pessoa que se foi. Era o chamado “luto fechado”, costume antiquíssimo.

A duração do luto era variável. Havia mulheres que conservavam o luto para o resto da vida; outras por um ou dois anos.

Aos poucos, elas iam “quebrando o luto”, substituindo as roupas pretas, por outras com pequenas estampas claras, até voltarem a usar roupas coloridas.

O luto para os homens era diferente. O homem indicava que estava de luto, usando uma tarja de pano preto, de uns quatro centímetros de largura, chamada “fumo”, costurada do lado esquerdo do paletó, na lapela ou redor da manga, na altura do braço. Havia, ainda, os que usavam uma tira de pano preto presa ao chapéu, ao redor da copa, e outras apenas usavam gravata preta. Com o passar do tempo, o costume de usar luto foi desaparecendo, tendo caído em completo desuso em meados do século XX.

### *Inspetor de Quarteirão*

A pessoa que colaborava com a polícia era chamada de Inspetor de Quarteirão, função não remunerada e indicada pelo delegado da polícia.

O cidadão que aceitava ser Inspetor de Quarteirão ficava responsável pelo atendimento das ocorrências policiais mais comuns no bairro onde morava. Era ele quem chamava a polícia, quando acontecia algo de mais grave, e informava e acompanhava os praças (soldados) nas diligências. Na verdade, o Inspetor de Quarteirão era um cidadão prestante, disponível 24 horas por dia, que ganhava apenas desassossego e aborrecimentos.

Sem viaturas próprias, a polícia usava carros de praça (táxi). O motorista recebia um vale no valor da corrida, posteriormente descontado na delegacia situada no Largo do Gavião, na Rua São José esquina da Rua do Vergeiro.

A esquina da Rua Moraes Barros com a Silva Jardim, onde ficava o Bar do Cobra, era um “lugar quente”, como se dizia. As brigas nessa esquina eram constantes e causavam o maior alvoroço. Menino, morador nas imediações, presenciei muitas vezes, a chegada da polícia no referido bar.

Os soldados usavam capacete ovalado de cor marrom, farda de cor cáqui, polainas, espadim e revólver.

Todos conhecidos, ainda me lembro bem dos nomes dos soldados: Bentinho, Joãozinho, Alemão, Didi, Dito Lima e Antonio Maciente; dos secretas (investigadores) Goes, Banzato, Riva-dávida e Boschetti, impecavelmente trajados; de alguns delegados de polícia como Mário Goes Calmon de Brito, Francisco Mucci, Geraldo Lopes Vieira, Zenon Batista Sitrângulo e do carcereiro Lázaro Gomes da Cruz (Zico – carcereiro).

## *Grupo de Vigilantes Noturnos*

O grupo de vigilantes noturnos foi criado por um delegado de polícia, na década de 1940.

Os moradores, que desejavam proteção policial durante o período noturno, pagavam um taxa municipal e recebiam uma pequena placa de forma triangular que era fixada à parede da casa, em cima ou ao lado da porta de entrada, indicando que aquele morador era um contribuinte cadastrado na Prefeitura. A taxa que os moradores pagavam valia mais como contribuição espontânea, pois os moradores que não pagavam a taxa, tinha a mesma proteção. Os vigilantes noturnos eram pagos pela Prefeitura e prestavam contas ao delegado de polícia.

Era grande a sensação de segurança quando, ao acordar à noite ou de madrugada, se ouvia os apitos dos vigilantes noturnos. Voltava-se a dormir tranquilamente, sabendo que alguém lá fora, na rua, estava cuidando da proteção de todos.

Em 1956, a Prefeitura Municipal assumiu integralmente o Grupo de Vigilantes Noturnos, que deu origem à Guarda Municipal.



*Placa do Grupo de Vigilantes Noturnos*

## *O Pau de Sebo e A Malhação do Judas*

O pau de sebo era levantado na véspera do sábado de aleluia, como o povo costumava dizer.

Consistia em um poste de eucalipto, sem casca, de uns 7 metros de comprimento, em cuja ponta eram pregadas duas ou mais travessas. Bem ao meio das travessas, amarrava-se o "Judas", que era um boneco recheado de bombas.

Ao redor do Judas, eram pendurados os prêmios arrecadados no bairro, tais como latas de doces, de conservas, pacotes de cereais e até dinheiro em notas de pequeno valor. Antes de ser

fincado no chão, o poste era besuntado com uma farta camada de sebo bovino. Daí o nome “pau de sebo”. Mas tarde, o sebo foi substituído por graxa ou óleo queimado.

No sábado de aleluia, de manhã, a molecada já estava reunida e pronta para subir no escorregadio pau de sebo. Não era tarefa tão fácil. Com as inúmeras tentativas de subir e escorregar, o pau de sebo ia ficando cada vez mais limpo, facilitando a subida. Aquele que conseguisse chegar ao Judas, ficava com os prêmios. O Judas, então, era derrubado do pau e depois queimado.

Hoje, essas brincadeiras do pau de sebo não acontecem mais no sábado, mas sim no domingo de Páscoa.

### *Brincadeiras Infantis*

À noite, sempre embaixo de um poste de iluminação pública, os meninos e as meninas se reuniam para brincar.

As meninas brincavam de roda, de passar anel, de pata choca e de “passa passa com barqueiro”. Quando brincavam de roda, elas cantavam diversas músicas, como “Terezinha de Jesus”, “se esta rua fosse minha” e o “cravo brigou com a rosa”.

Os meninos, de outro lado, brincavam de cavalinho, de pula-pula e de “páis”.

Durante o dia, as meninas faziam “batizado de boneca”. Compravam confeitos coloridos que eram embrulhados um a um e tomavam refresco de groselha.

Os meninos jogavam futebol, rodavam arco, jogavam bolinhas de vidro, batiam figurinhas, jogavam botão e brincavam de cirquinho, cuja entrada custava 3 palitos de fósforos.

Os brinquedos, que as crianças mais usavam, eram o bibioquê (bilboquê), o diabolô, bola de meia, cálidos-cópios, espingarda de rolha, jogo de porquinho, revólver de espoleta usado para brincar de “mão ar” (mãos ao ar) e empinar papagaio.

### *Escarradeiras & Cia*

Nas casas das pessoas de fino trato, além das capas impecavelmente brancas e engomadas que eram colocadas no espaldar das cadeiras, era comum o uso das escarradeiras. As escarradeiras eram colocadas no chão da sala, próximas às cadeiras onde as visitas se sentavam.

De louça ou de metal, tinham a forma circular, e a tampa, ligeiramente côncava, possuía um orifício no meio. A escarradeira desapareceu no século passado.

Outro objeto, muito usado por todas as classes sociais, era o penico ou urinol, geralmente feito de ágata. Com o tempo, apareceu o penico feito de alumínio e, por último, o de plástico.

Como a maioria das casas tinha a privada no quintal, o penico ficava no quarto, sob a cama, e era de grande utilidade para urinar à noite.

Doentes que não podiam deixar o leito, usam penicos melhor adaptados, que são o “papagaio”, para os homens e a “comadre”, para as mulheres.

Tão ou mais antigo quanto a escarradeira, o penico foi muito usado até meados do século XX

### *Cano Frio - A Zona do Meretrício*

Na Rua Silva Jardim, nas imediações da Rua Regente Feijó, ficava a zona do meretrício, conhecida como “Cano Frio”.

O nome “Cano Frio” originou-se do fato de haver, naquele local, um enorme cano de água sobre o qual as pessoas costumavam sentar-se.

A zona foi transferida da Rua Benjamim Constant para o Bairro Alto, na década de 1940. Após vários anos, mudou-se para o Bairro Jardim Brasil, apelidada de “Ripolândia”.



Para as suas idas ao centro da cidade, ao cabeleireiro e costureira, as mulheres faziam uso de charretes de aluguel, que tinham o ponto no mesmo local onde elas moravam.

### *A Turminha dos Faquinhos*

As ruas afastadas do centro urbano eram de terra. Algumas, onde havia maior trânsito de veículos, eram calçadas com paralelepípedos, o que não impedia que o mato crescesse entre as pedras.

Para a limpeza das ruas e calçadas, a Prefeitura mantinha uma turma de meninos que trabalhavam sob as ordens de um feitor.

Como principal ferramenta, além da enxada e da vassoura, os meninos usavam um pedaço do chamado de arco-de-barril, com a ponta afiada e dobrado no sentido diagonal, o que permitia uma perfeita capinação nos vãos dos paralelepípedos, mantendo as ruas livres do mato.

Como outras tantas coisas, a “turminha”, como era chamada já faz parte do passado.

# Esportes

## *Tênis de Campo do Bairro Alto*

Na esquina da Rua Bom Jesus com a Rua Dr. Octávio Teixeira Mendes, onde hoje é a Praça São Domingos Sávio, existiu o “Piracicaba Tênis Clube”, fundado no final de década de 1930.

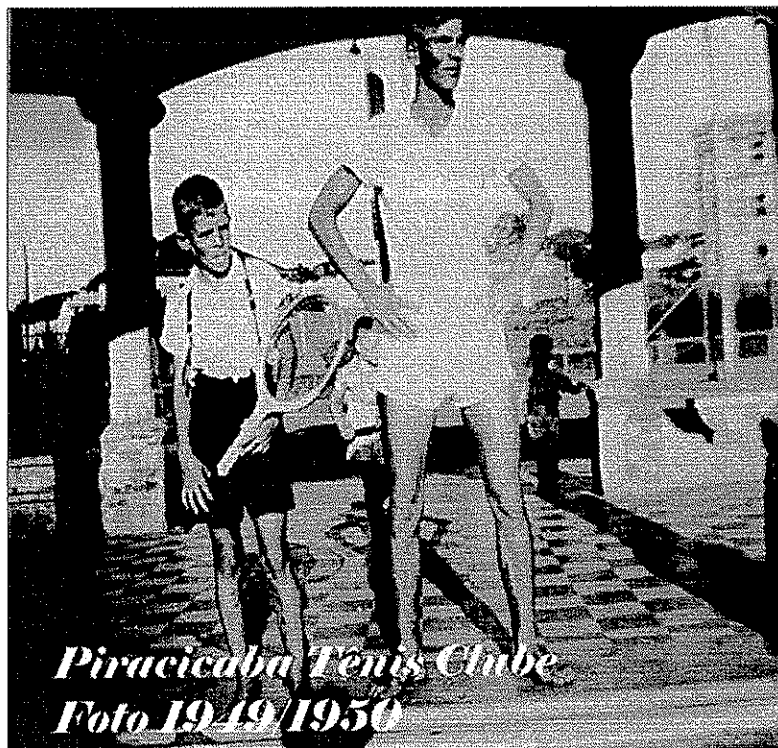
Nessa época, com exceção do Clube de Regatas de Piracicaba, os poucos clubes recreativos da cidade ofereciam apenas as atividades de salão, como as brincadeiras dançantes e os bailes de carnaval. Não se pensava nas práticas esportivas.

Sentindo essa carência, um grupo de jovens senhores, como Julio Marcos, Archimedes Dutra, Dácio de Souza Campos, Dolivio Ometto, Admar Cervelli e outros, fundaram o “Piracicaba Tênis Clube”.

Membros da família Totti, sempre tiveram uma forte ligação com o clube de tênis. Segundo relato de Luiz Totti Filho, seu irmão Pedro Totti foi um dos melhores tenistas, só não tendo chegado ao profissionalismo, por não querer contrariar a família, que não o queria longe de casa. Ney Maradei foi outro grande jogador revelado pelo clube de tênis do Bairro Alto.

Dedicado inteiramente ao tênis, desde a infância, Luiz Totti Filho mantém a Academia Totispin, onde ministra aulas.

O “Piracicaba Tênis Clube” funcionou até 1953, e logo depois os tenistas passaram a frequentar as quadras do Clube de Campo, inaugurado em 1954.



*Luiz Totti Filho (segurando a raquete) ao lado do irmão Pedro Totti.*

## *O Pingue-pongue do “Flôr do Bosque”*

Foi no dia 11 de janeiro de 1942, que alguns jovens decidiram fundar um clube de pingue-pongue nos fundos da alfaiataria de Antonio Beduschi Filho, situada na Rua Moraes Barros, próxima ao bosque que existia no Bairro Alto. Surgia, então, o Flôr do Bosque.

A primeira diretoria, composta pelos próprios jogadores, ficou formada por:

Presidentes Beneméritos: Antonio Beduschi Filho e Angelo Giro;

Presidente: Dorival Leonel Beduschi;

Vice-Presidente: Dirceu Antonio Beduschi;

1º Tesoureiro: Pedro Giro Netto;

2º Tesoureiro: Antonio Giro;

1º Secretário: Francisco Alves Cruz;

2º Tesoureiro: Líbero Galani;

Diretores Sem Pasta: Ricardo Giro e Lázaro Vitor de Almeida.

Logo após ter sido fundado, o Flôr do Bosque jogou fora de sua sede contra os Marianos da Catedral, tendo vencido o jogo por 200 a 180, com o seguinte quadro: Kinkas (30), Pedro (17), Simão (50), Bipo (38) e Nenê (65).

Por causa da 2ª Guerra Mundial, não houve campeonato durante os anos de 1942 a 1945, apenas jogos amistosos.

No ano de 1946, foi realizado o campeonato da cidade, com as equipes do Clube Atlético Piracicabano, A. A. Luiz de Queiroz, XV de Novembro, Flôr do Bosque, Grêmio Normalista, Marianos da Catedral, Grêmio São Sebastião e Engenho Central.

O grande vencedor desse campeonato foi o Clube Atlético Piracicabano e o Flôr do Bosque ficou com o quarto lugar.

Terminado o campeonato de 1946, cujo artilheiro foi o jogador Nenê, do Flôr do Bosque, foi realizado o jogo dos campeões contra a seleção da cidade. A vitória foi da seleção da cidade, que venceu os tetra-campeões, invictos desde o ano de 1936. A equipe da seleção foi formada por Áureo e Berto, do XV de Novembro, Schimidt e Messias, do A. A. Luiz de Queiroz e Nenê, do Flôr do Bosque. O resultado final foi de 200 a 179. De 1974 a 1949, a cidade não teve campeonato.

No final 1948, uniram-se a A. S. Esperança e Flôr do Bosque, e a nova sede foi transferida da Rua Moraes Barros para a Rua Governador Pedro de Toledo, 1201, residência de Antonio Neder.

Em 1950, surgiu outro campeonato. Foi o Clube dos Bancários que venceu o Flôr do Bosque por 200 a 198, com a seguinte equipe: João Beozo, Basílio, Marino, Farjala e Antonio. O Flôr do Bosque, vice-campeão, formou com Carlito, Lalo Neder, Nenê, Matheus Tulio e Walter Polizel.



*Flôr do Bosque – 1951 Gin Moretti, Carlito, Lolico, Bibo, Neder e Nenê*

Em 1951, o Flôr do Bosque venceu o campeonato, jogando com Lalo Neder, Lolico, Matheus, Carlito e Nenê. Nos anos de 1952 a 1955, o Flôr do Bosque também venceu todos os campeonatos.

No ano de 1956 não houve campeonato, mas em 1957 foi realizado um grande campeonato, que teve como vencedor os Marianos da Catedral. O Flôr do Bosque foi vice-campeão.

No campeonato da cidade, em 1958, o Flôr do Bosque foi o grande vencedor, com a equipe formada por Nenê, Carlito, Júnior Petrin, Leonel e Lalo Neder.

Como não houve campeonato no período de 1959 a 1971, os clubes se dedicaram ao tênis de mesa, como ficou conhecido o pingue-pongue.

Do campeonato de 1972, o Flôr do Bosque não participou. Em 1973 e 1974, foram realizados os dois últimos campeonatos da cidade. O Flôr do Bosque venceu dois, com Nenê, Matheus, Pitico, Usberti, Lalo Neder, Salum e Leonel.

De 1975 a 1996, o Flôr de Bosque disputou torneios, campeonatos regional e estadual. Encerrou as atividades esportivas em 1989.



*Flôr do Bosque*

*Em pé: Rocha Netto, Mário, Neder, Moreto, Rubens e Moura.*

*Sentados: Manoel, Paulo Farah e José Fernandes.*



*Flôr do Bosque – 1997 - Moreto, Paulo Afonso, Manoel, Pitico, Nenê e Neder*

## *S. R. Palmeiras* (*Palmerinha – Palmeirão*)

A Sociedade Recreativa Palmeiras foi fundada em 26 de julho de 1926, com o nome de Sociedade Cultural e Recreativa Palestra Itália. Sua primeira diretoria foi a seguinte:

Presidente Honorário: Dr. Orestes Pentagna;

Vice-Presidente: Terenzio Galezi;

Presidente: Pedro Cofani;

Vice-Presidente: Dario Brasil;

1º Secretário: João Pinheiro Almeida;

2º Secretário: Pedro Adiam;

1º Tesoureiro: Maria Olívio Caprânico;

2º Tesoureiro: Avelina Palma;

Comissão de Sindicância: José Oliveira Gusmão. João Zinsly, Francisco Santos Castro e Joaquim Antonio Pires.

Direção Esportiva: João Cozzo, Frontino Brasil e José Fischer.

Fiscais de Sede: José Nery Germano e Josias Fischer.

Fiscais de Campo: Nazareno Cofani e Santos Cerquiari.

O primeiro jogo foi realizado no dia 22 de maio de 1927, contra o 2º quadro do XV, e a equipe esteve formada com: Zeno, Pilão e Achiles; Oswaldo, Moura e Do Chico; Rude, Zito, Rehder, Fischer e Joaquim. Foi nesse ano que o clube passou a disputar o campeonato amador com o nome de A. A. Avenida, passando no ano seguinte, a chamar-se A. A. Bairroaltense.



*A.A. Bairroaltense – 1934*

*Em pé, da esquerda para direita: Antonio Bertolini, Antonio Romano, A. Santiago, D. Moraes, Jamil Nechar, M. Zambelo, Camargo, J. Maria (Geno) e José Tejada. De joelhos: A. Vietra, N. Becari, Xoxo e Mazeto. Deitado: Mário Bijeto.*

No dia 15 de fevereiro de 1935, a colônia síria assumiu o acervo do clube do Bairro Alto, surgindo o E. C. Sírio, até 21 de maio de 1936.

Foi o clube que mais trocou de nome no Brasil, como se pode verificar:

1926: Sociedade Cultural e Recreativa Palestra Itália;

1927: A. A. Avenida;

1928: A. A. Bairroaltense;

1930: S. R. Palestra Itália;

1933: A. A. Bairroaltense;

1935: E.C. Sírio;

1939: Palestra Itália;

1942: Palestra de Piracicaba;

1943: Palmeiras;

1944: S. R. Palmeiras.

Para o período de 16 de março de 1943 a 16 de março de 1944, foi eleita a seguinte diretoria:

Presidente: Martinho Hellmeister;

Vice-Presidente: João Luiz Barbosa;

1º Secretário: Armando Beduschi;

2º Secretário: Antonio Françoso;

Tesoureiro: Herinque Freidemberg;

Diretor de Esportes: Mario Guidolin;

Procurador: Olicio Hellmeister;

Comissão Fiscal: Francisco Beduschi, Pedro Paulo de Oliveira e Antonio Gorga.



*Palmeiras – 1943*

*Em pé, da esquerda para direita: Alcides, Boi Tanza, Porfirof, Freidemberg, Mangarito e Cabrinha. Abaixados: Mexida, Colavite, Jane, Lopes e Nêne.*

Nova diretoria da Sociedade Recreativa Palmeiras, para o período de 20 de janeiro de 1946 a 20 de janeiro de 1949:

Presidente: Samuel de Castro Neves;

Vice-Presidente: Mario Guidolin;

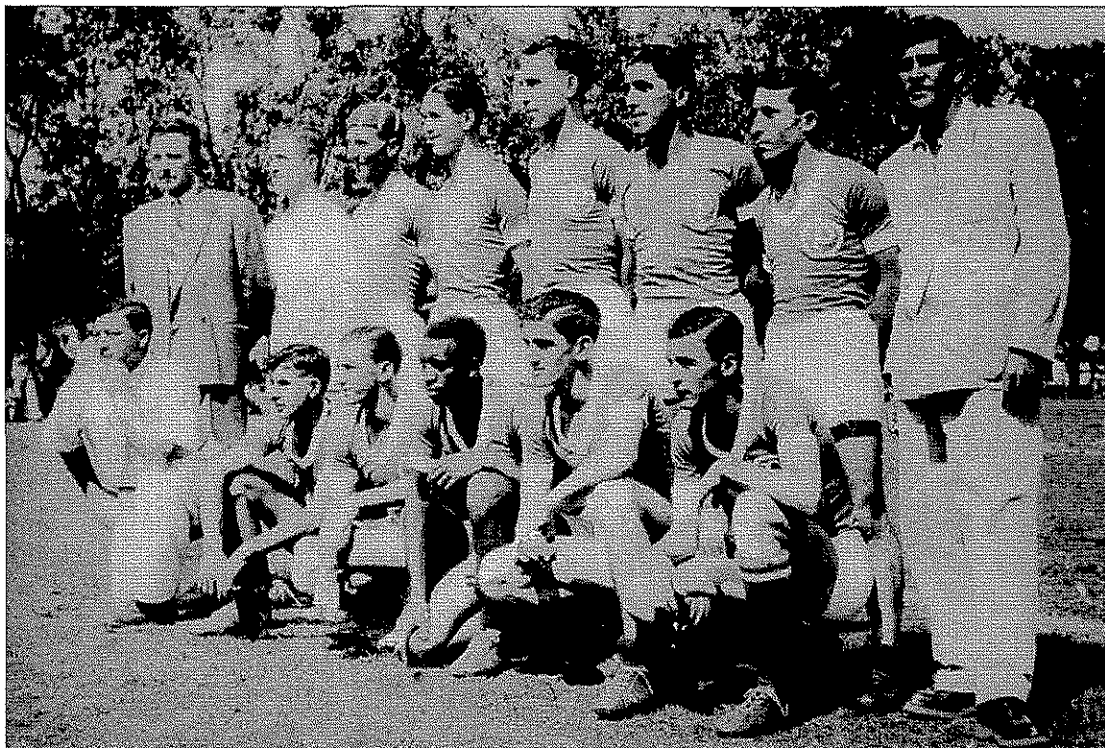
1º Secretário: David A. Banzatto;

2º Secretário: Hairto Teixeira Mendes;

1º Tesoureiro: Antonio Jorge Kraide;

2º Tesoureiro: Issa Salles;

Diretor de Esportes: Claudinho J. Beccari José Braga e Mário Françoso.



*Palmeiras – 1943*

*Em pé, da esquerda para direita: José Braga, ..., Orlando Boi, Beccaru, Mario Chorilli, Dumite, Vêio e Carbrinha.*

*Abaixados: Jacques de Andrade, Jerônimo, Curtinho, Bidito, Gatão e Cutchim.*

Para o período de 1º de janeiro de 1950 a 31 de dezembro de 1951, foi eleita a seguinte diretoria:

Presidente: Ismael Isidro Corazza;

1º Vice-Presidente: José Braga;

2º Vice-Presidente: Orlando de Mattos;

Secretário Geral: Antonio Aggio;

1º Secretário: Helio Raya;

2º Secretário: Pedro Fidelis;

1º Tesoureiro: Fernando Lucas;

2º Tesoureiro: Eduardo Hellmeister;

Diretor de Esportes: João de Almeida Filho e Ayrton Nardy de Mattos



*S. R. Palmeiras – 1952*

*Em pé, da esquerda para a direita: Nito, Pitta, Paulista, Julinho, Chiquito, Bidito, Paulinho e Zé Nocetti.*

*Abaixados: Curtinho, Jerônimo, Reinaldo, Pedro Salum, Dico e Lobinho.*

Em 1952, a S. R. Palmeiras sagrou-se vencedora do campeonato amador, quando venceu os Amadores do XV. Formaram: Chiquito, Paulinho e Julinho; Paulista, Pitta e Turco; Paulo Carraro, Pra, Bidito, Dide e Niquinho.

Também foi campeã do certame de aspirantes em 1956, com os seguintes jogadores inscritos: Badau, Tite, Landão, Daniel, Serelepe, Pedrinho, Tiquinho, Baitada, Lobinho, Ferrinha, Nardo, Saltinho, Coutinho, Dillon, Bidito e Rosinha.

Uma das mais poderosas equipes do S. R. Palmeiras, foi formada por De Sordi, Chorilli, Chiquito, Pedrinho, Teixeira, Dumit, Jerônimo, Japão, Miltinho, Cutchim e Bernardir.



*1958*

*Em pé, da esquerda para direita: Armando Sbrissa (Presidente), Tiago, Poppi, Pedrinho, Ento Mônico (Técnico), Paulo Cavioli, Turco e Guio.*

*Abaixados: Zuza, Palmieri, Bidito, Dirceu e Souzinha.*



A S. R. Palmeiras foi bi-campeão em 1958 e grande vencedora do campeonato amador de Piracicaba. Conquistou o título em janeiro de 1959, vencendo o Clube Atlético Piracicabano por 2 a 0. Formou com: Tiago, Paulinho e Turco; Poppi, Pedrinho e Esquerdão; Zuza, Zé Palmieri, Bidito, Dirceu e Souza. Também foi campeã amadora de 1979



*Sociedade Esportiva Palmeiras – 1960*

*Em pé, da esquerda para a direita: Perú, Tabaré, Pauliho Caviolli, Bengala, Poppi, Zeca, Turco e Luiz Marques Pentado (Diretor de Esportes)*

*Abaixados: João Leonel, Zé Gobbo, Dilão, Dide e Pinbegas.*

O futebol amador deixou de existir na S. R. Palmeiras no ano de 1979, logo após o time sagrar-se campeão amador daquele ano, embora o clube continuasse com outras atividades inclusive culturais.



*S. R. Palmeiras*

*Campeão Amador de 1979*

*Da esquerda para direita*

*Em pé, Paulo Caviolli (Técnico), Brás, Lelo, Humberto, Luizinho, Antenor, Vavé e Costa.*

*Abaixados: Almeida (Diretor), Carlinhos, Neguitinho, Cascão, Claudinho, Cândido e Mané*

A S. R. Palmeiras sempre esteve na Rua Bernardino de Campos, entre as ruas São José e Prudente de Moraes, ocupando uma área de 10.000 metros quadrados.

Em 12 de setembro 1993, foi fundado o Clube de Regatas Palmeiras de Piracicaba, quando houve fusão do Clube de Regatas de Piracicaba (fundado em 12/10/1907) com a Sociedade Recreativa Palmeiras (fundada em 26/07/1926), formado então o Clube de Regatas Palmeiras de Piracicaba. Antigamente, a S. R. Palmeiras era chamada de Palmeirinha, mas hoje é mais conhecida como Palmeirão.

### *Nacional A. C.*

Nas pesquisas feitas na Liga Piracicabana de Futebol e no Arquivo "Rocha Netto", nada foi encontrado sobre datas de fundação e da extinção do Nacional A. C..

Segundo informações do atual presidente da Liga Piracicabana de Futebol, José Roberto de Brito Leite, grande parte do arquivo da Liga foi queimado por ordem de um presidente.

Com base em depoimentos de vários ex-jogadores, o Nacional A. C. foi fundado em 1949 e extinto em 1959.



*Membros da 1ª Diretoria do Nacional A. C. – 1949*

*Da esquerda para direita*

*Em pé: João Álvaro Fachada Girão, Bento de Campos, Mario Carraro filho, José Franco do Nascimento Sobrinho, Paulo Carraro, Antonio Supriano e Guerino Grisotto.*

*Sentados: José Franco do Nascimento, Palmiro Françaço, Antonio Jorge Kraide, Antonio Grillo Neto, Francisco Zanatti e Argemiro Belluco.*

Em 1950, o Nacional A. C. sagrou-se campeão varzeano. Em 1951, conquistou os títulos de Campeão do "Torneio Início", Campeão Varzeano da Cidade e Campeão do Torneio da Cidade Alta. Nesse mesmo ano, foi eleito o clube mais querido da várzea, em concurso realizado durante as festas da Igreja Bom Jesus.



*Nacional A. C. – 1950*

*Da esquerda para a direita*

*Em pé: Palmiro Françaço, Nito, Nicola, Ginbo, Bode, Hermes e Alemão.*

*Abaixados: Tidinho, Vêio, Paulo, Gerinha e Tonim.*

No ano de 1954, conquistou dois títulos: Campeão do Torneio Início e Campeão do Torneio Cidade Alta. Em 1957, também, conseguiu mais dois títulos: o de Campeão do Quadrangular Cruzeiro e o de Campeão do Inítium.

Em 1957, a diretoria do Nacional A. C. era a seguinte:

Presidente: Eugênio Bottene;

Presidente de Honra: Antonio Jorge Kraide;

1º Vice-Presidente: Francisco Zenatti;

2º Vice-Presidente: Antonio Grillo Netto;

Secretário Geral: Geraldo Pereira;

1º Secretário: Dorival Chiquito;

2º Secretário: Argemiro Belluco;

Tesoureiro: Antonio Supriano;

1º Tesoureiro: José Antedomênico;

2º Tesoureiro: Guerino Grisotto;

Diretor de Esportes: João Natoni;

Diretor de Propaganda: Luiz Marcos Carraro;

Treinador: Euclides Côa.

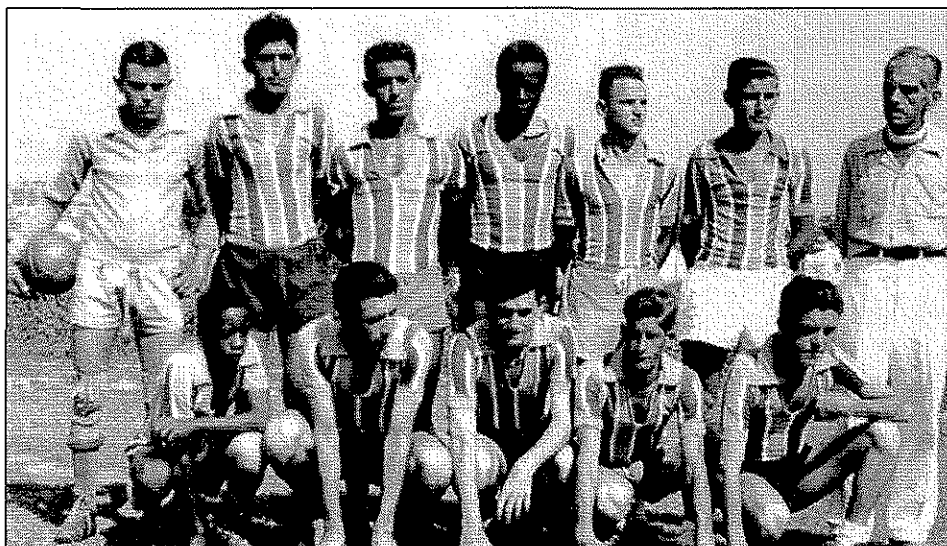
Outros jogadores passaram pelo Nacional A. C. como Pinóquio, Toninho Fischer, Jurandir Côa, Poppi, Dado, Dide, Curtinho, Piruzinho.

### *El Tigre F. C.*

O El Tigre F. C., foi fundado em 3 de dezembro de 1950.

O nome foi dado em homenagem ao grande jogador do passado – Arthur Friedenrach – que era conhecido por todos como “El Tigre”.

Sua primeira sede social foi na Rua Moraes Barros, nos fundos de um bar localizado em frente ao Largo Bem Jesus, passando depois para a Rua Alfredo Guedes, 1054.



*Da esquerda para direita*

*Em pé: Tejada, Osvaldão, Hêlio, ..., Baggi, Zeco e Alan Rolim Barbosa (Técnico).*

*Abaixados: Pelezinho, Gibeli, Laurindo, Erculano e Jarbas.*

Seu primeiro presidente foi o professor Antonio Messias Zimaski, que formava a diretoria com Jarbas Pinheiro Nunes, Adriano Nogueira, Archimedes Dutra, Laurindo Pontin, Ernesto Stolf, Ernesto Totti, Nils Mauro, José Butihnolli, Alan Barbosa e André Wenzel.

O primeiro campo do El Tigre foi na quadra formada pelas ruas D. Pedro I, D. Pedro II, Alfredo Guedes e Bom Jesus, onde hoje se localiza a Escola SENAI "Mario Dedini".

Posteriormente, passou para a quadra formada pelas ruas Visconde do Rio Branco, 13 de Maio, Manoel Ferraz de Arruda Campos e Voluntários de Piracicaba, onde hoje se acha instalado o Supermercado "Pão de Açúcar".

Seu primeiro técnico foi Alan Rolim Barbosa, militar reformado e grande esportista, que visava em primeiro lugar a disciplina.



*El Tigre*

*Da esquerda para a direita*

*Em pé: Neu,..., Luizão,..., Vavá, Santão e Alan Rolim*

*Abaixados: Gibeli, Cearense, Álvaro, Gatão e ...*



*Diretoria do "El Tigre" – sem data*

*Da esquerda para a direita*

*Em pé, atrás: Nils Mauro, Hélio Colpas e Ernesto Stolf.*

*Em pé, no meio: João Colpas, Adriano Nogueira, Antonio Coletti, Euclides Côa, Ernesto Totti e Antonio Nascimento.*

*Sentados: Hélio Braga, José Rosa, Laurindo Pontin José Butignolli e Dirceu Totti.*

A segunda diretoria foi formada por Laurindo Pontim (Presidente), Nils Mauro (Vice-Presidente), Adriano Nogueira (Secretário), Dirceu Totti (Tesoureiro), mais Hélio Colpas, Ernesto Stolf, João Aleixo, Antonio Coletti, Euclides de Côa, Ernesto Totti, Antonio Nascimento, Hélio Braga e José Butignolli, que dirigiu o clube de 3 de dezembro de 1951 a 3 de dezembro de 1955.

A partir de 1958, o El Tigre perdeu seu campo e conseqüentemente deixou de participar dos campeonatos da Liga Piracicaba de Futebol, realizando apenas jogos amistosos até desaparecer definitivamente no início de 1962.

O El Tigre F. C. foi campeão da disciplina em 1952.<sup>16</sup>

16. Texto de Laurindo Pontin, publicado na Gazeta da Cidade Alta, em junho de 1996.



*El Tigre F. C.  
Bonga, Romano, Raul, Laurindo, Luizão, Ourinhos, Álvaro, ..., Candão, ..., Dinbo, ..., Macaco,  
Sérgio, Querubim e Ernesto Totti (Técnico).*



*E. C. Paulistano*

*Da esquerda para direita*

*Em pé: Zé Bé, Robertão, Tite, Marcos Poppi, João Bernardino, Daniel e Tiago.*

*Abaixados: Gato, Jura Cão, Barrichello, Warner e Paulinho.*

### *E. C. Paulistano*

Foi no início de 1950, que um grupo de amigos deu início à formação de uma equipe de futebol, equipe essa que tomou o nome de E. C. Paulistano somente a partir de 1º de outubro de 1956.

Sua sede ficava em um bar localizado na esquina da Rua Moraes Barros e com a Rua Silva Jardim, hoje conhecido como Bar da Da. Maria ou Bar do Roque.

Sua primeira diretoria, em 1960, ficou assim formada:

Presidente: Euclides de Goes (Maneco);

1º Vice-Presidente: Antonio Maseto Filho;

2º Vice-Presidente: Daniel Justino da Costa;

Secretário Geral: Osvaldo Rodrigues;

1º Secretário: Antonio Carlos Galdino (Moreno);

2º Secretário: Raul Tosatto;

1º Tesoureiro: Orlando Tosatto (Landu);

2º Tesoureiro: Valdemar Milani (Dema);

Diretores de Esportes: Alcides Camolesi (Taquara) e Ariovaldo Sérgio Signorelli.

Por alguns anos, o E. C. Paulistano mandou seus jogos onde hoje está o Estádio Municipal "Barão de Serra Negra". Nos finais de semana, promovia jogos de confraternização, como por exemplo, casados contra solteiros.





*E. C. Paulistano*

*Da esquerda para a direita*

*Em pé: Zé Chiquito, Celinbo, Nezio, Tito Brossi, Betão, Toninbo, Roque e Maseto.*

*Abaixados: Tonin, Egidio, Nê, Djair, Gabi e Zelão.*



*Da esquerda para a direita*

*Em pé: Sérgio, Raul, Maseto, Chiquinho, Romualdo e Santana.*

*Abaixados: Manezinho, Paulo Paixão, Daniel, Onofre e Milton.*

Foi na década de 60, que o E. C. Paulistano formou um poderoso time de futebol de salão, além de disputar o basquete e o atletismo.

Nos torneios realizados na zona rural de Piracicaba e nas cidades vizinhas, o E. C. Paulistano quase sempre era o ganhador dos troféus. O que ficou gravado na história do Clube do Bairro Alto, foi a conquista do título de Campeão do Supercampeonato varzeano de 1973.

No período de sua existência, o E. C. Paulistano revelou inúmeros atletas que brilharam no futebol profissional piracicabano, paulista e brasileiro, tais como Warner (XV de Novembro), Jura Côa (Guarani), Tobias (Corinthians), Celinho (XV de Novembro), Ditinho Chumbão (XV de Novembro), entre outros.



*Da esquerda para a direita*

*Em pé: Binbo, Celinho, João, Santana, Milton e Araci.*

*Abaixados: Alfredo, Baiano, Moacir, Zico e Rubinho.*

Há uma dúvida quanto à data em que o E. C. Paulistano foi fundado. Nas fontes pesquisadas, encontrei informação de que a equipe foi formada no início da década de 50. Outra informação diz que somente em 1º de outubro de 1956 a equipe tomou o nome de E. C. Paulistano. No estatuto do clube consta a data da fundação como sendo 22 de março de 1956, porém, esse estatuto foi elaborado no ano de 1959. O Sr. João Bernardino, ex-jogador e um dos que fizeram a história do E. C. Paulistano, afirma com a segurança que a data correta da fundação é 10 de outubro de 1959. Quanto à data em que o clube encerrou as atividades, nada foi encontrado.

### *Esporte Clube Noiva da Colina*

Fundado em 30 de janeiro de 1970, o Esporte Clube Noiva da Colina teve a sua sede na Rua Dr. Octávio Teixeira Mendes, 1920.

Na ata datada de 5 de fevereiro de 1970, consta a primeira diretoria para o período de 1º de janeiro de 1970 a 1º de janeiro de 1972:

Presidente: Antonio Manesco;

Vice-Presidente: Euclides Barrichello;

1º Secretário: Luiz Claudio Peressim;

2º Secretário: Adolfo Lavorenti;

1º Tesoureiro: Nevio Antonio Ducatti;

2º Tesoureiro: Rudney Gava;

Diretor de Esportes: Eduardo Nogueira e Edirley Rodrigues;

Conselho Fiscal: Luiz Nelson Scarpari, Ademar Hellmeistr e Plinio Zezzi.



*Esportes Clube Noiva d Colina*

*Da esquerda para a direita*

*Em pé: Cidinho, Neno, Valter, Barrichello, Odarci e Lazinbo;*

*Abaixados: Carlinhos, Adolfo, Gandelin, Rudney e Pavan.*



*Esporte Clube Noiva da Colina*

*Da esquerda para a direita*

*Em pé: Lazineho, Gava, Jair, Valter, João Santana e Lineu.*

*Abaixados: Aldolfo, Noinho, Armando, Roberto e Martins.*

Em 25 de maio de 1976, a Liga Piracicabana de Futebol informava ao Presidente da Federação Paulista de Futebol, que o Esporte Clube Noiva da Colina não possuía mais diretoria e, portanto, estava afastado de qualquer atividade esportiva e social.

## *Time dos Alfaiates*

Na década de 1940, existiu um time de futebol chamado “Time dos Alfaiates” e, como o próprio nome indica, era formado pelos alfaiates de Piracicaba.

Na verdade, esse time desdobrava-se em dois: o dos casados e o dos solteiros, que estavam sempre se enfrentando, principalmente em data festivas.



*Time dos Alfaiates (solteiros) – 1947*

*Da esquerda para a direita*

*Em pé: Rogério Thomaziello, Armando Thomaziello, Renato Vasconcellos, Ditão, Toninho e Zé Mariano.*

*Abaixados: Micaco, De Sordi, Paulo Carraro, Pirumbá e Mário Carraro Filho.*

Outros times de futebol ainda existiram, como o dos “Ferroviários”, da Estrada de Ferro Sorocabana, e o “América”, dos funcionários da MAUSA.

## *O XV é do Bairro Alto*

Tudo o que pudéssemos falar sobre o Esporte Clube XV de Novembro, ainda seria pouco. Sua história e sua jornada de glórias são por demais conhecidas.

Antes de 1965, o XV mandava seus jogos no Estádio Roberto Gomes Pedrosa, situado na Rua Regente Feijó, no centro da cidade.

Com a inauguração do Estádio Municipal “Barão da Serra Negra”, em 4 de setembro de 1965, localizado no Bairro Alto, o XV passou a utilizá-lo. Seus treinos, jogos e reuniões passaram a ser realizados no novo estádio.

Em razão disso, é que podemos dizer orgulhosamente que o E. C. XV de Novembro pertence ao Bairro Alto.

# *Fundação da Cidade de Piracicaba*

“A povoação de Piracicaba tem este nome do Rio denominado Pirâcicaba que rega o seo terreno; e Pirâcicaba hê nome gentílico que no idioma português significa peixe que chega ou lugar aonde chega o peixe; e na verdade em o Salto deste Rio hã Cada anno abundância de peixe que sobe a sua torrente. Têm a sua origem de dois caudalozos Ribeiros Jaguary e Atibaya; e a sua Barra em o Rio chamado Anhêmbu ou Tietê; e sendo menôr do que este, no fluxo da agoas e iguala na latitude. Hê de agradável vista, de boa navegação, mui saldavel, e o seo terreno alegre, fértil cheio de Salsa Parrilha, excelente para todo gênero cultura. Conhecendo por informações estas estimaveis qualidades e Ilustríssimo e Excellentissimo D Luis Antonio de Souza Botelho e Mourão Governador e Capitão General desta Capitania de São Paulo, no tempo em que a mui respeytavel Coroa de Portugal cingia a Augusta Cabeça do Grande Rey e Senhor D Josê o primeiro que Deos haja, determinou fundar Povoação neste terreno. Por Provisão de vinte e quatro de junho do anno de mil e sete centos e sessenta e seis Constituiu Diretôr e Povoador della a Antonio Correa Barboa, naturâl da Vila de Ytú. Em o primeiro dia do mês de Agosto no anno de mil e sette centos e sessenta e sette fundou este a Povoação Com administrados vadios, dispersos e vagabundos, que mandou Congregar aquelle Excellentissimo Governadôr, e na margem do referio Rio da parte dalêm edificou a sua habitação e dos seos subordinados.”

Alguns indivíduos de melhor condição Concorrerão para este Lugâr, Convidados de sua fertilidade; e crescendo o povo foi promovido á Capitão desde o dito Diretôr e Povoador por Patente do mesmo Excellentissimo Capital Generâl datada em onze de Dezembro do anno de mil sette sentos e settenta e hum. Viverão os habitantes desta Povoação por espaço de seis annos, dês meses e vinte dias Subjeitos â voz Parochial de Ytú Com grave detrimento pela distância de quatorze legoas, que intermedão, e sendo clamado na prezença do Excellentissimo e Reverendissimo Byspo Diocesano D. Fr. Manuêl da Ressurreição, e permittido este que se erigisse em o dito lugâr Igreja ao Senhor Santo Antonio Padroeiro della e destinou para diviza de hũa, contra o Ribeiro Capivary; e sendo provido o Parocho o Reverendo Padre João Manuêl da Sylva Presbitero Seculâr de virtude e letras, tomou posse da Igreja no dia vinte e hum de Junho do anno de mil, e sette centos, e settenta, e quatro.”

“As diminutas forças dos freguezes desta nova Parachia a Constituirão pouco durável, pois vendo aquelle Reverendo Parocho que lhe não podião fazer Congrua sufficiente para Sua Conservação, a deixou por Consenso do Rmo. E Rmo. Prelado no dia vinte e hum de Dezembro do anno de mil e sette centos e settenta e seis, tornado esta Igreja á reunir-se â Parochial de Ytú á que a Providencia Divina Compadecida de tanto clamor permittio que o Reverendo Padre Fr. Thomê de Jesus Religiozo Franciscano de propecta idade, e exemplar Conducta quizesse sujeitâr-se ás pensoens de Parocho Com a diminuta cõgrua annual de sessenta mil réis, que os ditos moradores offerecião e obtendo Provizão do mesmo Exmo. e Rmo. Prelado datada em sette de Abril de mil, e sette centos, e oitenta e quatro tomou

posse da Igreja em vinte e tres de Maio do mesmo anno Com as divizas instituídas, e duzentas e tres pessoas de Confissão.”

“Animado o povo Com a presença de tão Zeloso e edificante Pastôr e Conhecendo que o terreno em que estava situada a sua Matríz não era sufficiente para hũa extensa Povoação, intentou transplantâr esta para a parte daquê[m] do dito Rio logo abaixo do Salto, Sitio alegre, alto, plano, e não distante das agoas. Este intento em seis de Junho do mesmo anno fê[s] chegar á prezença do Illustrissimo e Excellentissimo Francisco da Cunha e Menezes Governador e Capitão General desta Capitania em tempo do felis Reynaldo da muito Excelsa, Augusta e Soberana Raynha a Senhora D. Maria a primeira, que Deos guarde.”

“Pezou aquelle Excllentissimo General em a balança de seo perspicâs entendimento o que se lhe propôs: procedeo a mais exata averiguação sobre o melhoramento do terreno para a mudança; e sendo-lhe presente por informações que o lugâr proposto pelo povo era mais proporcionado para o intento e que o seo Contorno não deverá ser desprezado não Sô pelas excelentes qualidades que ficão referidas mäs tãobêm por ser o unico tranfresso de presente aberto para a vasta Campanha de Araraquara aonde muitas fazendas se podem estabelecer; e já se acha estabelecida a do Bacharêl Jozê Ignacio Ribeyro Ferreyra; e conhendo, que por estas Circunstâncias Convinha a referida mudança tanto ao bem público, Como particular da mesma Povoação, e ainda do Estado ordenou em sette de Julho do dito anno ao Capitão Môr da Villa de Ytú Vicente da Costa Taques Goes e Aranha, que junto Com o Capitão Povoador Antonio Corrêa Barboza pudesse fazer com mudar a referida Povoação de onde se achava, e situar la para a parte daquê[m] do Rio logo abaixo do Salto, ou em todo intervalo deste athê defronta da Barra do Ribeyrão Corumbatay, aonde melhor terreno houvesse, Como Consta da Ordem, Cujo thêor adiante se verão.”

“Em virtude della vayo o dito Capitão Môr á esta Povoação no dia vinte d dois do referido mês e anno, e trouxe em Sua Companhia o Capitão João Fernades da Costa, e a Miguel Francisco Paes Soares Mestre Entalhadôr e Arruadôr; e correndo estes com o Capitão Povoador, seos officiais, e mayor parte do povo o referido terreno, Concordarão unânimes, e o mesmo Reverendo Parocho em a mudança para o lugâr logo abaixo do Salto; e estando este cuberto de Mattos ampliouse e preparouse de mãm Commûm para o delineamento da Povoação; de que para Constâr lavrou e mesmo Capitão Môr esta lembrança em que assignou com o Reverendo Parocho, Capitão Povoador, Officiaes e o Mestre Entalhadôr e Arruadôr e o povo aos trinta dias do mesmo mês e anno.”

- |   |   |
|---|---|
| a Fr. Thomê de Jesus<br>Vigário Encomendado             | a Vicente da Costa Taques Goes e<br>Aranha<br>Capitão Môr |
| a Antonio Correa Barboza<br>Capitão Povoador            | a João Fernandes da Costa<br>Capitão                      |
| a Antonio Marques Barboza<br>Ajudante                   | a António Vieira da Maya<br>Alferes                       |
| a Miguel Francisco Pays Soares<br>Entalhadôr e Arruadôr | a Pedro Ferraz Pacheco                                    |
| a Domingos Gonçalves                                    | a António Coelho da Silva                                 |

Obs.: seguem-se mais assinaturas ilegíveis e, ainda, nova assinaturas em cruz.

Transcrição feita do volume "Documentos sobre Piracicaba – 1766- 1767.

Título: Memória do estabelecimento da nova Povoação de Piracicâba – junto á margem da parte dalêm do Rio do mesmo nome e da sua mudança e reedificação para a parte daquêm, do dito Rio.

O referido volume foi encontrado em 21 de novembro de 1951, nos porões do antigo prédio da Prefeitura Municipal de Piracicaba.

Outras datas importantes sobre a cidade de Piracicaba:

1810 – a povoação de Piracicaba foi elevada à freguesia.

31/10/1821 – mudou o nome para Vila Nova da Constituição; a portaria, que autorizou a mudança de nome, foi executada em 10 de agosto de 1822, pelo ouvidor de Itu, João Medeiros Gomes.

24/4/1856 – Vila Nova da Constituição foi elevada à categoria de cidade, conservando o mesmo nome;

13/4/1877 – voltou a chamar-se Piracicaba.

Piracicaba, conhecida também como "Noiva da Colina", está localizada no Centro-Norte do Estado de São Paulo (Lat. 22° 43' 31" e Long. 47° 38' 57"), altitude de 548 metros, dista 175 quilômetros da capital paulista pela Via Anhanguera (2 hs. e 22 min. de carro); 177 quilômetros pela Rodovia do Açúcar (2 hs. e 31 min. de carro) e 159 quilômetros pela Rodovia dos Bandeirantes (2 hs. e 7 min. de carro) e tem uma população de 358.108 habitantes.

## *Hino de Piracicaba*

### **Letra e Música de Newton de A. Mello**

*Numa saudade que punge e mata  
Que sorte ingrata! – longe daqui,  
Em um suspiro triste e sem termo,  
Vivo no ermo, dês que parti.*

#### *Estrilho*

*Piracicaba que eu adoro tanto,  
Cheia de flores,  
Cheia de encanto...  
Ninguém compreende a grande dor que sente  
O filho ausente a suspirar por ti!*

*Em outras plagas, que vale a sorte?  
Prefiro a morte junto de ti.  
Amo teus prados, os horizontes,  
O céu e os montes que vejo aqui.*

*Só vejo estranhos, meu braço amado  
Pouco se importam com teu encanto,  
Que eu amo tanto, dês que nasci...*





# Referências Bibliográficas

- ALMANAQUE de Piracicaba – 1900
- ALVES, Rodrigo – *Jornal de Piracicaba* – agosto de 2008
- BRAJÃO, Sidney Luiz – Cópia do livro de atas da *Sociedade de São Vicente de Paulo* – 1980
- CACHIONI, Marcelo – *Arquitetura Eclética na Cidade de Piracicaba* – Dissertação de Mestrado – 2002
- CAPRI, Roberto – Biografias – Ruas – 1914  
Piracicaba – São Paulo – Brasil – 1914
- CARRADORE, Hugo Pedro – *Retrato das Tradições de Piracicabanas* – Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – 1998
- DENNEMANN, Fernando Kitzinger – *A Batalha do Riachuelo* - Publicado no Recanto das Letras – 2007
- DICIONÁRIO Biográfico Universal Três – Três livros e fascículos Ltda. – 1948
- DISCURSOS e Conferências – Reitoria da Universidade de São Paulo – 1952
- FERREIRA, Marcus – Para Que o Brasil Continue – A Formação da União Democrática Brasileira – 1926/1937 – Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Gama Filho – 2005
- GAZETA de Piracicaba – outubro de 2004
- GRANDES Personagens da Nossa História – Abril Cultural – 1987
- GUERRINI, Leandro – *História de Piracicaba em Quadrinhos* – 1970
- Nomes que a Cidade Guardou – *Jornal de Piracicaba* – 1980
- Piracicaba, Suas Ruas, Suas Histórias – *Jornal de Piracicaba* – 1971 a 1980
- IGLÉSIAS, Francisco de Assis – *Memórias de um Agrônomo à Noiva da Colina* – Piracicaba – Editora Agronômica – 2003
- JORNAL DE PIRACICABA – Outubro de 1939, setembro de 1940, novembro de 1950 e dezembro de 1954
- KRAHENBUHL, Hélio Morato – *Almanaque de Piracicaba* – 1955
- LIMA, Elen – Piracicaba 241 anos – *Guardiões do Tempo* – Publicação do *Jornal de Piracicaba* – 2008

- MELO, Luis Correia de – *Dicionário de Autores Paulistas* – 1954
- NASCIMENTO, Luiz – *A Igreja do Nosso Senhor Bom Jesus do Monte – Jornal de Piracicaba*  
– setembro de 2005
- NEME, Mário – Documentário – 1936, *Piracicaba no Século XVII – 1938, Fundação de Piracicaba – 1940, História da Fundação de Piracicaba – 1943*
- NETTO, Cecilio Elias – *Almanaque 2000 – Memorial de Piracicaba – Século XX – 2000*
- NETTO, Rocha – *A História do XV – Jornal de Piracicaba*
- O DIÁRIO – Agosto de 1975
- POLACOW, Patrícia Ozores – Piracicaba, 241 anos – *Guardiões do Tempo – Publicação do Jornal de Piracicaba*
- TORRES, Maria Celestina Mendes – *Piracicaba no Século XIX* – Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – 1989

# Índice Remissivo

## A

A Conferência São Vicente de Paulo 87  
 A Imprensa 125  
 A Música no Bairro Alto 103  
 A rede 127  
 A Sapucaia 19  
 Angolinha 114  
 Ao Zequita 45  
 Asilo de São Lázaro 96  
 Avenida Armando Salles de Oliveira 21  
 Avenida Independência 19, 23

## B

Babá 113  
 Bandeirinha Amarela 127  
 Bar Cruzeiro 44, 45, 114  
 Benzedeiros, Farmacêuticos, Veterinários E  
 Parteiros 100  
 Bertopim 114  
 Branca Motta de Toledo Sachs 110  
 Brincadeiras Infantis 131

## C

Cambuquira 112  
 Caminhão – Pipa 127  
 Cano Frio - A Zona do Meretrício 131  
 Capela Santa Cruz 32  
 Carlito Óh 112  
 Casa Munhoz 41  
 Cemitério Municipal da Saudade 11  
 Chinchirubim 111  
 Chorilli 118, 139  
 Cobra 103  
 Colégio Salesiano Dom Bosco 72, 89  
 Conferência Nossa Senhora Auxiliadora 89  
 Conferência Santa Cruz E São Dimas 90  
 Conferência Santo Antonio 88  
 Conferência Santo Thomaz de Aquino 91  
 Conferência São Camilo de Lellis 91  
 Conferência São Francisco de Salles 90, 91  
 Conferência São João Bosco 89, 91

Conferência São Judas Tadeu 89, 90  
 Costumes e Curiosidades 127  
 Creche São Vicente de Paulo 92

## D

Dilãozinho 112  
 Dom 74  
 Dom Bosco 72, 73, 74  
 Dr. Alfredo José Cardoso 66, 67

## E

E. C. Paulistano 147, 148, 149  
 El Tigre F. C. 143, 145, 146  
 Entregadores 128  
 Escarradeiras & Cia 131  
 Escola de Música de Piracicaba “Maestro  
 Ernest Mahle” 77  
 Escola Estadual de 1º e 2º Graus “Sud Men-  
 nucci” 69  
 Escola SENAI 75, 76, 144  
 Esporte Clube Noiva da Colina 149, 151  
 Esportes 133  
 Estádio Municipal “Barão da Serra Negra”  
 152  
 Estrada de Ferro Ituana 26, 31, 65, 86

## F

Fábrica Aurora 48, 65  
 fábrica de balas “A Vencedora” 59  
 Fábrica de Balas Berê 59  
 Fábrica de Balas Nechar 59  
 Fábrica de Doces e Conservas Martini Ltda  
 58  
 Fábrica de Doces Minerva 57  
 Fábrica de potes 25, 52, 53  
 Família Cobra 104  
 Família Hellmeister 117, 118  
 Flôr 134  
 Flôr do Bosque 134, 135  
 Fonte da Saúde 64  
 Francisco de Castro Lagreca 108

Fundação da Cidade de Piracicaba 153

## G

Genaro Fogueteiro 111  
Grupo de Vigilantes Noturnos 130  
Grupo Escolar Dr. Alfredo Cardoso 26, 31, 119

## H

Hino de Piracicaba 106, 155

## I

Igreja Bom Jesus 24, 25, 31, 33, 46, 49, 82, 83, 142  
Inspetor de Quarteirão 129

## J

Jaçanã Altair Pereira Guerrini 103, 110  
Jim Jim E Carminé 114  
João Balaiero 112  
João Purgueiro 111  
Julio Bruhns 113

## L

Laranja Curtida 113  
Largo Bom Jesus 31, 78  
Largo da Estação Velha 31, 32, 65, 87, 119  
Largo do Cemitério 31, 34  
Largo Santa Cruz 21, 31, 32, 33, 34, 122  
Leandro Guerrini 103, 109, 110  
Lélio Ferrari 25, 53, 54, 55  
Luto – Fumo 129

## M

Mapa 16  
MAUSA 61, 62, 63, 152  
Mausa 61, 62  
Metalúrgica Bom Jesus 64  
Metalúrgica Piracicabana S/A 62, 63

## N

Nacional A. C. 141, 142, 143  
Naval 117  
Nha Lola 111

Nina Mata 112  
No Tempo de Dante 102

## O

O Bairro Alto 15  
O Carnaval no Bairro Alto 119  
O Comendador do Bairro Alto 107  
O Comerciante E Músico 107  
O XV é do Bairro 152  
Os Bondes Elétricos 124  
Osório Dias de Aguiar e Souza 110

## P

Padaria Bom Jesus 47, 48  
Pão de Açúcar 60, 61, 144  
Parque Barão de Serra Negra 26  
Pau de sebo 130, 131  
Piquete 99  
piquete de cavalaria 99, 100  
Piracicaba Tênis Clube 133

## R

Rações Ceres 42  
Recordações de Um Tempo Feliz 82  
Rua 13 de Maio 23, 34, 35, 38, 63, 99  
Rua Alfredo Guedes 21, 52, 53, 57, 65, 143  
Rua Aquilino Pacheco 22  
Rua Bernardino de Campos 22, 88, 91, 141  
Rua Bom Jesus 21, 25, 64, 101, 109, 110, 133  
Rua D. Pedro I 27, 88  
Rua D. Pedro II 27, 42, 76  
Rua Dr. Octávio Teixeira Mendes 27, 76, 133, 149  
Rua Floriano Peixoto 29  
Rua Gomes Carneiro 29  
Rua Ipiranga 28, 58, 64  
Rua José Pinto de Almeida 21, 25, 26, 27, 53, 76, 93, 95, 124  
Rua Manoel Ferraz de Arruda Campos 22, 53, 65, 86, 96, 107, 114, 117, 125  
rua Manoel Ferraz de Arruda Campos 107  
Rua Moraes Barros 15, 19, 24, 25, 26, 30, 31, 34, 35, 41, 44, 45, 52, 53, 59, 65, 86, 93, 95, 101, 112, 113, 114, 117, 122, 123, 129, 134, 143, 147

Rua Prudente de Moraes 23, 42  
Rua Rangel Pestana 26, 27, 76  
Rua Regente Feijó 23, 111, 131  
Rua Riachuelo 28, 63  
Rua Santa Cruz 21, 31, 32, 62, 77  
Rua São João 21, 42, 69, 101  
Rua São José 24, 53, 59, 65, 129  
Rua Silva Jardim 22, 34, 38, 63, 64, 108,  
111, 114, 117, 118, 131, 147  
Rua Visconde do Rio Branco 22, 60, 61, 88,  
92, 112  
Rua Voluntários de Piracicaba 23, 54, 59  
Rua XV de Novembro 26, 57, 59, 69, 86,  
107, 109, 110, 111, 118, 124

## **S**

S. R. Palmeiras 136, 137, 139, 140, 141  
Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba 21,  
38, 92, 95  
Sociedade Beneficente 13 de Maio 99  
Sociedade Espanhola 96, 97  
Sud Mennucci 70, 71  
SUPERKAVEÁ 63  
Supermercados Brasil 53

## **T**

Time dos Alfaiates 152  
Tipos Populares 111  
Travessa Caetano Romano 29  
Travessa Da. Felisbina Monteiro 24, 49  
Travessa Hortência Mônica Valério 23  
Travessa João Guerra 23  
Travessa Sabino 23  
Turminha dos Faquinhas 132

## **V**

Vicente Bilheteiro 114  
Violeiros E Cantadores 106

# Memórias do Bairro Alto

